ELI BRASILIENSE

PIÚM

NOS SARÍMPOS DE GOIÁS

2ª EDIÇÃO

PIÚM
NOS SARÍMPOS DE GOIÁS
ELI BRASILIENSE

Eli Brasiliense

Pium

I

Um caminhão Chevrolet “Gigante” roncava doidamente, subindo forte ladeira num espigão entre as cidades de Peixe e Porto Nacional. O chofer tinha os olhos pregados na estrada, segurando firme o volante.

A seu lado, na boléia empoeirada, um passageiro de luto olhava distraidamente a paisagem ao longe. O horizonte se mostrava limpo, na inconsistência azulada da imensidade. De repente o chofer levou a mão à alavanca de mudança, e passou o carro para segunda.

– Motor como este acho que não apareceu igual nestas banda. O danado puxa como quê. Ladeira pra ele é café pequeno, leva tudo de colher.

O passageiro continuava entretido com a paisagem. O caminhão volteava agora junto a um boqueirão, para se afundar num prolongamento de buracos e pedras soltas a que se dava o nome de rodovia. Dos lados, um pouco distante, algumas capoeiras mostravam bagaços de ranchos.

– Pro ano qui vem – continuou o chofer – se Deus quiser eu já fiquei livre das prestações pra pagá esta lacraia danada de boa. O cristal tá dando dinheiro que é um dispotismo. Não me enchi ainda de gaita é porque sou mole, sou besta mesmo, garimpo só não dá camisa é pra garimpeiro. O resto enche dos bandido.

Cuspiu para fora. Com a velocidade do carro a cusparada foi levada pelo vento, saracoteou no ar e transformou-se numa chuva instantânea de perdigotos. Depois de passar as costas da mão pela boca, prosseguiu:

– Também os miserave que vive cavando chão são uns coitado. Quando discobre uma cata boa, qui começa a soltar cristal, logo aparece um isperto qui abocanha ela sem mais nem quê. O sinhor já reparou qui preço pra garimpeiro é tudo diferente? Eu cá não me meto nessa bestage de cavá terra. Minha vida vai se equilibrando mais é neste volante velho de guerra. Pra garimpeiro é tudo danado de caro. Tá na moda cobrá caro. Eu por exemplo cobro passage de gente qui vai pro garimpo é ali na batata. Agora assim pro sinhor qui vai pro exército, vai defender nosso Brasil, é diferente. Mais pra gente qui vai pro garimpo, é ali no pau da goiaba. O

fregueis tem qui pagá sem tugir nem mugir. Também se os chofer num se aproveita, os comerciante e os jogador limpa eles.

Consertou o espelho do caminhão, ajeitou o boné, olhou-se por alguns instantes meio sorridente e prosseguiu:

– Também sou reservista. Se for chamado, não digo qui vou rindo, mais também não é preciso ninguém vim me buscá. Não intendo bem esse negócio de Pátria. Porque minha Pátria, minha casa, minha cama tem sido esse caminhão bacana qui o sinhor tá vendo. Faz anos já qui não sei o qui é dormir em casa. Casa dos outros, porque a gente paga um aluguel abissurdo e termina é não tendo onde morrê sossegado.

O caminhão deu uma bacada tremenda, sacudiu-se todo e quase montou num barranco.

– Estrada filha-da-mãe! – praguejou o chofer. Ota lazeira! Mais como eu ia dizendo, esta guerra é o diabo! Magina o sinhor quanta gente morrendo e outros ficando imprestável Pro resto da vida. Não sei, mais acho qui neste mundo não precisava ter soldado. Pra que soldado? Só pra fazer guerra? Devia ter só um tiquinho de general e outros graduado pra ensiná todo mundo a brigar. Depois qui aprendesse, a bicharama ia pra lavoura, pras fazenda, pras oficina. Quando nosso Brasil precisasse, quem é qui não sabia dar tiro?

Parou um pouco para tomar fôlego. O passageiro semelhava um cadáver de olhos abertos. Nem parecia que estava respirando.

– Depois... tem isso. Consertando bem este mundo, ajeitando bem os parafuso dele não escanchela mais, garanto o sinhor, sou capáiz de apostar. – Manobrou o volante com uma perícia admirável, para se livrar de um buraco, e continuou a conversar. – As nação é mesmo qui carro de marca diferente. Uns tem mais aperfeiçoamento qui os outro, tem mais luxo, anda mais ligeiro, mais tudo é a mesma coisa. Ajeitando bem as peça, limpando tudo direitinho, o trem funciona correto. Depende de quem guia o carro. Assim é as nação. Se o chofer é barbeiro vai tudo pros inferno! Quem tá dentro do carro é qui agüenta as conseqüência.

A paisagem agora era diferente. O passageiro somente àquele momento o havia notado. O chofer já estava acostumado com aquelas coisas. A estrada para ele

era como caminho de casa. Iam agora rolando num chapadão e o veículo deixava para trás uma nuvem de poeira avermelhada. Somente alguns arbustos, cujas folhas estavam da mesma cor da terra, se alinhavam à margem e a poucos metros da estrada.

Árvores sujas, inúteis, esqueléticas e opiladas, semelhantes a uma longa fila de mendigos à espera de esmola.

Ao descer uma colina avistaram, próximo de um mata-burro colocado à entrada de vastos latifúndios, outro caminhão parado. Estava cheio de mulheres na carroceria. Lenços de cores vivas, pulseiras largas, vestidos os mais diferentes e espalhafatosos, muito riso louco, muita cantiga à-toa. Um pequeno cabaré rodante, abrindo um parênteses desrespeitoso à virgindade e à quietude daquela paisagem beata. Beata e desolada.

– Aquele caminhão tá cheio de mulher dama que vai pro garimpo! Veja só, espia!

O passageiro olhava noutra direção. Sua fisionomia era como nuvens carregando trovões no bojo. Carrancudo e mudo.

– Alguma coisa ai, Neco? – perguntou o chofer ao colega que bebia água num galão amassado.

– Tudo em orde, Silvestre. Parei um tiquinho pra esse gado...

– Gado é sua mãe, seu filho da pulícia! – retrucou uma das mulheres.

No meio daquelas prostitutas, muitas das quais já estavam gastas, surradas, o que era notado pelos vestígios de cansaço estampados em seus rostos forçadamente alegres, desgraçadamente habitados por sorrisos constantes e hipócritas, no meio daquelas mulheres havia uma morena, nova, bonita, com um lenço cor-de-rosa à cabeça ostentando um sorriso safado.

– Aquela novilha não será a...

– Escarrada e cuspida, Silvestre – falou Neco interrompendo a frase. – A bichinha era fogosa dimais pra esperar casamento. Casou, mais foi na igreja verde...

– E o Benedito, noivo dela?

– Ficou chupando o dedo.

– Quando foi qui ela se estabeleceu?

– Sei lá... Só sei qui faz pouco tempo. Tá ringindo ainda. Passou lá na casa dela um tal de Rolinha, com um fordeco, falando difícil, tapiou a coitada, imbromou o pai dela, prometeu casar com ela e arribou com a franguinha pra Cristalina. Deixou ela lá e sumiu no mundo. A diabinha parece até qui gostou de achar um pra tirá ela de casa.

– Rolinha...? Ispera aí... – Silvestre bateu na testa várias vezes, depois parece que a lembrança lhe acordou de sopetão. – Conheço dimais!.. . Aquilo é um pinta! Ele tá lá pelo garimpo do Pium. E o pai dela?

– O pai dela ficou meio bobo depois de sofrê uma congestão. Acho qui foi congestão nada, Silvestre. Ele ficou disquilibrado com o negócio da filha desincaminhá. A mãe dela é uma coitada, os irmão tão todos pro garimpo do Fundão. Garanto qui essa peste não manda nem um mixo pro povo dela...

– Qual é a sua aí. Neco?

Neco fez a mais cínica de todas as caras, deu uma risada e respondeu:

– Aquele elefante ali!

– Sua, vírgula – retrucou a mulher gorducha. Tou por sua conta só até no garimpo. Água do coco é quente, quem manda aqui é outra gente! Nem te ligo!

– Minino!... espia só o luxo desse bucho!

– Quem é esse mudo qui vai aí dentro? – indagou uma rameira de cabelo oxigenado.

Silvestre, com receio de um possível estouro do passageiro de cara amarrada, respondeu apressado:

– Não bula com meu passageiro, vaca! Isto aqui é caminhão de gente decente! Bem, Neco, então até...

– Boa viage! Fale pro Belezão qui não se esqueça de meu feixe de mola, pois o meu tá vai-não-vai!

– Tá dito!

Acima do pára-brisa do caminhão havia escrita, em letras grandes e brancas que se destacavam do azul da pintura geral do veículo, a seguinte frase: VAMOS COM DEUS!

Quase todos os caminhões que trafegavam por aquela estrada apresentavam na frente frases sugestivas. Os choferes acreditavam que isso lhes trazia sorte e era um verdadeiro amparo contra os desastres freqüentes nas pontes e pontilhões velhos e de vigas soltas, ou nos chapadões escorregadios.

Quem viajasse por aquelas bandas, que naquela época tinham desusado movimento, um constante vaivém de caminhões, automóveis, carros de bois, cavaleiros, gente a pé, de saco às costas, gente por cima da carga dos veículos, poderia ver as frases que os caminhões traziam. Aquilo era uma espécie de bandeira, de senha para a luta desabusada daqueles homens que representavam a continuidade do movimento comercial entre os garimpos de cristal e os centros importantes do país.

Sob aquelas divisas se abrigavam os carregadores de gente e de cristal, de mercadorias e de quinquilharias, de gêneros de primeira necessidade e de bugigangas, de fundos de loja adquiridos em leilões e que naquelas regiões eram batizados com o nome de “novidades”, “última moda do Rio”, etc. SOFRO SORRINDO, LEÃO DO NORTE, VAI OU RACHA, VAMOS COM DEUS, DESABUSA, CRAVO DAS MENINAS, VOU E VOLTO, TERROR DE GOIAZ, e outra série de nomes pitorescos estava em moda na classe dos condutores rodoviários. O chofer que não tivesse qualquer coisa escrita no seu caminhão não era considerado de boa gente, ficava à margem do prestígio desfrutado por seus companheiros naquela maloca de gente que era o garimpo do Pium.

Momentos depois uma nuvem de poeira se levantava bem distante, à frente. Outro caminhão vinha em sentido contrário. Mesmo dali se poderia ver que vinha sobrecarregado. Completamente entupido. Muita gente por cima da carga. Mulheres, velhos, crianças, moças, meretrizes, homens fortes e sadios, outros opilados e tristonhos, toda essa massa humana movediça de que era formada a população dos garimpos.

As jazidas de cristal de Pium, Fundão e Cristalina atraíam toda cambada de sanguessugas da economia popular, de mistura com os mal-aventurados cavadores de terra e fabricantes de cidades. Onde o garimpeiro pisava por algum tempo brotava um povoado qualquer.

Mascates, jogadores profissionais, comerciantes, botequineiros, fabricantes de refrescos, com laboratórios ambulantes, especuladores de todos os quilates, charlatões, e no meio dessa gente danada por dinheiro, empanzinada por um individualismo invulgar, uma ambição doentia pela fortuna, estavam os garimpeiros entregues ao seu próprio destino, desvalorizados e anônimos. Esses heróicos sertanejos, de cujos braços dependia a segurança da resistência e da ofensiva aliada, se anulavam ante a pressão de ambições desenfreadas daquela praga de indivíduos espertos e alheios aos interesses de uma coletividade sofredora. Para essa gente a guerra, ao invés de ser um castigo, era apenas oportunidade para lucros fabulosos.

Em alguns instantes os caminhões se defrontaram. Os choferes fizeram um aceno com a mão direita aberta, à guisa de saudação.

– Este é o negro Tibúrcio – explicou Silvestre. – Tá podre de rico. Não largou ainda de choferar porque nasceu os dentes em cima do volante, dentro do caminhão, com a venta pregada no cheiro de gasolina. Começou como ajudante do Limiro. Depois arranjou um forde velho, mas vivia numa pendenga danada, dando facada de vez em quando nos companheiros. Agora tem casa em Anápolis e tem dinheiro no banco. Tem ainda duas mulher por conta, esse nariz de sino. Não sabe nem quantas pernas tem um A. Pra esse negro o cristal foi mesmo uma pichincha. Entrou no negócio de garimpo com o pé direito. Pé nada. Essa disgrama tem é laje. Também não tem dó de ninguém, é danado de isperto. Parece qui tem parte com o cão. Carrega passageiro e compra cristal, vende trem no câmbio negro, faz breganha, passa a perna nos outro, pinta os caneco! Diz que ele é até pagão!

O caminhão do negro Tibúrcio enfiou o focinho na poeira do Chevrolet, como o próprio êxodo em marcha acelerada.

Muita gente que seguia por aquela estrada já havia por ali passado em sentido diverso, cheia de esperanças, atraída pela miragem do garimpo do Garças. Agora voltava acabrunhada e pobre, quase sem energias suficientes para continuar a luta pela subsistência, abatida e esfarrapada, em busca de outra miragem que julgava uma coisa infalível.

Por certo, pensavam os garimpeiros que retornavam, era porque a sorte não estava lá naquelas regiões do diamante, onde muito capangueiro saía com as mãos

cheias de pedras preciosas, lavadas com suor alheio, enquanto a multidão sem nome continuava a cavar a terra, enfeitiçada pela esperança de fortuna, sem muitas vezes saber que cavava a própria sepultura.

II

Terra pobre. Pedaço de terra pedregosa e improdutiva esquecido nos sertões de Goiás, encalacrado no vasto município de Porto Nacional.

Os raios do sol despencavam livremente sobre ela, torrando-a. Ali as árvores eram poucas e não lhe davam sombra suficiente. No rigor do verão, muita rês que se aventurava por aqueles cerrados, escarafunchando pastagem, ficava por ali mesmo espichada, para saciar a fome dos urubus. Algum viajante extraviado, buscando na treva quase impenetrável da noite um rumo certo, se não fosse bom na sela, seria atirado ao chão, pois a cavalgadura constantemente dava um salto de banda, fungando aterrorizada, quando um monte de ossos brancos no meio do cerrado assinalava uma rês de menos.

O gado por ali era guenzo, chifres grandes e finos afiados na ponta. Não raras vezes os caçadores confundiam um novilho com um veado mateiro. Muito gado, criado como bicho brabo, cabeludo e arisco.

As escavações provocadas pelas chuvas deixavam à mostra alguns blocos de cristal que iam rolando no capricho das enxurradas, de mistura com a ossama das reses que não haviam agüentado a seca. A pastagem naqueles ermos era a pior possível, mesmo no tempo das chuvas. Matas para a lavoura eram poucas e madeiras para as construções eram escassas.

Alguns sertanejos ainda teimavam em permanecer nesse fim de mundo, aproveitando insignificantes nesgas de terras para cultura, pregadas ao pé dos montes, em áreas devolutas mas todas sob o domínio dos fazendeiros residentes na cidade. Os supostos proprietários lhes tomavam metade das colheitas, mas aquela gente era teimosa e ficava ali agarrada como carrapato, mesmo maltratada. Carrapato, quanto mais o machucamos, mais ele se aferra ao nosso corpo. Assim era aquela gente. A

ignorância lhe transtornava a mente com um terrível fatalismo, uma incapacidade de reação fora do comum.

Havia uma terra pobre, um grande pedaço de terra quase abandonada nos sertões de Goiás. Os lavradores que moravam ali e percorriam as redondezas, buscando animais sumidos e pensando no pouco que as roças lhes davam, e no muito que os latifundiários exigiam de suas fracas colheitas, encabulados com a doença constante dos filhos, roídos pela maleita e pelas lombrigas, não notavam que a terra, por pior que seja a sua aparência, sempre esconde algum tesouro. Não desconfiavam que todo o bem e todo o mal provém da terra e tudo nela se dissolve depois. Toda nesga de terra serve para alguma coisa. Toda terra é boa, os homens é que são malvados.

Aqueles moradores viviam ali desamparados, sem assistência de qualquer espécie, inexpressivos, num abandono total. Talvez nem ao menos tivessem sido recenseados. Quem se meteria naquelas bibocas para ganhar quarenta centavos por cabeça para incluir na população brasileira gente doente e miserável?

O esforço daquela gente se anulava ante a ruindade do meio e a falta de auxílios para empreendimentos atrevidos, compensadores e capazes de melhorar a sua condição de selvagens.

Aquele pedaço de terra era ingrato mesmo. Somente dava com fartura aquele cristal que nem servia para pedra de fogo. Os roceiros tinham que buscar pedras para seus isqueiros muito longe.

As crianças, pançudas e nuas, brincavam pelo terreiro com tropas e boiadas, cujos burros e bois eram convencionalmente representados por pedaços de cristal catados na casca da terra, ou nos grotões feitos pelas chuvas. Meninos com bojudos ventres luzidios, como enormes cuias firmando-se no graveto das pernas.

Os grotões eram chamados pelos sertanejos de mata-cavalos. De fato muito cavalo ali tombou, quebrando o pescoço, ao tentar saltar os buracos, com a peia de pé-e-mão.

Quando as crianças se cansavam de brincar, deixavam o cristal no mesmo lugar. Os porcos empurravam os blocos com o focinho, interessados em minhocas ou em restos de comida, ou simplesmente em fezes ancilostomizadas. As galinhas

ciscavam os pedaços menores, para que os pintos pudessem catar as formigas ou grãos de arroz perdidos por ali. Os meninos traziam mais. Havia cristal em profusão. Era uma faixa de terra onde morava gente muito pobre, dona somente do ar que respirava, pisando numa riqueza enorme, esparramada por todos os lados.

Uma grande maloca de gente vegetava e sofria naquela zona dominada pelo Pium, que corria aos trambolhões para se apadrinhar com o Araguaia, com medo daquele deserto.

Quando o mundo sentiu apavorado o peso da bota nazista, e experimentou no lombo o cutucar da espora da opressão, ouviu-se um grito quase angustiado, um grito, porém, salpicado de confiança: “Cristal! Dêem-nos cristal, por qualquer preço!” Para aquela terra inculta e má, perdida nos ermos de Goiás, as vistas do mundo se voltaram esperançosas. Ali havia cristal feito praga.

Os raros moradores da zona do Pium viram, de boca escancarada, chegar um ror de gente de todas as idades, de todas as profissões, de todas as camadas sociais.

Tropas surgiam numa mistura de gritos de peões e de tilintar de guizos. Carros de bois gemiam, carregados de trastes velhos, ferramentas novas e usadas, seguidos de gente a pé, empoeirada, cabeluda, assanhada. O êxodo dos campos e dos lugarejos escorria todo para ali. Armavam-se barracas às pressas. Construíam-se ranchos provisórios, sem prumo, desengonçados. Gente que chegava a pé, de saco às costas, se metia em locas de pedras, onde muitas vezes permanecia constantemente, à mingua de meios para construir um rancho.

Tempos depois abria-se uma estrada de rodagem até lá. Caminhões e automóveis iam e vinham, apagando com seus pneus rastos grandes e pequenos calcados na terra fofa. O arraial crescia como leite fervendo. Agarrava-se nos morros, alastrando-se pela chapada numa sucessividade de ranchos e barracas; descia ladeiras, equilibrava-se nos barrancos. O lugar atraía mais gente. Chamava mais dinheiro e mais misérias. As rodovias tornaram-se insuficientes para atender ao movimento de gente que queria ir para aquele pandemônio. Fez-se um campo de aviação. Os aviões varavam o espaço, cheios de homens e de dinheiro. Regressavam roncando repletos de cristal. Aquelas pedras desvalorizadas que os sertanejos olhavam indiferentes tornaram-se uma verdadeira oficina de dinheiro falso, porque qualquer guenzo vivia

com o bolso cheio daquelas notas fabricadas às pressas pelo governo. Improvisavam fortunas da noite para o dia. Transformavam-se, num abrir e fechar os olhos, em nova fonte de riquezas e de misérias, de morticínios e de intranqüilidades, de especulações e de desejos insaciáveis.

Muitos elementos da zona do Pium se afundaram mais para o ermo, espantados com tanta gente. Outros foram atraídos também pela miragem e ficaram por ali mesmo. Pregaram-se no visgo do garimpo. Misturaram-se no formigueiro humano formado subitamente.

Um destes últimos foi Zé do Carmo. Tinha uma filha única, a Ritinha, que conhecia somente panos feitos por sua mãe, sá Zefa, num velho tear.

No garimpo surgiam sedas de cores endiabradas, balangandãs e colares tentadores, pulseiras, anéis e brincos do tamanho de tucum maduro. Ritinha ficou inteiramente apalermada. Zé do Carmo não podia comprar aquelas coisas, porque seu modo de vida mudara pouco. Ganhava um disparate em comparação com o que fazia na lavoura mas a carestia da vida engolia tudo. Trabalhava sem descanso e continuava a fazer somente para comer, e para vestir uns riscados caros e podres.

Sá Zefa estava assombrada com tanto dinheiro. Notas de quinhentos entravam por uma porta e saíam pela outra.

– Esse dinheiro parece qui tem maldição! Izala feito alcanfor!

E a voz de Zé do Carmo aparecia sempre, para acalmar qualquer ameaça de transbordamento do desespero que se ocultava nas palavras de sá Zefa, completamente desorientada com aquela mudança brusca de sistema de vida.

– Calma, Zefa. Güenta firme. De hora em hora Deus miora...

A situação, porém, se agravava cada vez mais. Todos os lavradores das redondezas eram arrastados para o garimpo e a produção da lavoura caía. Os poucos estoques de gêneros alimentícios eram vendidos por preços elevadíssimos. O dinheiro cada dia valia menos.

Ritinha a princípio tivera medo de tanto povo. Ficava ajudando sua mãe no rancho. Depois foi perdendo o medo. Percorria já, sozinha, aquele labirinto feito de casas improvisadas. Não tinha mais receio daquele povo que considerava estrangeiro.

Também ali havia uma mulherada terrível, que alegrava as farras dos garimpeiros, quando estavam de bolsos cheios e esfarinhavam o dinheiro numa noite pelas tavernas.

O rancho em que moravam agora era quase de beira-chão, como centenas de outros, feitos para uma semana e que ficavam para muito tempo, enquanto a palhoça e o madeiramento agüentavam.

A antiga casa de Zé do Carmo ficava distante do garimpo. Era alta e bem feita, madeiramento grosso, fornido. Alta demais. A mais graúda que havia por ali e que abria um contraste forte com as outras palhoças. Certo dia alguém lhe perguntou por que fazia uma casa daquela altura, sem precisão nenhuma, e ele respondeu com simplicidade:

– É porque acho qui o home qui vive em paz com sua consciença, não precisa dobrá o espinhaço pra entrá em casa. Entra mais é desimpenado, com a cabeça em pé!

III

Certo dia Ritinha entrou na loja de Domingos Fernandes, um comerciante que havia pouco tempo se estabelecera ali. O homem estava atarefado vendendo bugigangas. Dinheiro por ali rodava fartamente de mão em mão. Dinheiro falso, produto de inflação.

A moça olhava aquilo tudo, enquanto Domingos atendia aos numerosos fregueses, na maioria prostitutas e garimpeiros gastadores. Entrou um capangueiro, ou um zebuzeiro, talvez. Lenço de seda ramada ao pescoço, chapéu de abas largas. Calças bombachas e botas sanfona. Bigode arrebitado no canto dos lábios, mãos nos bolsos, ar bonachão e de quem estava bem acomodado na vida.

Correu os olhos pelo mulherio que comprava braceletes, brincos, sapatos e bolsas da mesma cor. Pelo balcão engendrado de caixotes de pinho viam-se cortes de seda de preços absurdos, loucos. Ninguém pedia menos. As formas graciosas da sertaneja, denunciadas mesmo através da roupa grosseira de algodão, chamaram a atenção do homem de botas sanfona.

Ritinha estava tonta com aquilo tudo e assustou-se quando o gajo lhe falou bem perto, debruçando-se no balcão. Sentiu-lhe o hálito fedendo à cachaça.

– Tá gostando das coisas?

A matuta quis responder mas teve medo do sorriso sem-vergonha daquele intruso. Duas coroas de ouro, engastadas nas presas, davam ao sorriso do capangueiro uns modos de capeta. Ritinha afastou-se mais, com o coração num tuque-tuque de pilão socado de dois. Não sabia bem por quê. Estava com um pavor mesclado de angústia.

– Vou comprá algumas coisa desta pra você. Pode ser ou tá difice?

– Inhornão. Pai num gosta qui a gente receba coisa de gente qui não é parente.

– Boba! Então tu quer ficar a vida toda com esse vestido feio de algodão? Não tá vendo logo qui vestido de algodão só quem usa hoje em dia é bobo ou gente de asilo? Tu não vê logo que essa figa que tá no teu pescoço só minino qui tá mamando é que usa? Eu te falo pra você, tenho pena de vê moça bonita assim maltratada, pois.. .

– Que cantiga é essa com a baiana, Rolinha? – falou uma das mulheres, aproximando-se.

– Ora! Vai amolar o boi. Toma isto e cai fora, vai pro diabo, gata relaxada! – Rolinha enfiou a mão no bolso largo da calça, tirou um bolo de notas, separou uma de cinqüenta e entregou-a à rameira, rosnando. – Desinfete!

– Tá certo, filho! Agora você pode continuar com tua cantiga, vou me retirando...

– Vá tomar banho!

– Não se apresse, nego! Já tenho o cobre pro sabonete!

Os dois ficaram a sós novamente, pois as outras mulheres e garimpeiros continuavam entretidos com as mercadorias. Os olhos de Rolinha apalpavam, num sensualismo destemperado, o corpo da sertanejinha, de cima para baixo e vice-versa. Olhar de bisturi, penetrante, incomodativo.

Os olhos são grandes para devassarem a distância, mas não raras vezes são pequenos demais para conterem uma pequena dose de maldade humana.

– Então, moça. O que qui já resolveu? Tu quer mesmo continuar com esse vestido de algodão ou quer bancá uma sedinha? Anh? Tá legal?

Ritinha desviou os olhos de Rolinha e passou uma olhadela em si mesma, dos pés à cintura. Ele alisou o bigode, antevendo mais uma próxima conquista. Tinha já uma porção de casos de sedução de moças da roça. Mais um ou menos um era coisa sem importância.

Somente agora, com as palavras intencionais daquele homem, ela notava que havia mulheres que não vestiam roupas daquele jeito. Na rudeza de sua vida pensara até aquele momento que todo mundo se vestia como seu pai e sua mãe. Mesmo depois de haver chegado ali um disparate de gente estranha, conservou-se alheia ao progresso que as mulheres haviam atingido para seduzir os homens.

Toda gente devia ser igual em qualquer parte. Nunca imaginara que existissem brincos tão bonitos e diferentes dos carocinhos de ouro presos às suas orelhas furadas. Todas as meninas deviam usar figuinha ao pescoço para se livrarem dos maus olhados e tentações do demônio. Na roça havia também anéis. Eram feitos de coco tucum. Polidos e pretos. Os sertanejos lhes davam o brilho dos olhos de suas amadas.

Agora despertava de seu primarismo quase selvagem, para procurar entender uma vida inteiramente diferente. Correu o olhar pela loja e contemplou sobressaltada a chusma de mulheres vestindo as mais espalhafatosas sedas. Não tinham figas no pescoço, nem bentinhos, mas ostentavam colares de contas enormes. Contas que eram verdadeiras blasfêmias duras a qualquer rosário bento. Sua mãe usava um grande rosário de leite de Nossa Senhora.

Os homens que choviam por ali vestiam roupas diferentes das de Zé do Carmo e não andavam descalços. Ela também andava descalça. As moças e as mulheres, mesmo as franguinhas, usavam sapato ana-bela. Tinham as unhas do dedão pintadas de vermelho, apontando para fora dos sapatos dos mais variados tipos. Faziam a boca tomar formas diferentes, à custa do batom. De vez em quando amanheciam com o cabelo louro. Isto já não era mais um dote da natureza.

O mundo viera parar ali com todas as suas tentações, toda a sua hipocrisia, todas as suas grandezas e misérias. No garimpo havia dinheiro à beça. Havia miséria e imundície a granel. Havia gente como formiga. Havia sapatos bonitos, vestidos bonitos, mulheres bonitas, jóias feiticeiras, máquinas que faziam água virar gelo,

bebidas que espumavam como as cascatas do ribeirão Pium. Um pedaço de céu e um pedaço de inferno haviam-se misturado ali.

Ritinha andava descalça, vestida de algodão. Não tinha colares ao pescoço, mas somente aquela figuinha encardida e presa a um cordão ensebado e cheio de nós, que sá Zefa lhe pusera quando ela batia queixo de sezão. Usava trancinhas. As outras moças e mulheres não faziam mais essa coisa ingênua. Arregaçavam o cabelo para cima, embolavam os caracóis ao alto da cabeça e deixavam o pescoço tomar sol. Outras raspavam a nuca. Para que meias? As mulheres modernas não usavam mais meias. Isto era somente para internas de colégio. Raspavam o cabelo das pernas, raspavam o sovaco. Pelavam-se.

Ritinha estava com as pernas cabeludas. Baixou os braços envergonhada, pois cabelo no sovaco era imoralidade.

A matuta agora reparava aquilo tudo. Sentiu-se acanhada por estar ali no meio daquelas mulheres diferentes de sá Zefa. Teve a impressão de estar nua, à frente do homem de sorriso cínico que lhe oferecia uma oportunidade de obter tanta coisa bonita. Sentia faltar-lhe o fôlego. Fazia calor demasiadamente. E mais uma vez a voz de Rolinha:

– Se tu quiser tudo qui tá nesta bodega, é só falar, pois dinheiro pouco não falta. Não faço questão de mixaria...

A moça sentiu um arrepio formigar-lhe no corpo. Quase automaticamente segurou a figa ao pescoço e saiu correndo para fora da loja. Embarafustou-se na multidão que enchia as ruas. Rolinha seguiu-a com um olhar de despeito e rosnou:

– Tu volta, diabinha... Tu volta...

– Pra que essa carreira, minina? – gritou sá Zefa.

– Nada, mãe.

– Parece que viu sombração! Que qui foi mesmo?

– Nada, mãe. Tava com pressa.

Ritinha encheu um copo d’água e bebeu-o apressadamente, num gute-gute forte e angustiado.

– Tá querendo pegá pleumonia, tentação? Vem correndo neste sol quente feito brasa e tampa água por riba?

– A gente tava com sede, mãe.

– Pur que não deixô o corpo esfriá, meus pecado?

– Tava com a goela seca, mãe.

Ritinha não conseguiu dormir naquela noite. A loja de Domingos Fernandes, cheia de tantas novidades, não lhe saía da cabeça, e o homem de chapéu grande e botas sanfona se embaralhava no meio de seus desencontrados pensamentos. Um momentinho que pegava no sono começava a sonhar coisas atrapalhadas, repletas de cenas tão esquisitas que até chegavam a ser deliciosas.

Nem sabia que já não era mais menina. Aquelas mudanças repentinas no seu organismo, aparecidas havia pouco tempo, de certo eram alguma doença nova. Fez um chá de erva-cidreira e bebeu. Toda vez que se sentia doente bebia chá de erva-cidreira. O mal desaparecia dentro de poucos dias, não em obediência ao remédio inocente, mas pelo imperativo de seu ciclo normal. Ritinha não acreditava em ciclos normais, mas sim em erva-cidreira.

Mas por que estava com vergonha de contar à mãe aquele pormenor? Não percebera também o dia em que sá Zefa cochichou qualquer coisa ao ouvido de Zé do Carmo.

– Ritinha já virou mulhé. Agora é preciso tê cuidado, pois tamos com mulhé em casa.

Em sonho viu-se novamente na loja. O homem de sorriso sem-vergonha estava lá. Oferecera-lhe vários presentes e ela os aceitara satisfeita. Pegara-lhe nas mãos, alisou-lhe as tranças, o pescoço, as costas, como um pai carinhoso, mas quando deu fé as mãos grossas de Rolinha lhe estavam fazendo cócegas nos seios. De repente lembrou-se de que havia muita gente na loja vendo aquelas coisas e... Acordou gritando com voz cansada:

– Mãeê! Mãeêêé!...

– O que qui foi, minina?

– Mãe, tou com medo. Quero deitar com a sinhora!

Sá Zefa foi até ao jirau de varas onde Ritinha dormia, amarrando a saia e falando entre bocejos:

– Qui diacho é qui essa minina viu, gente? Onte chega correndo qui nem doida e agora garra a falá drumindo? O que qui foi mesmo, Rita?

– Nada, mãe. Foi sonho. Um bicho queria me pegá.

Zé do Carmo roncava sossegadamente, com o corpo moído pelo pesado trabalho do dia anterior. Sá Zefa deitou-se novamente, e em poucos instantes estava roncando também ao lado do marido. Os olhos de Ritinha percorriam a escuridão, teimosamente abertos. A sua cabeça, até àquela época vazia de qualquer preocupação, agora estava perturbada, feito um fuso doido. Nem sabia mesmo o que estava pensando, o que estava desejando naquele momento.

Subitamente viu-se abraçada ao monte de panos que lhe servia de travesseiro, chorando, de rédeas soltas. Na escuridão do rancho, àquela hora, o único sinal de vida eram os seus olhos abertos, esmagados pelo negror da noite. Fora, meio distante, havia bagunça grossa, escorada no álcool e na voz fanhosa das sanfonas. O resto era quietude, como se ninguém sofresse naquela zona policiada pela noite.

IV

O caminhão atravessou um pontilhão sobre o córrego São José. Na outra margem via-se um acampamento. Burros e cavalos se espalhavam pelas ribanceiras. Um jumentinho estava parado, remoendo, no meio da poeira. Outros animais saltavam dificilmente, peados, procurando lugar melhor de pastagem.

Mulheres, velhas e moças, cuidavam da comida. A gordura chiava nas panelas pendentes das mariquinhas, e havia no ar um cheiro forte de torresmo. Silvestre farejou o ar, sem olhar o passageiro e disse:

– Eta torresminho que dá água na boca! Isto mais uma farinha bem feita... nem é bom falar!

Ficou por algum tempo com o nariz no ar, depois soltou uma boa risada.

Um rapagote passava sebo quente nas pisaduras de um cavalo magro. Um homem estava deitado em pleno sol, enfiado debaixo de uns cobertores de algodão e baixeiros velhos por cima, batendo queixo e gemendo. Outro estava à beira do córrego, lavando cascalho. Silvestre parou o caminhão. Espichou o pescoço para fora.

– Ora veja só, espia! Se aquilo que tou vendo na beira d'água não for o Chico Cearense, eu não me chamo Silvestre. Tá fazendo aí, Chico?

– Anh?...

– Ficou catacego, criatura? Não conhece a gente mais?

O velho voltou-se, largou a bateia, caminhou um pouco com a cara fechada depois esparramou-se em sorrisos e gestos espalhafatosos.

– Ora, viva! Tu não morre nunca, rapaz! Agorinha mesmo me lembrei de tu, pois tava pensando no teu pai, o cumpadre Salu.

– É... – suspirou Silvestre. – Nunca me esqueço do momento que pai foi com o sinhor pro Garça. Mãe chorou a noite toda e a gente não pôde dormir por causa de que ela tava triste. Eta dia azucrinado, Chico!

– Foi pena, minino. Quando o cumpadre quis voltá... foi aquela disgraceira, aquela infelicidade. O qui mais me danou foi o cachorro ter atirado nele pelas costas, de traição. O cumpadre era home qui não comia drumido, mais não teve tempo nem de puxá a lambedeira pra socá na pança daquele disgrinxa. Não gosto de pabulagem, mais se eu tivesse junto mais o cumpadre Salu, tinha mais gente pra terra comê. – Chico Cearense cuspiu para um lado, tirou o cigarro de trás da orelha, riscou o papa-fogo. – O freguês que mata pai de famia pra roubá, devia sê morto picadinho...

Esse *picadinho* foi dito pelo nortista de maneira singular, com uma força de expressão terrível. Disse as últimas palavras cerrando os dentes miúdos e certos, encardidos pelo tabaco.

– Mas ficou tu, rapaz! Tenho sabido notiça de tu. Tomou conta da casa, já casou duas irmã, o Quinca tá no istudo... Mas o velho tem feito uma falta... – Cearense desviou os olhos rapidamente de Silvestre e fitou-os no passageiro, que tamborilava distraidamente com os dedos no pára-brisa do caminhão. – Disculpe, cidadão. Como vai o sinhor?

– Bem, obrigado – foi a resposta seca.

– A gente quando topa mais um conhecido fica meio leso. Qual é sua graça, que mal pregunto?

O homem disse o nome quase num rosnado.

– Pra onde vai assim, Cearense? – Interrompeu Silvestre.

– Pro Fundão, sabe? A gente não se deu bem lá no Garça. Andei pegando uns xibiu mas já tava devendo muito. Dispois... com a morte do cumpadre daquele jeito a gente ficou meio disquilibrado. Eu mais o cumpadre Salu, tu sabe como era. Mais que dois irmão. Também a Zica... Tu se lembra dela?

– Quem não se lembra? Ela...

– Pois é. A minina sofreu muito antes de Deus levá ela pro céu. Gastei um dinheirão pra vê se ela iscapava, mas Deus já havia distinado ela pra lá. Agora vou vê se a gente tem mais sorte lá no Fundão. Não fui pra Cristalina porque lá já deve tá muito batido, sabe?

– Vai pro Pium!

Cearense deu uma risadinha, que foi brecada de sopetão e respondeu, com o braço apontado para o Norte:

– Naquele socobó de mundo? É bem fácil eu dar com o tupete lá. Tu sabe que eu já virei e rivirei este Brasil de ponta a ponta. Conheço vinte capital, aforante a Fortaleza véia. Mas como eu ia dizendo, gente qui trabalha no garimpo é uma disgrama, fica enfeitiçado. Não viu como eu tava ali na beira d'água fuçando? Não posso pará perto de corgo. Vou logo no piso das informações. Esse negócio de palavroro difice como ingenheiro de pedra usa, não vai. Eles vive escarafunchando nuns tal de micaxisto, tacolumito, tatalita, columbita...

– Papagaio!... Que embrulhada!

– Pois é assim, filho.

Cearense coçou a perna esquerda com o calcanhar do pé direito, chupando fortemente o palheiro apagado.

– Eu cá vou logo é no rasto do feijão preto, da fava, da ferrage, do pingo d'água, da bosta de barata, pra vê se faço um bamburro. O mais é lero-lero...

– O qui tem aquela criatura ali no sol quente?

– Ora, minino, por caridade. Um cristão assim no sol, com esse calorão, rebuçado, batendo queixo é sezão na certa. Aquele é o cumpadre Altino. Também não teve sorte no Garça. Perdeu até a cumadre. Por riba de tudo ainda panhou essa sezão dos quinto. O home passa um mês, dois, até treis, trabaiando, seu bão dele. Cabra bão no serviço tá ali naquele monte de gente. Dèrrepente distampa naquela tremedeira dos inferno! Também não precisa tomá remédio ninhum. Mesmo qui quisesse tomá, cadê? A bicha, do jeito qui entra, sai. Num improviso fica bão de novo, comendo de um tudo alegre, rindo, pegando no pesado.

Ao ouvir falar de sua doença, Altino redobrou os gemidos e os cobertores se agitavam mais ainda com sua tremedeira.

– Tadinho!... – falou Silvestre contristado.

– A vida de pobre é assim, minino. Diz que pobre não é gente, mas os rico não pode vivê sem os pobre. Nós precisa de dinheiro dele e eles precisa do sirviço da gente. Rico não vai pegá no cabo do machado pra rachá lenha, nem vai amassá barro, nem trepá na iscada pra tirá goteira. Não vai pegar no cabo da ferramenta pra plantá mantimento, nem vai cavá chão pra tirá ouro e diamante pros anel deles. Pra encurtá a história, o pobre é que sunga com o peso do rico. Tá direito, porque os dedo da mão não é igual. Se toda gente fosse rico morria tudo de sujeira, porque ninguém nem ia lavá ropa na fonte. Mas o qui me dana é qui eles não gosta de pagá a gente direito. Eta povo disgrinxado! Se a gente grita eles bota a gente fora do serviço. Não adianta gritá, eles pode comprá tudo, até a justiça. Onde já se viu pobre ter razão?

Um vento forte, vindo da mata próxima, passou repentinamente, agitando os cabelos já grisalhos e assanhados do velho cearense vira-mundo.

– Mas um dia chega, Cearense.

O velho cuspiu violentamente e passou o pé enorme em cima da cusparada. No brilho dos seus olhos como que havia braços descarnados e inúteis se agitando, vestes esfarrapadas acenando ao vento, formas indecisas de uma multidão faminta e nômade. Talvez fossem os galhos das árvores, que se refletissem naqueles olhos que não sabiam disfarçar a tremenda revolta de um espírito desenganado das coisas da terra, sem lei nem rumo certo.

– Já tou cansado de esperá, filho! Essa história é mesmo qui venda de bilhete de loteria. Agente só ouve é essa cantiga: “Seu dia chegará!” – E explodiu, furando o espaço com a mão calosa fechada. – Chega mais é uma ova, uns tomate!

Silvestre se lembrou do passageiro. Percebeu que a conversa não o estava agradando, pois havia se espichado demais. Tirou uma caixinha de dentro do carro e entregou-a ao Cearense.

– Dá esse negócio pro Altino. É produto alemão. Basta o cheiro...

– Essa ingrisia é fabricada aqui mesmo, filho. O povo é qui gosta de gavar o qui vem de outras nação de gente. É agorinha mesmo ele vai engulir esse trem.

– Estrangeiro ou não, é um porrete...

– Tu já teve também a bicha?

– Não, mas carrego essas botica. Alguém pode precisar. Bem, Chico, vou andando.

– Não qué dar um abraço na Germana?

– Ela tá ocupada... e a gente tá com pressa... Dá um abraço nela pra gente. Já desabafamo um pouco. Então, até!

– Vai com Deus e a Virge Maria, filho!

– Seja feliz no Fundão!

– Vai por lá, coisa! Diz que lá apareceu uma pedra do tamanho dum bonde. Nem dez home é capaz de abarçá ela. Tão tirando os pedaços pra vendê. O trem ali tá bão como quê. Te espero lá, filho!

– Qualquer dia deste dou com as cara lá.

– Tu anda ligeiro, tem caminhão... Eu é que vivo feito trem mal-assombrado em riba do lombo desses bicho magro.

– Tá louco, Chico! Um caminhão quebrado ou pregado no barro, chovendo, sem trem de comer, é pior do que dez cavalo sumido. Então, té qualqué dia!

– Vai com Deus, trem ruim!

Silvestre, depois da conversa com Chico Cearense, ficara um pouco macambúzio. Atarracou o boné na testa e seus olhos estavam apontados firmemente para a estrada, mas pareciam perlustrar um mundo diferente. Suas mãos manobravam

o volante com a mesma perícia de sempre, automaticamente, por força do hábito, porque seu pensamento, sua atenção, estavam ocupados com coisas bem distantes.

A cena do dia da partida do pai para o Garças se avivara na sua mente, pondo-lhe uma ruga indecifrável na testa, por onde escorria suor, fazendo um sinal ziguezagueante por sobre a poeira acumulada na epiderme.

Aquele silêncio de Silvestre já estava incomodando até a Domingos, cuja enigmática sisudez inspirava respeito e despertava curiosidade.

V

O abismo tem língua de sapo. Comprida, visguenta, pega de longe. A vida artificial era o maior abismo existente sobre aquela terra. Uma loja de novidades, plantada assim de repente num meio matuto daqueles era uma arapuca perigosa para os sertanejos.

Zé do Carmo vivia agora no meio de tanto dinheiro, mas continuava necessitado, mais ainda do que antes. Não podia oferecer à filha, que já era mulher, o que os outros pais procuravam proporcionar às filhas que já sentiam no organismo a manifestação ditatorial da procriação. Não podia imitar aqueles que iam engambelando as moças com presentes, até arranjar marido para elas.

O garimpo lhe viera mostrar uma vida diferente, intolerável.

O abismo estava atraindo Ritinha. Zé do Carmo, como a maioria dos brasileiros, desconhecia o império do sexo sobre a mente, e o desparafusamento que isto poderia produzir na cabeça de uma mocinha atarantada entre tanta coisa esquisita, num meio de depravação, de corrida para o dinheiro, de completa alucinação.

Ritinha já era mulher, e as outras mulheres andavam diferentes.

Agora a moça sentia vergonha de sair no meio daquela gente estranha. Vestido de algodão não servia mais para cobrir o corpo das mulheres. Somente seda era própria para disfarçar a semi-nudez com que as rameiras se apresentavam naquele lugar endemoninhado.

Não lhe saía da mente a impressão de que estava nua. A loja de Domingos Fernandes se agarrara aos seus olhos, fisgara-se ao seu pensamento, bem como o sorriso patife do homem de botas sanfona.

Ela reparava agora que aquele pano, que sá Zefa não conseguiria jamais fazer no seu tear, era mais leve, mais apetitoso. Aquele vestido de algodão lhe fazia cócegas nos seios, como se um diabo descarado estivesse engarranchado nas dobras do pano.

O suor que lhe escorria pelas costas, quando ia levar comida para Zé do Carmo no trabalho, sob o peso do calor de entontecer qualquer vivente, lhe proporcionava um vago amolecimento, uma incrível sonolência, uma vontade louca de ficar de papo para o ar, à sombra de qualquer árvore. E que sá Zefa não se metesse com o seu modo folgado de se deitar, como fazia toda noite, beliscando-lhe o corpo para se ajeitar na cama, caso contrário o anjo da guarda ficaria desapontado e se afastaria, deixando o lugar livre para o demônio.

Imprudência da velha! Desde pequenina que agüentava beliscão toda noite, para não dormir com a perna escangalhada, por causa do anjo da guarda. A princípio sá Zefa lhe chamava a atenção sobre o assunto, depois era só chegar, e zás! E as manchas roxas dos dedos da velha iam se emparelhando nas suas pernas bonitas. Se ela mudava de posição e enfiava a cabeça no travesseiro, fincando os joelhos na cama, zás! Um beliscão nas nádegas.

Muitas vezes chorava horas espichadas, encolhida de dor, quando a velha se retirava. Estava certa de que todo dia o anjo da guarda cochichava ao ouvido de sá Zefa, para implicar com o seu modo de dormir.

Agora aqueles beliscões e aqueles tapas tinham um efeito diferente. Produziam uma sensação diversa da dor. De certo o couro já estava acostumado com o castigo constante.

Mas por que diabo somente agora notava isso?

As pedras lhe cutucavam os pés descalços. Quando alguém passava, esfregando-lhe o corpo, ela se afastava bruscamente, como se houvesse tocado em cipó tiririca. Aquilo lhe causava um mal-estar danado. Estava diferente também, não lhe restava a menor dúvida. Somente não mudara com referência ao beliscão noturno. Tinha até o cuidado de se deitar o mais desajeitada possível, para merecer aquela

exigência do anjo da guarda, por intermédio das unhas de sá Zefa. Sem aquele beliscão, era impossível dormir.

Vários dias lutou para não ir à loja olhar outra vez as novidades, com receio de encontrar-se com o homem de botas sanfona. Uma força irresistível, porém, a empurrava para lá.

Certo dia, de volta da cata em que seu pai trabalhava, depois de levar-lhe a comida, encontrou-se com o capangueiro, cara a cara.

– Então, inda tá com o vestido feio de algodão?

Não respondeu. Passou por ele de olhos fincados no chão. Vestido de algodão! Aquilo não era roupa de gente. Rolinha devia ser um homem bom, porque queria que ela trocasse aqueles panos feios por seda.

Quando se encontrava com qualquer pessoa, mesmo mulheres, sempre lhe martelava a cabeça a idéia de que estava despida. Aquilo já se transformara num complexo perigoso.

Sem erguer a cabeça, ela passou uma espiadela nas mãos grossas de Rolinha. Um frio desesperado lhe percorreu o corpo inteiro. Tinha mais medo de Rolinha do que de lobisomem. Não sabia se era por causa das coroas de ouro de seus dentes, que pareciam o diabo pondo fogo pela boca, quando ele a olhava com aquele sorriso intencional.

Subitamente desatou numa carreira violenta, em direção ao rancho. Em certo momento, não sabe por que impulso danado, como se um cabresto lhe puxasse a cabeça, olhou para trás. Rolinha estava parado, sorrindo.

Ritinha pôde ver aquele mesmo sorriso sem-vergonha que a impressionara na loja de Domingos Fernandes. Rolinha devia ser o diabo em pessoa. Por que a estava perseguindo daquele jeito? De certo havia dormido de mau modo, mesmo depois do beliscão de sá Zefa e o anjo da guarda batera as asas de volta ao céu, completamente desapontado, deixando o diabo agora rondar os seus passos. Era isso, não podia haver dúvida. Anjo bobo! Por uma coisinha de nada, ficava amuado.

Mais adiante a sertaneja encontrou-se com uma rameira, e ficou apalermada. Acompanhou com o olhar aquela mulher exótica, de cabelo esquisito, como se

estivesse molhado de açafrão. Sapato amarelo, vestido amarelo, bolsa amarela, sombrinha amarela, tudo podia ser! Mas aquele cabelo daquela cor... O diabo andaria solto na zona do Pium?

Esqueceu-se de Rolinha, de suas botas sanfona e de seu sorriso canalha. De repente correu outra vez. Entrou em casa estabanadamente. Sá Zefa estava tratando da comida e ergueu-se apressada, limpando as mãos na saia, arregalando os olhos para Ritinha, que parou à sua frente, ofegante.

– Que diacho é qui essa minina viu qui só chega em casa correndo? O que qui foi, num-sei-que-diga?

– Mãe! Vi uma muié com o cabelo parecendo cabelo de espiga de milho, mãe!

– Larga de andá reparando essas coisas, trem! O mundo não anda bão nada. Todo dia aparece cada coisa... qui Deus me livre e guarde!

Ritinha, como sá Zefa, não sabia que as mulheres modernas anoiteciam com o cabelo preto e amanheciam loiras. Acreditavam que somente os santos de sua devoção faziam milagres, não água oxigenada ou amoníaco.

Momentos depois entra pelo rancho adentro uma velha conhecida, comadre de sá Zefa, e foi logo enchendo o ambiente com sua voz meio pigarrenta:

– Cadê esse povo sumido, gente! Agora tão grande, mexendo com cristal...

Houve abraços demorados entre as comadres. Era a comadre Lina que viera com o marido dar um passeio no garimpo, para vender cereais e comprar miudezas. Conversa puxa conversa e o tempo ia se esgotando. De sopetão, sá Lina virou-se para Ritinha, que ficara a um canto, ouvindo a prosa, pois as duas velhas quando se encontravam era um nunca acabar de casos pra lá e casos pra cá.

– Ritinha tá diferente, comadre!

Aquelas palavras foram mesmo que um empurrão numa cerca podre. Os nervos de Ritinha já estavam bambos e se desmantelaram por completo. Estava nua decerto, todo mundo já sabia de sua doença nova, e sabia que o anjo da guarda não dormia mais com ela.

– Compra outro vestido pra ela, comadre!

Outro vestido! Aquilo não era roupa de gente! Mas como poderia adquirir daqueles panos bonitos da loja de Domingos, se seu pai mal estava fazendo para a bóia?

– Também, comadre! – continuou a velha Lina. – Vosmecê tá pensando qui Ritinha ainda tá minina? É preciso ir pensando no casório, porque ela é ajeitadinha de tudo. Moço bonito não falta. Mais também com esse vestido feio de algodão é qui não dá certo.

Vestido feio de algodão! Será que a velha Lina havia conversado com o homem das botas sanfona? "Então tu quer ficar toda vida com esse vestido feio de algodão? Não tá vendo logo qui vistido de algodão só quem usa hoje em dia é bobo ou gente de asilo? Tu não vê logo que essa figa encardida que tá no teu pescoço só minino qui tá mamando é qui usa?"

A situação piorara com a chegada da comadre de sá Zefa. Ela viera ressuscitar as palavras de Rolinha na cabeça da mocinha, que não pôde esconder a sua perturbação, a ponto de sá Zefa fazer uma observação:

– Parece qui ficou matuta depois qui veio pro garimpo, Rita? Essa minina anda meia isquisita, comadre. No meio de tanto povo viajado, invés de desasná mais, tá é ficando boba!

– Deixa ela, comadre. Ela ficou meia desajeitada porque eu falei no vestido dela. Tá muito bão, minha fia, tava era brincando.

Ritinha retirou-se, completamente aturdida. Decerto o homem de botas sanfona havia falado no seu vestido para a velha. Estava era nua mesmo, isto sim. Como é que ninguém falava das roupas das outras mulheres?

"Se tu quiser tudo qui tá nesta bodega, é só falá. Dinheiro pouco não falta." Novamente as palavras do homem lhe martelavam a idéia.

– Passa o café aí pra comadre, Rita!

A voz de sua mãe veio tirá-la daquele nervosismo desnorteante, e sentiu-se melhor por ter que fazer alguma coisa. Enquanto preparava o café as lágrimas pingavam no fogo, uma a uma, e Ritinha sentiu-se aliviada, chorando assim a esmo, sem saber por quê.

VI

Silvestre parou o caminhão perto de uma fazenda. Um grupo de cachorros veio até o veículo latindo e sacudindo o rabo, em sinal de paz. Silvestre era conhecido na zona.

– Aquele gajo que tá fazendo aceno ali não é outro sinão o dotor Alcide. O sinhor conhece ele?

O passageiro estava cochilando. Silvestre tocou no botão da buzina e Domingos abriu os olhos vermelhos, ajeitando-se na almofada da boléia.

– Me dá uma beiradinha aí. Silvestre?

– O sinhor manda dotô! Cadê sua baratinha?

– Mandei pro conserto.

– Tá comprando mais zebu?

– Vim ver uma partida de gado do Umbelino. Ele tem um gado de cabeceira que é uma beleza. Vai levando pra Santana, no norte. É um sujeito cabeçudo que nunca vi. Esse norte não presta pra nada. O governo devia largar isso de uma vez!

– Já anda largado há muito tempo, dotô. O povo é qui anda arrumando tudo por conta deles.

O passageiro pareceu fazer uma aprovação às palavras de Silvestre, apenas com um olhar significativo.

– Aqui é o dotô Alcide. Dotô em medicina. Foi no Rio que o sinhor estudou, dotô?

– Foi na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Sou especialista em moléstias do coração, partos, cirurgia em geral. Tenho também o curso de Puericultura do Departamento Nacional da Criança, trabalhei em vários hospitais do Rio, conheço aquilo tudo.

– Mais não mexe com medicina mais...

– Há tempos que não clinico. Não tenho folga para isso. Ando ultimamente muito atarefado com a minha fazenda, aquela perto de...

– Conheço dimais! Eta lugar pra lá de bonito! Cadê aquele zebu azulego qui o sinhor tinha?

– Já enjeitei oitocentos contos por ele, na batata. Deixa o bicho lá mesmo.

– Também o bicho é um trem! Se eu pudesse comprava também zebu, sou loco por esse bicho!

O passageiro passou o rabo do olho em Silvestre, pois durante a viagem ele já havia feito diversos comentários desfavoráveis ao gado zebu. Havia dito que zebu não passava de um saco de capim, e gente besta é que comprava esse gado. Silvestre sorriu meio desajeitado. Tirou uma carteira de cigarro da gaveta do caminhão. Ofereceu ao médico e ao passageiro. Domingos fingiu não ver. Ficou olhando a paisagem. O dr. Alcides foi buscar a mala e sentou-se na boléia. Ficaram espremidos, procurando ajeitar-se da melhor maneira, e partiram.

Mais adiante Silvestre, como sempre, teve a iniciativa da conversa.

– O sinhor já viu a quantidade de doença qui tem nesta beira de estrada, dotô?

– Tem muita gente doente?

– Tem um lote. Maleita então termina é cabando com essa gente de uma vez. Todo mundo dessas biboca de sertão bruto anda tudo biruzento qui faz dó.

– Tenho viajado muito por aí mas ainda não reparei. Também, quando a gente passa não tem tempo para nada. Quando comprava cristal, andei lá pelo Pium. Agora não vou mais lá. Quero comprar é gado de raça, e o que há por lá não serve nem para sabão.

– É mesmo. Ali dá cada catatau de boi que é uma insignificância.

Depois de curto silêncio, o dr. Alcides virou-se para Domingos e perguntou:

– O senhor está de luto por quem, se me perdoa a indiscreção?

– Perdi a mulher, há 18 meses.

– De quê?

– De parto.

– Mas não havia recurso algum onde ela estava?

– Poderia ter havido, mas não houve – respondeu o passageiro, denotando certo enfado.

Silvestre, compreendendo que aquela conversa não estava agradando ao passageiro, e com medo de que houvesse um destampatório entre os dois, interrompeu:

– Sabe quem viajou comigo outro dia, dotô?

– O Salviano?

– Como o sinhor adivinhou?

– Ele não sai desta estrada. Admiro-me daquele sujeito não estar advogando. Fez um curso brilhante na Faculdade de Direito de São Paulo e agora vive metido com negócios de cristal exclusivamente. Também todo mundo hoje quer é grana. Essa questão de canudo e anel no dedo é conversa mole.

Mais adiante Silvestre parou o caminhão perto de um rancho quase a desabar, fazendo prodígios de equilíbrio com o madeiramento todo podre. Uma torre de Pisa de palha e barro, em miniatura.

– Nesta imundície mora o Tonho Branco, sabe? Vou descer um bocadinho. Tonho é um coitado. Tem dois filho bobo e uma filha boba e aleijada, tudo disminlingüido de maleita e lumbriga. Trago duas rapadura pra ele, Panvermina e quinino. O sinhor não acha qui gente meia tantã devia ter uma lei proibindo eles de casá? Pra que mais bobo no Brasil? O diacho é que bobo quando morre um nasce dez. A mulhé dele é boba também e vive socada em riba dum jirau aleijada e comida de sezão. Tem um bobinho que tosse feito cão. Acho que o coisa tá é com a tuberca velha na caixa do catarro. Se eu fosse Deus acabava com esse mundo velho dum sopapo. Não é possível o sol cobri tanta disgraça cá em baixo. Inda tem gente que diz que o sol nasceu pra todos. Nasceu uma Joana!

Domingos tirou uma nota de vinte e entregou-a a Silvestre, dizendo secamente:

– Dê isto ao Tonho.

– Ele vai ter um alegrão danado. Garanto que nunca viu dinheiro deste tamanho. Deus lhe pague por ele, cidadão.

Depois, virando-se para o dr. Alcides, perguntou:

– O sinhor não quer dá uma espiadela nesse pessoal, dotô? Acho qui ninguém pode pintá a miséria que tem nesta beira de estrada. É uma disgrama de porqueira e imundice. O sinhor não quer vê essa gente, dotô?

– Não vale a pena, Silvestre. O que posso fazer por eles? Nem dinheiro tenho agora. O que possuía empreguei numa partida de zebu do Morais. Vim a esta viagem com um pouco de dinheiro emprestado, pode crer.

– Mais sabe, dotô? A filha do Tonho tá com uma pança do tamanho dum bonde. Tá cheia até na tampa. Acho qui ela vai ter é mais um bobo.

O médico fez uma careta de nojo, cuspiu e perguntou:

– Quem é que tem coragem de bulir numa nojeira destas, Silvestre?

– Tem gente que não escolhe cara, dotô.

– Sabe de uma coisa, Silvestre? Preciso ir andando. Tenho um encontro marcado com o coronel Antunes. Penso que vamos barganhar alguns zebus. Vá lá e não demore

Silvestre desceu do caminhão, com os embrulhos. Dentro do rancho havia um zunzum de conversa ininteligível. Havia choro de criança recém-nascida. Uns vagos gemidos se misturavam a vozes meio abafadas. Dentro de poucos instantes Silvestre voltou, com uma cara contristada.

– Dei os trem pro Tonho. A boba já esvaziou a pança. Uma velha que diz que é parteira é que arrumou a história. Que coisa triste, gente! Eta mundo!

– Melhor para ela – disse o dr. Alcides. – A natureza se encarregou de proteger esse povo. Mulher que tem filho no mato não tem perigo algum.

Domingos franziu o sobrolho e pareceu concentrar toda a força de seu olhar num ponto do horizonte, mas seus olhos estavam visivelmente molhados.

Silvestre não respondeu, mas no seu rosto havia manifestação de contrariedade. Domingos passava a mão pela barba agitadamente. O motor do caminhão roncou de novo. Partiram. Depois de um longo silêncio Silvestre foi o primeiro que voltou a falar.

– Outro dia viajei com o padre Manuel e ele me contou que no tempo de César havia uma lei qui mandava jogar de riba duma serra todo minino qui nascesse imprestável, com defeito no corpo. Todo mundo qui ficasse aleijado era também buzinado de cima da tal serra. Magina o sinhor, se fosse jogá de riba do Pão d’Açucra tudo quanto é gente defeituosa qui vive nesse Brasil, o que qui sobrava de vivente?

A pergunta foi abafada por uma explosão da mistura detonante no silencioso do carro. Estalou como um tiro de carabina. O médico assustou-se e olhou rápido para Domingos, que permanecia imóvel como um pedaço de montanha.

– Preciso limpar as velas e a agulha do carburador – disse o chofer. Olhou o médico e prosseguiu. – Quando eu era minino gostava de mexer com tudo quanto era maquinismo. Pai sempre dizia que ainda ficava rico pra me mandar pro estudo, pra ser engenheiro. Foi por causa disso é qui foi pro Garça, atrais de cobre, cavando chão pra tirá diamante. O que qui adiantou? Mataram ele e eu não passo hoje de chofer. O fato é qui eu reviro esse caminhão véio de riba pra baixo. Qualqué máquina de carro é comigo. Mais a gente não passa disso.

– Mas vocês ganham bem, Silvestre – disse o dr. Alcides.

– Qui ganha, isso ganha. Mas dotor, quando a gente quebra uma disgrama qualquer e vai comprar ela na mão do comerciante... adeus dinheiro! Vai tudo metido no câmbio negro. Lucro do chofer é como lucro de jogador, mal comparando. Acaba tudo no mesmo lugar.

Subitamente outro estampido, quase igual ao primeiro, chicoteou no ar, mas desta vez Silvestre freou o caminhão com uma perícia admirável.

– Pipocou o peneu desta vez! Agora é tê paciência!

Desceu do carro assoviando, sem nenhum indício de contrariedade. O dr. Alcides ficou com uma cara bastante azeda, descendo também para olhar Silvestre fazer o conserto, e Domingos ajeitou-se na boléia para puxar uma soneca.

VII

Ritinha caminhava a passos ligeiros, rumo à cata em que seu pai trabalhava. Ia levar-lhe comida num caldeirão. Comida pobre e desvitaminizada. A carne estava racionada e por preços exorbitantes.

Ao chegar ali viu um quadro de estarrecer. Um garimpeiro jazia no solo, ensangüentado, com a cabeça rachada. Os miolos estavam estufados, misturados com terra e gorgulho. Os demais garimpeiros prosseguiam no seu pesado trabalho. Era

necessário extrair-se muito cristal naquele dia. O dono do serviço precisava entregar uma partida no próximo avião. Além disso, aquele negócio lhe daria a bagatela de noventa contos líquidos. A palavra cruzeiro não havia pegado ainda ali.

O morto ficara de um lado, as mãos cruzadas ao peito onde se via um bentinho de Nossa Senhora Aparecida, preso a um cordão sujo. A cata em que trabalhava estava já muito profunda e a retirada do cristal era uma operação difícil e que requeria muitos cuidados e bastante prática.

Numa das tarefas de remover pedras, água e terra do fundo da cata, Marcelino, um rapaz daquelas bandas, conhecido de Zé do Carmo se achava embaixo, retirando pedras, que ia passando ao companheiro próximo e este ao de cima, até chegar fora.

A voz de alerta para receber os blocos era contínua e ritmada.

– Epa! Opa! Epa! Opa!

E os calhaus iam passando de mão em mão, percorrendo os diversos degraus construídos pelos garimpeiros.

Em certo momento um dos homens de cima escorregou, devido a ter-se partido a base do degrau em que se firmava. A pedra escapuliu-lhe das mãos.

Houve um momento de pânico. Marcelino recebera a pedra em cheio na cabeça. Morreu instantaneamente. Retiraram-no do fundo da escavação. Estava ali jogado de um lado. O serviço continuava.

Outro homem fora mandado para providenciar o enterro. Uma rede, uma cova. Pouco acompanhamento. Os garimpeiros eram numerosos mas não podiam abandonar o serviço só para acompanhar um defunto, com receio de perderem a diária, pois ali tudo era adquirido pela hora da morte. Certamente não haveria lágrimas. Flores? Eram mato pelo campo, perto do cemitério improvisado. Os tatus se encarregariam do resto.

Outro garimpeiro substituirá Marcelino na arriscada missão. Ritinha entregou o caldeirão a Zé do Carmo, tremendo, sem desviar os olhos de Marcelino.

– Quem é esse, pai?

– Tu não conhece, Rita. É um garimpeiro. Vai para casa.

– Mais como é o nome dele?

– Não adianta. Nome de gente pobre é só pra não misturá com os outro, não significa nada. Isto é o Marcelino, tu não conhece.

– Como foi que ele morreu?

– Pedra na cabeça. Pra que sabê dessas coisa triste, minina? Vai pra casa. O coitadinho já morreu, ninguém dá mais jeito. Podia sê qualqué um de nóis.

– Ele tava lá embaixo?

Zé do Carmo sacudiu a cabeça afirmativamente, desembrulhando o caldeirão que estava envolto num pano de algodão, cuidadosamente lavado.

– E aquele foi pro lugar dele? – indagou mais uma vez a moça.

– Não pode pará o serviço, Rita.

– Mais se ele morre também?

Nesse momento o cozinheiro dava o sinal de que a comida já estava pronta, batendo fortemente numa enxada velha pendurada num galho de árvore.

Somente Zé do Carmo recebia comida de casa. Os demais faziam suas refeições ali mesmo, por conta do patrão. Quase oitenta por cento do que ganhavam ficavam naquelas panelas grandes e latas de querosene vazias, servindo de panelas.

Naquele dia podiam comer mais. Havia um de menos. Marcelino era bom garfo.

Ritinha estava louca por ver a cara do garimpeiro morto, mas haviam posto um lenço sujo por cima do rosto ensangüentado do homem. Se não tivesse tanto medo de almas do outro mundo, puxaria aquele lenço. A vontade de ver a cara do morto era tamanha que ela começou a dar voltas em torno do cadáver, para ver se o lenço tinha algum lado erguido. Nada. O pano estava todo empapado de sangue e se agarrara ao rosto do defunto. Quando havia sentinela na roça, todas as pessoas que iam fazer quarto ao defunto, ao entrar, depois de jogar água benta no cadáver, descobriam-lhe o rosto, balançando a cabeça significativamente. Era a tradição.

Ritinha não estava com tanto medo de Marcelino, que não conhecia, como do lenço sujo. Lenço de outro garimpeiro. Defunto não tinha escrúpulo, não tinha receio de contágio de doença.

Zé do Carmo comeu apressadamente. Entregou o caldeirão vazio à filha.

Ritinha não conteve a vontade de ver a cara do morto e pediu:

– Tira o lenço pra eu vê a cara dele, pai.

– Pra quê, minina? Não tá parecendo nem cara, virou tudo uma paçoca danada.

– Mais eu queria vê...

– Pra tu ficá com medo? Vai pra casa, Rita. Reza um tiquinho pra alma dele. Reza pros qui tão vivo também. Vai pra casa.

Ritinha saiu correndo. Passou pela loja de Domingos. Não quis olhar para dentro. Tinha mais vontade de ver a cara do garimpeiro morto do que as novidades da loja. Não sabia por que naquele momento estava se lembrando era do lenço de seda ramado do pescoço do homem de botas sanfona. Seria por causa do lenço pintado de sangue pregado na cara do defunto?

Já estava muito adiante da loja e não resistiu. Voltou. Esquecera-se de Marcelino ou melhor, do garimpeiro de cabeça espatifada.

Entrou sem ser pressentida, devido ao grande movimento de sempre. Ali, porém, era um ambiente onde constantemente havia caras diferentes, trajes diferentes. Somente ela permanecia a mesma. Nua, metida no meio de tanta gente. Até a velha Lina sabia disso.

Mas por que apenas sá Lina e o homem de sorriso sem-vergonha haviam notado o seu vestido de algodão? Ritinha olhava tudo sem nenhuma atenção, pois sua cabeça era pior do que um pião naquele momento. Estava até zunindo. De repente sentiu um estremecimento.

Rolinha estava a um canto, olhando para ela, e de seus olhos saíam chispas de sensualismo. Sorriu, piscou o olho.

Ritinha virou o rosto para o outro lado. Pregou-se ao balcão, como quem se recostava a uma pessoa para se proteger. Na mão direita segurava o caldeirão. A outra estava livre, aberta, sobre os rins.

Depois de alguns instantes naquela posição, sentiu qualquer coisa na palma da mão. Apertou-a com força como se quisesse esmagá-la. Sentiu o chiar do papel de seda que embrulhava um objeto pequeno. Fechou a mão, não olhou para lado nenhum, e saiu correndo.

Ao chegar ao rancho, abriu o embrulho. Era um par de brincos. A moça fazia aquilo com cuidado, porque sua mãe não era brincadeira, e por dá cá aquela palha em questões de sem-vergonhice, era capaz de dobrar-lhe o relho nas costas. “Não receba coisa de gente qui não conhece...”

Se sá Zefa descobrisse aqueles brincos era um deus-nos-acuda! Desejaria logo saber da sua procedência. Arrependeu-se de não haver atirado o embrulho fora, logo após sair da loja. Sabia perfeitamente que fora o homem descarado que lhe pusera o embrulho na mão.

Era necessário esconder os brincos em lugar que ninguém descobrisse.

Sua mãe estava atarefada, fazendo umas rendas para vender. O barulho dos bilros era semelhante ao ruído de máquina de escrever, manejada por um bom datilógrafo.

A moça saiu sorrateiramente e dirigiu-se para umas catas abandonadas que ficavam para os fundos do rancho. Iria esconder ali os brincos enfeitiçados que lhe parafusavam a bola.

Ia aos saltos, tropeçando em blocos de cristal jogados de lado, por não possuírem valor comercial. Estava presa de um pavor besta, como se fosse ao encontro do demo numa encruzilhada, dia de Sexta-Feira Santa. Sabia que havia gente que se encontrava com o diabo todo o ano, na Quaresma. O homem de botas sanfona devia ser acostumado a isso. Os brincos teriam sido um presente de satanás?

Naquelas escavações largadas, esgotadas até o último pedaço de cristal, depois de um trabalho contínuo, almas penadas de garimpeiros povoavam de assombrações as redondezas. Os que acreditavam em aparições ouviam ali gemidos de cansaço, respiração ofegante sob o peso do trabalho exaustivo, lá pelas caladas da noite.

Ao penetrar num desses buracos, o mais profundo e já habitado por aranhas, lagartos e sapos, a mocinha soltou um grito de pavor e estacou com os olhos esbugalhados.

Um homem estava de borco em uma das banquetas com a cara para o lado, ensangüentado. Formigas e moscas passeavam-lhe pelo corpo, pelos olhos vidrados e desmesuradamente abertos, pela boca escancarada, aberta talvez num último grito de desespero ante a presença da morte.

A cabeça apresentava um profundo ferimento feito por machadada, e dois buracos de faca, à altura dos rins e do pulmão esquerdo, apareciam do paletó branco de linho, já surrado.

Ritinha pôs-se a correr para casa. Os brincos ficaram jogados perto do cadáver.

Longe, num boteco imundo, os assassinos bebiam cerveja com o produto do roubo, realizado à meia-noite. A vítima era um comprador de cristal que já havia feito bastante dinheiro, e estava disposto a voltar para sua terra natal, São Luís do Maranhão, onde tinha mulher e filhos.

Conhecedores desse fato, os assassinos convidaram Honorato Grajaú, nome por que era o morto conhecido, para ver aquela cata velha. Afirmaram-lhe que lá havia cristal como em nenhum outro lugar, e que os garimpeiros não haviam reparado num dos cantos onde era o ninho do minério. Honorato Grajaú reclamou a impropriedade da hora, já bastante avançada, ao que Toncheba, um dos facínoras retrucou:

– Se vosmicê qué qui a gente vai lá com o sol fervendo, tá tudo perdido. Os garimpeiro vão reclamá. É preciso vê o cristal primero, dispois a gente cata ele é dinoite mesmo. É um dispotismo de pedra! Só o sinhor vendo.

Grajaú era ambicioso. Foi com os salteadores. Mal desceu o primeiro degrau, Nico descarregou-lhe forte machadada no crânio. Caiu sem um gemido. Toncheba tirou a lambedeira calmamente e enterrou-a uma vez nos rins, outra no pulmão esquerdo do capangueiro.

– Esse aqui nem Deus cum gancho e São Pedro cum garrancho dá jeito nele. Tira os cobre do home, Nico!

O cinturão de Grajaú, cheio de notas de mil e de quinhentos cruzeiros, foi retirado sem a menor cerimônia.

– Mãe!... Tem um home morto ali na cata!...

– Que qui foi fazê lá, coisa ruim? Por que não pára em casa, num-sei-qui-diga?

– O home foi matado, mãe!...

Nesse momento entrou Zé do Carmo. Vinha do enterro de Marcelino. Estava com uma dor de dentes tremenda e pedira dispensa do serviço. A mulher contou-lhe o caso. O susto foi um perfeito anestésico no caso de dente insubordinado. A dor sumiu-se de repente.

– Espera aí. Ninguém vai lá agora. Vou chamar o capitão. Esse negoço pode dá increnca.

Zé do Carmo saiu, e em poucos instantes voltou com um capitão da Força Policial que ali desempenhava as funções de delegado especial. Ritinha acompanhou sá Zefa.

O capitão desceu até onde estava o cadáver. Virou-o de papo para o ar. Examinou-lhe os bolsos. Tudo limpo. Ficou por um momento olhando a face do morto, mordendo os lábios. De repente afastou-se um pouco. Abaixou-se e apanhou os brincos atirados ao chão.

– Olhem aqui! O Grajaú foi assassinado por uma mulher. A diaba até deixou cair os brincos! Pelo menos havia uma mulher na hora. Vejam se descobrem mais alguma coisa por aí. Sempre nestas encrencas há um rabo de saia! Precisamos agarrar essa sirigaita!

Os brincos! Ritinha sentiu que vivia apenas da cintura para cima. As pernas haviam morrido. Agarrou a saia da mãe. Sá Zefa afastou-lhe o braço bruscamente, fazendo uma cara feia.

– Essas mulheres de garimpo são o diabo! – repetiu o capitão. Mas eu pego esse demônio e não custa. Esses brincos vão me mostrar essa seleguestré!

Mulher de garimpo! Seleguestré! Ritinha estava até com a boca amargando, de tanto medo.

O militar subiu os degraus. Uma pedra rolou e bateu na testa macerada do defunto, fazendo um coque seco, como se batesse numa cabaça vazia.

– Bem. Agora vou tomar providências pra enterrar o Grajaú. Limparam o homem. Mas eu pego esse diabo de saia, pego mesmo...

VIII

Zé do Carmo corria os olhos pela escuridão da palhoça. A morte de Marcelino, naquelas condições, o deixara num estado nervoso encabulante. Contara a história detalhadamente à mulher. Sá Zefa já havia se acostumado com os sofrimentos

advindos da mudança brusca em que se viram envolvidos e exclamou apenas, balançando a cabeça.

– Qui a virge sirva de guia pra ele, tadinho. Dá graças a Deus, home. Podia sê tu. O coitado também num tinha nem pai nem mãe, nem ninguém. Ficou discansado desta porquera cá da terra.

Zé do Carmo não conciliava o sono. Cismava dentro da escuridão. Davam cambalhotas pela sua cabeça os mais desencontrados pensamentos. Lembrava-se de tempos longínquos, quando era bem jovem. Como tinha sido bom o seu tempo de barqueiro! Forte, peito largo, bom no remo e no varejão, batuta numa cuia de jacuba!

– Tu com essa peitaria e esse muque vai longe, rapaz! – dizia-lhe o velho Romão, um dos mais afamados pilotos da zona do Tocantins.

Bom homem aquele. Envelhecera como piloto no grande rio. Zé do Carmo o conhecera ainda nos bons tempos, quando o velho pilotava os pesados botes que navegavam do alto Tocantins para Belém do Pará. Seis meses de ida, um ano de volta. Para baixo todos os santos ajudavam.

O apelido de Zé do Carmo era proveniente de ser ele natural do distrito de Nossa Senhora do Carmo. Crescera sob o domínio do coronel Basílio. Não conhecera mãe, nem pai. Apenas uma velha idiota, que dizia ser sua parenta, permanecia enterrada viva numa casa em ruínas da vila decadente.

– Conheci isto no começo, minino – historiava o velho Romão. – Isto aqui antes de sê esta cidade era um trem à-toa uma meleca. Tinha somente um rancho pra passageiro qui vinha do Bom Jesus do Pontal. Isto aqui era mato brabo!

Porto Nacional começara humildemente, e teve um desenvolvimento acelerado. Havia no local, em tempos remotos, apenas um rancho onde os habitantes do Carmo e do Pontal se abrigavam durante a noite para, no dia seguinte, vencer as nove léguas que separavam a margem do rio do arraial do Carmo. O nome daquele ponto de pouso era Porto Real, como também reais eram as estradas, que ficavam como marcos convencionais do domínio de Lisboa sobre o país.

– O pontal véio foi arrasado pelos índios, minino. O restante de gente veio pra cá. Hoje só tem lá uns alicerce preto com mato por riba. Esse porto véio já teve treis

nome. Porto Rial, Porto Imperial e agora virou Nacional. Diz que os padre quer botá nome nele mais tarde de Porto da Salvação. Salva o quê?

Zé do Carmo ouvia o velho, com os olhos fisgados nos seus gestos largos.

– O Carmo véio tá se esbandaiando. Inda hoje interra gente na porta da igreja de Nossa Senhora do Carmo. Tu sabe disso mais do qui eu, tu é de lá...

– Sei até de cor as pedra e as estrela daquelas banda.

– Tu ainda não deu uma surra nessas mulhé dama por aí não, minino? – falou o velho Romão, mudando de assunto de repente.

– Pra que batê nelas, tio Romão?

– Então tu não sabe qui todo barqueiro quando chega de viage dá uma lambada na militriz qui tem por conta? Assim a gente pode dá os presente qui traz pra elas de Belém. Tem qui sê assim, minino! A gente leva tempo afunhenhado nessa viage danada de doida e deixa essas diaba aí, sambando com qualqué um. É preciso pagá a ausença, minino!

– E se elas não merecê, tio Romão?

– Apanha do mesmo jeito. É moda, rapaz. Quem primero começou isto foi o finado Batista, na caseira dele. A primeira vez qui ele foi pra Belém, quando voltou deu uma surra danada na seleguestré dele. Perguntaram por que e ele disse: “Sei lá se ela dormiu sozinha esse tempão todo? Isso é para livrá das dúvida...” A barqueirama então achô bão e era só chegá e enfiá a peia nos rabo de saia. Já perdi a conta de quanto a Germana já panhô. Mas toda vez qui volto, trago coisa prela de Belém. Mulhé é mesmo qui carrapato, minino. Quando mais a gente machuca mais ela agarra.

Zé do Carmo também gostou da moda. Batera na Zica todo ano, até que conheceu Josefa, numa noite de festa do Divino. No ano seguinte estava casado. Depois largou de ser barqueiro. Foi tratar de lavoura, como agregado. Nascera a Ritinha.

Ele era uma exceção naquelas paragens. Tinha somente uma filha. O resto era filho todo ano. De dez em dez meses, até a mulher amarrar o facão, no dizer dos sertanejos.

O velho Romão ficara enterrado às margens do rio que lhe dera o ganha-pão, numa das últimas viagens que Zé do Carmo fizera.

– Dá isto pra Germana, minino! – disse ele já com a voz arrastada, minado pela maleita. Dá isto pra Germana e... se tu pudé... meta o couro nela primero. Num se esqueça... é moda... e aquela negra gosta de apanhá!

Morreu sem demora. Ficou ali para aumentar a crendice de seus companheiros.

Todos os barqueiros mortos e enterrados à beira do Tocantins ficavam, lá pelas horas mortas, lutando com as águas revoltas das cachoeiras, pensando que ainda estavam vivos. Os companheiros lhes ouviam as vozes, percebiam o roncar de seus remos possantes.

– Levanta, negrada! O pessoal tá pedindo Padre-Nosso com Ave-Maria!

O barulho cessava. Podiam dormir sossegados. Ai daquele que dissesse que isto era puro efeito de imaginação!

A velha Germana, companheira do tio Romão, ainda vivia em Porto Nacional, cai-não-cai nas grotas feitas pelas enxurradas. O chicote do velho Romão lhe dava vida, mas a surra constante da vida lhe tirara todas as forças. Era um caco de gente.

– Então tu vai mesmo largá de ser barqueiro, Zé do Carmo?

– Vou pro mato, companheiro. Vou tratá de lavoura, A gente como barqueiro morre sem tê nada e arrisca a vida toda hora. Vou isprimentá a lavoura, Belmiro.

– Mas tu não tem terra...

– Vou trabalhá com qualqué desses graúdo. Um dia a gente pode ranjá um pé-de-meia e comprá um pedaço de chão, porque pobre só acha dado pra sê interrado.

Belmiro acabara de enrolar um cigarro, sem lamber a palha, e ofereceu-o a Zé do Carmo. Começou a picar fumo para fazer outro, de palha lambida, como era seu costume.

– Vou senti falta de tu – disse, depois de breve pausa. Tu sabe qui por aqui não nasceu um barqueiro igual a gente, não é pecado falá. Cabra bão como nóis é raro nascê. Tu se lembra quando o bote de seu Nastaço ia rebentando o focinho na cachoeira do Lajeado? Se não fosse tu iscorar o bicho no varejão e o véio Romão tinha dado um de ponta no meio do rebojo. O véio já tava meio bambo mais mesmo assim era o milhó piloto deste país. Sabia tudo quanto era pedra de cor, varava de zóio fechado qualqué canal. Viajava até di noite, como tu sabe. Mais naquela hora o trem

ficou preto. Quando o bote virô a cara pra meu lado e a negrada gritô: “Sigura, Belmiro”, me tremeu as perna, mais me lembrei qui tu tinha iscorado da outra banda e meti o conduru na pedra. Senti gosto de sangue na boca, mas o bote véio impacou. Gemeu, e panhou a estrada. E o diabo de seu Nastaço nem pra dá gratificação pra gente. Esse povo rico é uma nação de gente isquisita. A gente morre no sirviço deles e fica por isso mesmo.

Belmiro passou a língua saburrosa na palha, para facilitar o enrolamento do cigarro.

– Qual, Zé! Nunca mais aparece um companheiro como tu.

– Também vou senti falta de você, Belmiro. Mais a gente tá cansado de remá canoa, sem resultado. Agora tenho minha obrigação e preciso arranjá outro jeito.

– De vez in quando mostre esse fucinho aqui, Zé. Acho qui vou morrê é mesmo cumo o tio Romão. O baço té ficando inchado feito bolo de arrôiz. Num agüenta mais rapadura com farinha de puba. Minha maior paxão é se não puder cumer mais jacuba. Já tô sintindo o folgo curto, tô ficando liquidado. Qualqué sezão me leva pro buraco.

Zé do Carmo velava no escuro.

Junto dele estava deitado, além de sá Zefa, um velho que todo mundo conhecia, que toda gente encontrava quando menos esperava, especialmente nas horas de solidão – o passado.

O sofrimento nos obriga a chamar esse homem eterno para junto de nós. Sua experiência nos consola, nos mostra novos caminhos, menos sinuosos e menos longos. O passado, porém, estava velho demais para mostrar novo caminho a Zé do Carmo, que era quase um cisco atirado pelo Tocantins ao campo, e que fora parar no pandemônio do garimpo.

Estava já sem alento para enfrentar uma força tremenda como a do cristal, que matara um caboclo forte como Marcelino.

Certo dia surgiu no Pium uma figura que chamou a atenção de todos – o dr. Souza. Doutor José Linhares Cavalcante Souza. Afirmava ser advogado, especialista em sindicalização.

Usava chapéu-coco. Antigamente quem usava chapéu-coco era engenheiro. Agora qualquer garimpeiro aparecia com esse tipo de cobertura na cabeça. Os cavadores de terra se confundiam com os engenheiros, médicos, advogados, comerciantes, dentistas e farmacêuticos.

Confundiam-se coisa nenhuma!

Os outros não andavam descalços, maltrapilhos. Usavam botas de diversos tipos. O dr. Souza trazia botas alinhadas, bem engraxadas, impermeáveis.

– Já enjeitei vários cargos na magistratura – afirmava ele. Tomava um ar todo empavonado, gozando o efeito de suas palavras na ignorância e na credulidade dos que o ouviam, e prosseguia. – Um amigo meu, que tem o maior e o melhor escritório de advocacia em São Paulo, no edifício Martinelli, com sucursais no Rio e em outras capitais, me convidou para trabalhar com ele, mas quero é ser independente. Para que estudei? Depois... o meu fraco é sindicalização. Precisamos proteger os trabalhadores contra a ganância dos exploradores do suor alheio. O homem nasceu para ser feliz, e se não o é a culpa é toda sua, disse Rui Barbosa.

O dr. Souza ouvira isto de alguém ou lera em alguma parte, mas não sabendo de quem era tal pensamento, jogou-o nas costas largas de Rui.

Os garimpeiros ficaram boquiabertos. Isto é que era falar bonito e acertado! Agora sim! Tinham um defensor, um doutor formado, um bamba em questões sociais.

Sindicalização!

Não entendiam a palavra mas era bonita e reboou por todas as catas, espicaçando a curiosidade dos garimpeiros, dando ferroadas no bestunto daquela gente rude, vítima de exploradores de toda sorte. Sindicalização!

– Aqui é o dr. Souza, advogado, especialista em sindicalização. – O dr. Souza estendeu a mão, com ar afetado. Seus olhos varreram a loja num instante.

– O senhor não terá por aí marmelada Colombo e vinho Madeira, do legítimo?

– O dr. Souza gosta de coisa boa, Domingos. Também comida de doutor deve ser coisa do melhor...

– Isso é exagero do senhor, coronel Pacheco. Na sua mesa é que deve haver do bom e do melhor. Fazendeiro, comprador de cristal, zebuzeiro...

– Isso é bondade sua. Dinheiro hoje anda vasqueiro. Essa garimpeirada é que vive atolada na nota, mas bota tudo fora.

– O senhor tem charutos Havana?

– Charuto Havana? – Domingos engasgou, passou os olhos pela loja e, para não mostrar inferioridade, respondeu sorrindo. – Ainda não temos, doutor, mas já deve estar vindo por aí. Qualquer hora a gente tem. Já deve ter sido despachado o pedido. Temos agora somente cigarros Odalisca, serve?

– Bem. Não tendo outra coisa... Quanto custa?

– Dez mil... dez cruzeiros. É barato, neste oco de mundo...

– O senhor é civilizado, acompanha a evolução econômica e social do Brasil. O povo aqui só diz é mil réis, com exceção também aqui do coronel Pacheco...

O fazendeiro pigarreou, lisonjeado.

– Vamos entrar um pouquinho, doutor. Vai afundando, seu Pacheco. Helena faz um cafezinho bom. O movimento hoje está pouco, pois a turma ainda não recebeu a grana. Depois aqui não há perigo da gente deixar negócio sozinho por instantes. Vamos tomar o moca lá dentro. A casa ainda está mal arranjada, doutor. Não repare. A gente chegou há pouco tempo e precisa armar qualquer coisa para entrar debaixo. Se a coisa for bem, faz-se uma casa regular.

O dr. Souza empertigou-se, para arrotar novamente a sua falsa cultura:

– O senhor está até muito bem instalado. Esses garimpeiros é que faz dó. Vivem em ranchos imundos, coitados. É pena. Vou fazer o possível para tirá-los dessa situação aflitiva.

– Lena!... – gritou Domingos para dentro da casa.

Helena apareceu. Estava bem arrumada, com um vestido modesto, pois estava trabalhando. Cumprimentou o dr. Souza e sentiu na palma da mão a pressão do rubi do anel de grau do advogado sindicalizador.

– José Linhares Cavalcante Souza, um seu criado.

– Helena Fernandes. Como vai, seu Pacheco?

– Meio pedra, meio tijolo, dona Helena. Aí o nosso dr. Souza vai agora fazer um trabalhão pra esse povo, dona Helena. Os garimpeiros vão ser sindicalizados e vai ser um progresso danado pra eles.

– Folgo muito em sabê-lo, doutor. Em qualquer parte do mundo surge sempre um idealista. O senhor por certo já está preparado para enfrentar a reação que virá de encontro às suas idéias.

– Estou habituado com a luta, minha senhora. No meu tempo de estudante...

Todo doutor tem várias histórias do seu tempo de estudante. Histórias que fazem rir, outras que arrancam lágrimas, outras heróicas e que granjeiam admiração para os seus protagonistas.

O dr. Souza não podia fugir à regra. Contava centenas de histórias do seu *tempo de estudante*, cada qual de acordo com o ambiente em que se encontrava. Aquele era um ambiente sério. Precisava impressionar bem a bela companheira de Domingos Fernandes. Além disso o doutor era dado a conquistas. “Diabo de homem feliz aquele comerciante caipira!”, remoía ele com os seus botões. “Como é que conseguira casar-se com uma mulher instruída daquele jeito, bonita um bocado, e que inspirava respeito pela modéstia, pelo seu ar simples e enérgico?”

– O meu fraco é a sindicalização, minha senhora. Cada louco tem sua mania. O trabalhador hoje é o centro do interesse nacional, e portanto deve ser encarado pelo prisma da justiça social. A sindicalização é o caminho mais curto para se atingir um padrão de vida mais humano!

Essa tirada deveria ser de algum jornal. Não importava. Quem iria ler jornais naquelas bibocas?

– César Lombroso e Freud (o doutor pronunciava *fróid*, como qualquer entendido) são os pioneiros dessa jornada vitoriosa.

O coronel Pacheco sorriu, fazendo um gesto de confirmação com a cabeça. Domingos continuava a olhar o dr. Souza fixamente, parecendo estar ausente dali.

Helena enrugou a testa, ficou séria. Justiça social, sindicalização, Freud e Lombroso! O dr. Souza teria bebido?

Depois de concluído o seu curso no colégio Sagrado Coração de Jesus, em Porto Nacional, ela lera bastante e assimilava muito bem o que lia. Conhecia, por

cima, é verdade, as teorias de Freud e de Lombroso, mas tinha noção perfeita do que era justiça social. Estava a par das lutas de classes e se inteirava das reivindicações dos trabalhadores. Aquela salada assim de repente, numa palestra simples, era digna de nota.

O sindicalizador, notando a preocupação dela, mudou o roteiro de sua prosa, bruscamente.

– O senhor tem feito bons negócios por aqui, seu Domingos ?

– Assim, assim, doutor. A gente tem algum lucro, mas as mercadorias estão muito caras e o transporte está cada vez mais difícil.

Seu Pacheco ajeitou-se na cadeira, como se houvesse despertado. Estava com a idéia desconjuntada, pelo efeito da conversa difícil do dr. Souza.

– Mas há muitos caminhões trafegando para este lado.

– De fato há, mas os choferes estão trazendo pouca carga porque o transporte de passageiros para o garimpo dá mais resultado. Cobram um preço fabuloso para carregar um garimpeiro até aqui. Mas assim mesmo minha lojinha vai bem. Pretendo até aumentar mais o estoque, se Deus quiser.

Helena pediu licença e foi preparar o café. Os três ficaram conversando sobre vários assuntos, sempre o dr. Souza com a iniciativa. A sua conversa ia muito bem até certo ponto mas de repente dava como que um solavanco, um tropeção. O doutor andava com a caixa do entendimento chocalhando os parafusos? Também doutor era assim mesmo, conforme dizia seu Pacheco. Estudava muito e tinha razão de atrapalhar as coisas. Uma cabeça pequena para tanta sabedoria era impossível.

Helena trouxe o café. Serviu-o aos três. Depois de esvaziadas as xícaras ela apanhou a bandeja que havia posto sobre a mesa da sala.

– Aceita mais um pouco, doutor?

– Obrigado, minha senhora. O café bom é como o perfume bom. Usa-se pouco.

– Bonita imagem, doutor. Obrigado pelo elogio ao café. E o senhor, seu Pacheco?

– Repito aqui as palavras do dr. Souza...

O advogado sorriu lisonjeado. Helena saiu, conduzindo a bandeja. O dr. Souza acompanhou-a com um olhar libidinoso, que foi notado por Domingos e pelo coronel Pacheco. Meio desapontado por ter sido descoberta sua idéia suja a respeito de uma senhora tão limpa, ele falou de repente:

– Vamos andando, seu Pacheco?

– É cedo ainda.

– Ora, meu amigo. Este “é cedo ainda” significa apenas mera cortesia social. Diz-se por obrigação convencional, mas os homens conscienciosos sabem que ele significa satisfação pela partida de quem nos está caceteando.

Que homem! Sabia de tudo! Até adivinhava!

Domingos estava cada vez mais impressionado com a figura do dr. Souza. Não se cansava de fitar o seu anelão de grau.

Mas por que diabo fazia aquilo? Não estava habituado a encontrar-se com médicos, engenheiros, advogados mesmo, e contemplar-lhes os anéis? O anel do dr. Souza tinha qualquer coisa de esquisito, de diabólico, de fantasioso.

O advogado ergueu-se de repente, virou-se para Domingos:

– Bem. Então vamos buscar as minhas coisas. Apresente meus cumprimentos à dona... bem, ela já vem ali.

Empertigou-se todo, ajeitou o paletó.

– Minha senhora, prazer em conhecê-la. Disponha de um criado, e se for ao Rio minha casa está às suas ordens.

– O prazer é todo nosso, doutor.

– Senhor Domingos...

– Ainda vamos lá na loja, doutor.

– Ah, é verdade. Os meus cigarros, o vinho e a marmelada. Quando estou em casa, no Rio, sempre gosto de vinho na mesa. A patroa está lá. Temos apenas um filho que brevemente será matriculado na Escola Militar.

Seu Pacheco, procurando agradar o dr. Souza, movimentou a língua:

– Escolheu uma carreira pra lá de boa, doutor. O Zequinha, meu filho, já é quase doutor, mas eu queria é que ele fosse general. A farda é que manda mesmo no Brasil. Foi pra Belo Horizonte, para Escola de Farmácia.

– Minha senhora, mais uma vez...

– Passe bem, doutor.

Foram para a loja. Seu Pacheco, demonstrando profunda perícia no campo do tabagismo, fez rapidamente um cigarro de palha. Acendeu.

– O senhor não fuma cigarro de palha, doutor?

– Algumas vezes, quando viajo pelo interior. É muito forte.

– Este fuminho aqui então... cabra que não tiver o peito bom, chega a soluçar.

O dr. Souza apanhou os embrulhos. Ritinha passou pela porta da loja com o caldeirão de comida. O doutor e o coronel Pacheco só faltaram rasgar-lhe o vestido de algodão com os seus olhares imorais. Domingos fingiu não perceber a gulodice depravada dos dois visitantes.

Julgando que o dr. Souza, que havia chegado até a porta para olhar mais o corpo da sertaneja, já se ia embora, Domingos falou distraidamente:

– Apareça sempre, doutor.

– Quando meus trabalhos m'o permitirem. Vou demorar poucos dias aqui. Tenho que voltar a Cristalina, onde já preparei o ambiente para minha grande tarefa. O senhor sabe muito bem que o registro de sindicatos demora um pouco e depende de cobre, do grosso. A contribuição de Cristalina foi boa, pois pretendo também tratar das questões de terra ali. Os garimpeiros de lá vão ter terra para trabalhar. Amanhã vai haver uma segunda reunião de todos os garimpeiros que quiserem fazer parte do sindicato. Vou ao Rio falar com o ministro do Trabalho. Faço o registro, trato das questões das minas e volto. Acho que com menos de cinqüenta contos a gente faz o serviço todo.

Cinqüenta contos? Domingos ficou com o fôlego curto. O coronel Pacheco deu uma chupada mais forte no palheiro.

– Isto não vai ser nada para os garimpeiros – interrompeu o coronel. – O resultado que eles vão ter com a sindicalização nem se calcula.

– Bem, seu Domingos. Tire a despesa aqui. Isto para o senhor é canja, está acostumado com notas de quinhentos...

– Não tenho troco, doutor. Depois o senhor paga.

Logo depois da saída do dr. Souza, Zé do Carmo chegou à loja. Estava com ar triste e abatido. O enorme chapéu de palha lhe ensombrava o rosto, cuja expressão denunciava a sua desventura.

– Anda sumido, Zé. Já falou com o dr. Souza? Ele agora vai tratar de melhorar a situação de vocês. Já foi à primeira reunião que ele fez?

O sertanejo balançou a cabeça negativamente.

– Mas por quê, Zé do Carmo?

– Não sei. Não vou com a cara desse fregueis, não sei pur quê. Impliquei com ele. Dispois Zefa anda perrengue. Agorinha mesmo Rita me deu a cumida e disse qui ela sofreu tonteira e caiu. A véia tá meia baquiada, seu Domingo.

– Você deve ver o dr. Souza. Ele é um cavalheiro distinto e sabe lei como ninguém. Só você vendo.

– É por isso mesmo, seu Domingo. Tenho medo de gente sabida dimais. Os companheiros ficaro zangado comigo, purque eu não fui nessa bestage. Vida de garimpeiro é isso mesmo, de tanga, até esticá as canela.

Houve uma breve pausa. Zé do Carmo passeava os olhos pelas prateleiras, de modo significativo.

– O que você vai comprar, Zé?

– Uns metro de pano pra véia, uns caroço de feijão, umas pedrinha de sal e uma moiadura de criosena. Os retaio quero coisa barata, seu Domingo, mais qui não rasgue à toa...

– Pra você tenho um preço especial, Zé. Você sabe disso, não?

– Agradeço muito, seu Domingo.

– Você anda triste, Zé do Carmo.

– Corpo mole, seu Domingo. A gente de uns dia pra cá anda só quebrando o corpo, uma dor na carcunda qui responde na custela...

– Procure o médico.

O sertanejo fitou Domingos com ar de desaprovação.

– O dotô Alcide? Esse só mexe é cum cristal. Outro dia ele foi chamado pra dá jeito na fia de cumpadre Tumé. A minina corria tempo panhou sezão. O pessoal foi deixando, foi deixando, e quando chamou o dotô, já tava morrendo. Ele tacou a agúia

no braço dela, ante dela cabar de fechá os zóio. Também foi só. Sabe quanto ele cobrou do pessoal? Treis conto! O cumpadre cavou chão pra podê pagá a conta. É mais barato a gente morrê sozinho, seu Domingo. Bem, seu Domingo. Quando o patrão soltá os cobre eu lembro do sinhor.

– Não tenha pressa, Zé do Carmo. Desejo que sá Zefa melhore. Como vai a Ritinha?

Zé do Carmo correu os olhos pelo chão por alguns segundos antes de responder.

– Tou meio banzeiro cum ela, seu Domingo. Zefa andou me contando umas coisa... num sei. Ritinha tem andado meia nervosa, meia sem assunto... Acho qui é coisa de criança. Té qualqué dia, seu Domingo.

– Até logo, Zé do Carmo.

X

– Uma esmolinha pelo amor de Deus!

– Forneça o pobre cego com um adijutório, filho de Cristo!

O homem de botas sanfona, que ia passando pela porta da capela, jogou alguns níqueis no chapéu sujo do cego e nas mãos imundas do aleijado, e embarafustou-se pela multidão que se aglomerava por ali.

Discutiam-se àquela hora, enquanto um padre vindo de Porto Nacional celebrava a missa, os mais diversos assuntos, mas as conversas voltavam-se irremediavelmente para os preços do cristal, que subiam de hora para hora. A desgraça dos garimpeiros era a classificação exigente feita pelos compradores.

– Conhece esse cara?

– Conheço pelas pisada. Quem não conhece esse pinta?

A vida de Rolinha foi então desfiada, fiapo por fiapo. Os mendigos viviam de mistura com o lixo das ruas, mas conheciam perfeitamente a vida de todo mundo, sabiam onde estavam depositados os montões de lixo nas diferentes camadas sociais.

Quem por acaso ouvisse aquela palestra ficaria sabendo que Rolinha era um jogador profissional, sedutor de moças pobres, desmanchador de lares miseráveis, e que sempre buscava as romarias, os garimpos e até mesmo as festas da roça para dar expansão à sua malandragem e à sua perversidade.

Terminada aquela tenebrosa biografia, a conversa mudou de rumo.

– Tu fez muita grana em Trindade?

– Nada, rapaz. A gente só tira agora ali uns lambisco sem fé. Aqui também já não presta. Eu fazia trinta e fumaça por dia. Agora nem vinte. Isto é lá dinheiro?

Muitas vezes no silêncio reinante, onde somente a voz do sacerdote se fazia ouvir, estourava uma gargalhada numa das rodas de garimpeiros. Era um cutucão do demônio para perturbar a missa, por intermédio da ponta afiada de uma piada imoral.

Muita gente que estava dentro da capela vinha para fora atraída por aquela expansão de alegria subitânea.

– Sabe de quem me alembrei?

– Do Chico Belisca?

– Dito e feito. Mais esse Rolinha não é como o Chico, nem pintado!

– Forneça o pobre cego com um adjutório!

O aleijado apenas estendeu a mão aproveitando o pedido do companheiro. Níqueis tilintaram, misturando-se com os já coletados.

– Fiquei com dó do Chico, coitado. Foi lá na Romaria do Muquém...

A história de Chico Belisca foi também desenrolada. Era um coitado. Vítima de um desgosto amoroso, ficara perturbado e adquirira a tara de viver beliscando qualquer mulher. Procurava as romarias, para satisfazer esse desejo quase infantil. Provocou muitas brigas, pois adquirira uma agilidade espantosa, e quando encontrava uma mulher de jeito para beliscar, mudava de lugar como por encanto. Certo dia, porém, foi beliscar a mulher de um sanfoneiro avalentoado e não teve tempo de esconder-se. O homem sacou de uma garrucha e com um tiro certeiro vingou o beliscão nas nádegas de sua esposa.

– Caiu estrebuchando, interrando as unhas na terra que tava cheia de cuspe e fedendo a pinga. Também foi a derradeira coisa que ele beliscou – concluiu o aleijado.

Depois de falarem sobre outras pessoas, os mendigos voltaram a falar de si mesmos. Um iria para Cristalina, outro para o garimpo de Fundão. Podiam viajar para qualquer banda, pois ninguém lhes negava passagem.

O aleijado já conhecia o Brasil inteiro. Pegava garupa com os choferes, afundava-se pelos sertões escanchado sobre uma cangalha, em companhia de tropeiros, conhecia o enjôo do mar no balanço dos navios costeiros, e ainda tinha nos ouvidos o apito estridente e o resfolegar de cão cansado das locomotivas.

Não andara ainda de avião. O dinheiro que estava na sua sacola fedorenta dava para pagar uma passagem aérea, mas não cairia na bobagem de desmoralizar-se como mendigo. Gente miserável não podia sentir a sensação de voar.

– Uma esmolinha...

Novamente o barulho de níqueis se confundindo na progressão das somas conseguidas. A capela estava entupida de garimpeiros e de mulheres. Havia no ar um cheiro forte de brilhantina. Os cabelos reluziam.

– Rolinha hoje tá maquinando qualqué coisa. Ele não dá esmola encarriada no mesmo dia... Inda mais uma em riba da outra.

Começaram a comentar a vida das mulheres. Especialmente as senhoras ricas. Gostavam de exibir-se, dando esmolas afetadamente, quando havia muita gente por perto. Mesmo os cegos as conheciam pelo perfume e pelo ruído dos sapatos apertados.

– Gente miserenta! – comentou o aleijado ajeitando o cigarro de palha para seu companheiro.

Diversos tiros para o lado de um boteco interromperam a conversa dos mendigos. Formou-se um bolo de gente para ver o motivo daquela desordem. Iniciou-se um corre-corre subitâneo, coisa muito natural naquele lugar sempre agitado.

– Que qui foi? Que qui é?

A pergunta corria de boca em boca. Todo mundo queria saber quais eram os protagonistas do novo sururu.

De repente saiu um cabra de dentro do boteco, distribuindo tiros contra dois soldados que o seguiam, disparando também os seus revólveres.

– O Raimundo tá doido, gente! Corre, gente!

– Qui Raimundo? Qui loroça é essa, pessoal?

– Raimundo tá na pinga! Trata de azular, negrada!

Raimundo Pontaria, nortista bagunceiro e ligeiro no gatilho, havia deixado um soldado morto dentro da taverna e fugia, defendendo-se dos companheiros da vítima que lhe queriam tirar a orelha.

– Também essa canalha pensa que pode dar com o refe em todo mundo!

– Mas Pontaria é pinta-braba, e é negro bagunceiro!

O corre-corre aumentava. O fim da missa foi esquecido. Na capela ficaram apenas o sacerdote e seu ajudante.

– Lá vem ele, gente!

– Ele hoje come qualquer um na bala!

– Sai daí, negrada! Raimundo Pontaria hoje virou o diabo dos inferno! Aquela disgrama tem o corpo fechado! Arreda, cabroeira!

O ajudante de um caminhão, que estava parado um pouco distante do local da briga, atraído pelos tiros e pelo alvoroço do povo, correu para ver a festança. Sua roupa estava da cor de farda, amarela de terra e barro. Na cabeça ele trazia um boné velho do chofer do caminhão. Raimundo Pontaria, tomando-o por um soldado, saltou de banda como um gato que toma uma ducha de água fria, puxou o gatilho e o rapaz ficou espichado no meio da rua, com uma bala bem no meio da testa.

– Raimundo Pontaria tá doido! Te afaste, negrada!

Os mendigos fugiram, como coelhos assustados, enfiando-se por um beco que servia de privada pública durante a noite.

Raimundo Pontaria, com mais dois crimes de morte no lombo, bateu as alpercatas no mundo e dele ninguém mais teve notícias.

XI

O baile ia varando a noite sem descanso, cada vez mais quente, cada vez mais encharcado de suor, catingando à cachaça e a sarro.

Um lampião Petromax, pendurado na cumeeira da casa, arregalava o olho para aquela gente endiabrada que saracoteava pela sala, naquela quadrilha salpicada de um francês naturalizado, que era uma aberração num meio ignorante como aquele. Havia até homens dançando com homens.

– Balanciê! Tuuu! Treversê! É mintira!

– Corre o dedo nesse fole, cabra macho! – gritou Aristides, o dono do frege.

O sanfoneiro firmou o queixo no instrumento e apressou o compasso.

A animação recrudesceu. O Petromax, de vez em quando, começava a ficar empaludado, ia perdendo o fôlego, mas logo lhe davam umas bombadas e ele se reanimava.

Lá fora a noite isolava o baile do resto do mundo. Essas noites escuras do sertão eram piores do que velhas alcoviteiras.

Rolinha dançou um pouco e escapuliu sem ser visto. Pegou o fordeco e o encostou próximo ao rancho de Zé do Carmo. Deu uma buzinada, que mais pareceu um sujeito enxaguando a garganta.

O garimpeiro apenas se moveu na cama, com o barulho, mudando de posição. Estava cansado demais para entender o significado daquela buzina fora de hora.

Sá Zefa simplesmente parou de roncar, engoliu a babeira, e começou a ressonar santamente, sonhando que estava lavando roupa numa afobação anormal, enquanto Zé do Carmo a chamava para ajudá-lo na contagem de um disparate de dinheiro, que um molequinho de asa de borboleta havia trazido para eles, numa carrocinha de ouro.

Ritinha disparou a tremer. Parecia que era um novo ataque de sezão. Até aquela hora não havia conseguido dormir. As palavras do capitão, quando olhava o cadáver de Grajaú, estavam pregadas à sua cabeça como piolhos, cutucando em diferentes lugares. E os brincos? “Eu pego essa serelepe, pego mesmo...”

Levantou-se devagarinho. Chegou até a porta do rancho, isto é, ao que convencionalmente se chamava de porta, pois era apenas uma esteira velha que ia e vinha, submissa à inconstância do vento.

Deu uma olhadela. Mesmo na escuridão, pôde ver o braço de Rolinha acenando. Parecia um pêndulo diabólico, marcando na treva uma hora fatal.

Aproximou-se do fordeco, empurrada por qualquer coisa que lhe era desconhecida. Rolinha atirou para um lado o cigarro já chiando na saliva. Era o décimo que havia fumado enquanto esperava. Começou a falar, cochichando.

– O capitão falou agorinha mesmo qui vem atrás de ti, por causa da morte do Grajaú. Também tu é muito minina. Pra que foi jogar os brinco logo ali? O capitão indagou daqui e dacolá e descobriu qui os brincos era teu. Logo que ouvi ele deixar escapulir isso, corri logo para te falar pra você. Tenho uma tia em Anápolis. Se tu quiser eu levo você pra lá. Lá tu fica garantida. Não diga nada pra ninguém seu, não; dá porqueira no fim. Vamos logo daqui que é milhó.

Ritinha nada falava. Apenas tremia. Era um caniço bambo açoitado pelo vento daquela noite muito preta. Tremia de bater queixo.

Rolinha ajudou-a a subir no carro, que momentos depois furava a noite, espirrando e bufando pela estrada poeirenta.

– Balanciê! Tuuu! Traversê!

– Troquê de dame!

Se não existissem sanfona e viola, a vida do sertão seria um verdadeiro purgatório. Os sertanejos desabafam suas mágoas pela voz fanhosa das sanfonas e pelo repinicar das violas, nas noites de festança.

Aristides deixava extravasar a sua alegria naquela noite porque sua cata soltara cristal fartamente. Estava às portas da riqueza. Por isso dera aquela festa a seus amigos e companheiros de trabalho.

Dinheiro de garimpeiro saía da terra com dificuldade, mas não suportava a luz do sol, desaparecia logo.

– Tá fazendo muita poeira, Aristide!

– Agoa essa casa, gente!

– Quem vai no corgo buscá água? Quem vai?

– Casa de festa na Bahia velha se agoa é cum cerveja, negrada!

– Manda buscá quantos saco de cerveja quiser, cabroeira!

– Adonde? Adonde tem cerveja?

– Seja no rabo da vó! Manda buscá essa cerveja, corja de gente mole. Não danço com poeira!

O sanfoneiro foi reanimado com mais um gole de conhaque de alcatrão. Achava-se gripado, e um litro dessa bebida já estava desprezado debaixo de sua cadeira, completamente seco.

Momentos depois, ao invés da poeira, havia lama pela casa. Cada garimpeiro empunhava uma garrafa de cerveja, arrancava a tampa com os dentes, quando os tinha bons, ou apenas quebrava o pescoço das garrafas pelos portais. Bebiam a metade e despejavam o resto na sala.

A fuzarca se prolongou até o dia seguinte, lá pelas sete horas da manha.

Estacou de repente, quando o sanfoneiro, já bastante encharcado do antigripal, foi amolecendo no compasso, começou a dar notas em falso e... bumba!

Afrouxou os braços e começou a roncar com a cabeça recostada ao fole do instrumento.

– Sanfoneiro fidamãe!

– Cadê essa musga, gente!

– Espia essa disgrama roncando feito um capado!

– Deixa o disgraçado, Tunico! Tu pensa qui todo mundo tem bucho igual a ti? Tacaram trem misturado no pobre! Deixa ele roncá!

Aristides roncava também a um canto, escornado num banco, ensapatado e engravatado. Mal tivera tempo de tirar o paletó, já dormente pela bebida.

Quando se levantou, à tarde, é que foi pensar no acontecido. Procurou reconstituir os fatos da noite anterior, como quem quisesse fazer uma colcha de retalhos e não soubesse onde estavam os pedaços de pano para isso.

Levantou-se como se estivesse aprendendo a caminhar de novo, firmando-se pelas paredes, até encher uma cuia d’água com que procurou desfazer o azedume da cara molhando bem a cabeça. Isto lhe produziu um efeito benéfico, como se fosse uma cola que conseguisse unir novamente os pedaços de seu corpo, que estava em frangalhos.

Acordou o sanfoneiro, de maus modos. Tinha vontade era de rasgar a sanfona a pontapés, depois vazar o bucho do sanfoneiro também. Mas não valia a pena estragar a sanfona à toa, quando ela estava era grudada na sua cabeça. Ressaca dos diabos!

Os ruídos daquela festança endemoninhada haviam dormido na sua cabeça e logo pela manhã acordaram também, e ficaram numa insistência irritante. O resto do corpo ficara quase morto até à tarde, quando resolveu levantar-se. Pegou do resto dos cobres e pagou o serviço do sanfoneiro. Ao sair, o homem lhe disse, com uma simplicidade que até dava vontade de matar!

– O sinhor não qué ir ali em baixo pra rebatê a ressaca, patrão?

Rebater a ressaca! Que fosse pros diabos com aquela sanfona nojenta!

– A festa foi só ontem. Vá beber sua pinga na baixa da égua, que vou tratar dos meus negócios!

Mandou saber das contas que havia feito por todos os cantos. Seis mil e alguns miúdos! Tudo feito a bico de pena.

Fez as contas do cristal que poderia vender. Dava somente quatro mil e alguns centavos! Sua mulher estava doente em Anápolis, no Hospital Evangélico, onde os médicos lhe haviam rasgado o bucho para retirar o apêndice velho, quase para estourar de podre. Para cavar a barriga da mulher, coisa feita em poucos minutos, os médicos cobrariam um absurdo, e agora ele teria de cavar chão sem descanso para pagar aquela brincadeira de mau gosto.

Dinheiro de garimpeiro não pregava no bolso, escapulia imediatamente. Estava num dilema chato. Ou nunca mais beberia cachaça, ou entraria num pileque constante, para fugir a todas as suas responsabilidades de chefe de família desajuizado. Por que não aceitara o convite do sanfoneiro? Eram da mesma laia, não havia dúvida. A diferença era apenas que o músico não tinha nenhuma responsabilidade, não tinha mulher nem filhos e vivia de forrobodó em forrobodó, dormindo pelos cantos, cheio de pinga e abraçado com o instrumento, único meio de vida que possuía.

Ele, porém, era diferente. Tinha um nome a zelar. Efetivamente estava se tornando um patife de marca maior naquele lugar depravado. Antes de ir para ali, na ocasião em que mexia com tropas, não se metia naquelas bagunças. Mas quem fosse ter preconceitos num lugar daqueles, corria risco até de apanhar, ou ficar como um leproso, de quem se afastariam na certa.

O ruído da festa, aos poucos, se afugentava de sua cabeça, e ele agora estava louco de raiva da mulher. Acostumada a comer paçoca a semana inteira, fora inventar,

logo naquela ocasião em que ele começava a ajeitar o pé de meia, a enganchar um caroço de quiabo no demônio daquele pedaço de tripa vagabundo, que só servia para tirar o gosto de um pobre mortal!

Pela casa toda recendia uma catinga de coisa azeda tão forte que até engulhava o estômago mais resistente. A cerveja derramada, a cusparada pródiga por todos os cantos, os tocos de cigarros, tudo isso concorria para dar à cara do ex-anfitrião a máscara de uma angústia irremediável, de arrependimento tardio, de nojo da vida.

XII

Um bimotor da Aerovias Brasil passou roncando sobre a loja de Domingos, deu umas voltas e mergulhou na direção do campo de pouso.

Uma surpresa estava reservada ao comerciante. Momentos depois um cavalheiro de chapéu-coco e bem vestido entrava pela loja, largou a mala a um canto, e somente despertou a atenção de Domingos, já acostumado com aquele lufa-lufa de gente, quando gritou, desmanchando-se num largo abraço e num sorriso.

– Quem é vivo sempre aparece, rapaz! Chega essas costelas pra cá, seu pilantra!

– Tio Januário?

– Mexe-te daí seu coisa! Então, quem haveria de ser? Não mudou nada, é aquele molóide de sempre!

– Mas francamente! Nunca pensei ter uma surpresa deste tamanho!

– O conjunto de surpresas é que forma a vida, rapaz! Do contrário isto aqui não passaria de um piquenique enfadonho. Cadê a patroa? Soube que você já se casou?

– Há um ano, tio Januário, com uma moça de Natividade, normalista, estudou no colégio das freiras em Porto Nacional. O senhor vai gostar dela. Vamos afundando, tio. A casa é sua.

– Já tem filho?

Domingos fez um aceno negativo com o dedo.

– Que moleza é esta, menino? O Brasil precisa de soldado. Faça força pra ter um homem, seu pamonha!

Helena apareceu, ao ouvir a barulheira de Januário.

– Vai afundando, tio. Vou pegar sua mala. Aqui é o tio Januário, Lena. Faz não sei quanto tempo que saiu de Porto Nacional, e como tia Corina morreu, não quis voltar mais.

– Dê cá um abraço moça. Você é cá do peito também. Pode apertar, que esse dismilingüido não vai ficar com ciúmes, não. Faz muitos anos que saí de Porto Nacional. E foi uma saída espetacular, não foi menino?

– Saída de homem, tio.

– Saída de renegado, isto sim.

– Ainda mexe com jornal?

– Mexo mas de outro jeito. Sou redator esportivo e social no Rio. Aderi ao futebol e à literatura do elogio. Como você sabe, o talento hoje nada vale na cabeça. Desceu para as pernas e para os pés. A cabeça também é aproveitada em certas emergências. Me cansei de ser idealista, filho. O ideal quase me leva pra sepultura, você deve se lembrar disso muito bem. Hoje sou perito em elogios e em crônicas esportivas. Dá dinheiro e atrai amigos como formigas no doce. Esse negócio de elogio hoje é uma doença, rapaz. Há até gente que se dedica exclusivamente a fabricar auto-elogios. Outros se valem do dinheiro público para pagar matéria elogiosa nos jornais. Eu gosto disto porque pego uma boa beirada dessas publicações pagas. Mas o nosso povo engole isto direitinho e pensa que os caras têm valor mesmo. Esses gajos, porém, cairão como foguetes. Nem o rabo se aproveita! Rabos eles têm, e grosso feito rabo de gato enfezado! – Januário acendeu um cigarro. Sorriu santamente para Helena e prosseguiu. – Sou também especialista em análises de cristal. Vim aqui por ordem de uma firma importante do Rio, para ver uma partida de pedras. Entendo tanto de cristal como de medicina. O essencial é analisar a partida de modo a passar a perna nessa meia dúzia de imbecis que nada entendem do assunto. A firma paga bem, é só o que me interessa. Estou abrindo o bico porque sei que estou em família...

Soltou uma baforada rápida e virou-se para Helena.

– Menina, desculpe. Fiquei batendo o papo com esse menino velho do peito e estou cometendo uma imperdoável falta de cortesia. Como foi que você teve coragem de unir seu destino a um coió como o Domingos?

– Ainda não me arrependi, senhor Januário.

– Qual senhor Januário, qual nada! Se quiser pode me chamar de tio Jinu, que é como me chamavam os sobrinhos de Corina em Porto Nacional. O Domingos não lhe contou as misérias de que fui vítima?

Helena sacudiu a cabeça, para dizer que não, do modo mais gracioso e encantador possível. Os fartos cabelos se agitaram, realçando a sua beleza e o seu brilho.

– Nem paga a pena mesmo. É melhor a gente não agitar a água quando está em repouso há tempo, senão vem sujeira do fundo, na certa. Esse pilantra nem se lembrava mais de mim, garanto.

– É que o senhor não dava mais noticias, tio. Ninguém sabia onde estava...

– Pra que dar notícias? Sou inimigo de escrever cartas. É uma tara que tenho. Mas os amigos cá do peito continuam firmes. Também não sabia que você era comerciante, com esse disparate de mercadorias...

– Dá licença, tio Jinu? Vou arranjar um cafezinho.

– Não se incomode comigo, moça. Pode ir cuidar do moca. Fico aqui com esse menino velho do coração.

Domingos e Januário Batista conversaram longamente, enquanto esperavam o café. De vez em quando o comerciante era obrigado a interromper a palestra para atender aos fregueses na loja. O movimento maior era aos sábados e aos domingos, mas aquele dia estava bastante ativo.

– Sabe, rapaz? Vou voltar amanhã mesmo no avião em que vim.

– Tão depressa assim?

– Preciso voltar à redação. Isto de analisar o cristal é um bico. A literatura do futebol e do elogio é que dá grana. Sinto muito não poder apreciar o talento da digna esposa que você arranjou.

Helena trouxe o café. Januário o engoliu meio apressado. Conversou um pouco, com seus modos espalhafatosos e saiu para olhar o cristal. Nem voltou para jantar. Dormiu por lá mesmo, não se sabe onde. No dia seguinte veio apenas apanhar a mala, despedir-se dos sobrinhos e meteu-se no avião de volta.

O velho tio Januário dos tempos idos, que Domingos tanto apreciava, admirava e queria, estava completamente transformado. Estava mecanizado, perdido para o ideal.

A noite já ia alta, e Domingos pensava no tio Januário, que viera somente dar-lhe um beliscão na memória, avivando-a e atirando-a, aos trambolhões, para uma época já bastante empoeirada.

Quem voltava ao passado era como quem procurava uma jóia num montão de pedras. Quantos anos já estavam amontoados!

Lá aparecia o tio Januário, trazendo para Porto Nacional uma tipografia, a fim de montar um jornal. No dia da chegada do bote, que trazia o modesto prelo de Belém do Pará, houve festança grossa, recheada de discursos e banquetes.

Januário Batista foi tachado de "o farol do progresso local", a "encarnação do espírito de Gutenberg", e um padre, terminando o seu laudatório, atirou à cara do homenageado um latim bem decorado, que alguém traduziu depois: "Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade!"

No dia da circulação do primeiro número de *O Libertador* todo mundo o queria ler. Quem era analfabeto pedia a outra pessoa letrada para o ler em voz alta. O jornalzinho se afundara pelas fazendas, pelas roças, alastrando-se pelas cidades vizinhas. Januário Batista era o homem do dia. Dona Corina estava orgulhosa de seu marido, apesar de ser uma inteligente analfabeta.

– Isto é que é baiano de coco sadio – dizia ela às amigas. – Home qui faz jornal é mais home qui os outro, ninguém duvida!

As amigas sorriam amarelas, com inveja da felicidade de Corina. Como era bom ter um marido jornalista!

Mais tarde, porém, Januário meteu-se na política. Como era cabra destabocado, ficou do lado da oposição.

– Nada de cambalachos! A posição do jornalista é ao lado do povo!

Artigos e mais artigos contra os chefes dominantes, em defesa do povo espoliado. O homem entusiasmou-se tanto que começou a entrar na vida privada, cheia de sujeiras inomináveis, de alguns elementos que estavam trepados no poleiro.

– É preciso puxar o rabo dessa canalha! Quem desejar saber de minha vida que vá na Bahia fazer indagações. Sou um homem limpo, graças a Deus. Essa corja é que tem rabo grosso. Não tenho nada atrás de mim que me envergonhe. Sou baiano velho de vida sem bandalheira, sempre vivi de meu esforço.

É verdade que ele tinha uma vida limpa, mas os seus artigos cada vez mais se apimentavam, cortavam como navalha.

– Você precisa comprar um 38 bom, Januário. Um homem prevenido vale por dez. Você sabe que aqui já sumiu muita gente que quis se meter com esse povo.

– Qual 38, qual nada! O homem que não tem rabo e é idealista vale por cem!

Uma tarde, quando Domingos voltava do boteco do Chico Brinquinho, onde fora levar uns doces feitos pela tia Corina, ouviu um falatório na rua 15 de Novembro. Mesmo de longe pôde ver que era o tio Januário discutindo com dois soldados do destacamento local, os quais estavam bêbados. A história fora simples. O jornalista subia calmamente a rua, pensando no artigo da próxima quinzena quando, ao virar a esquina, um soldado esbarrou-se nele, propositadamente.

– Não vê a gente, sem-iducação?

– Desculpe – falou Januário, procurando prosseguir.

– Isto é um desaforo, não é, cabo?

– Essa gente qui mexe com jornal não gosta de soldado – respondeu o cabo, que estava recostado a uma parede próxima.

– Mas o senhor é que atravessou no meu caminho!

– Tá vendo, cabo? Esse fregueis tá querendo comprá zuada. Nóis tamo aqui é pra mantê a orde, não é, cabo?

– Eu sempre manto a orde.

Januário procurou passar adiante, a fim de cortar a conversa com os soldados provocadores.

– Espera aí – falou o cabo adiantando-se. O sinhor tem qui pedi disculpa de joeio. Não se ofende assim os representante da lei e da orde.

O jornalista perdeu a paciência. Deu um empurrão no soldado intruso. Foi o bastante. Uma pancada de sabre na cabeça o desnorteou, e outra acima dos olhos o impossibilitou de ver bem, devido ao sangue que começou a correr da ferida.

A pancadaria foi desapiedada e continuou até ele ficar sem sentidos, estirado no meio da rua, ensangüentado.

O cabo e o soldado desapareceram logo, a fim de receber a recompensa pelo seu trabalho. Domingos abriu o pé na carreira para dar a noticia à tia Corina. “Soldado

tem parte com o diabo!” pensava. “Como puderam vencer o tio Jinu daquela maneira? Um homem que escrevia no jornal, um herói daqueles?”

Januário continuava estirado no meio da rua, desacordado. “Paz na terra aos homens de boa vontade!”

Domingos lembrou-se naquele instante de velhas histórias de gente que tinha o corpo fechado, que dava a alma ao diabo para se tornar invencível. “Soldado tem o corpo fechado. Não adianta atirar neles porque a bala derrete no cano da arma. Como puderam bater num homem como o tio Januário, que recebera tantas manifestações, que fora abraçado e cumprimentado por centenas de pessoas, havia tão pouco tempo?”

Januário se erguera, limpando o rosto com a manga do paletó. Passeou o olhar em redor, meio idiotizado, ainda tonto da sova recente. Nem uma ponta de cara de gente pela rua! O povo estaria todo ausente? Onde andariam àquela hora os seus companheiros de idéias? Em que buraco teriam metido o focinho? Todo mundo, por certo, teria saído da cidade e o deixara sozinho. A cidade estava mesmo deserta.

– Isto aqui é o rabo do mundo, é o fim do espinhaço do Brasil! Esta desgraça ainda há de ser lavada com sangue! Somente assim pode endireitar! Nem gente para acudir um cristão há nessa peste!

O jornalista fora, cambaleando, em direção à sua casa, ignorando que centenas de olhos o espiavam pelas gretas das venezianas.

A cidade, porém, para seu Januário, estava completamente deserta. Sentia-se feliz por aquela coincidência. O sol esparramava calor sobre a terra já agoniada pela seca. Olhos amedrontados e curiosos, outros iluminados por uma satisfação diabólica, acompanhavam o vulto do jornalista desmoralizado, cuja sombra cambaleante se projetava enorme no meio da rua, como grotesco desenho animado.

Depois de percorrer uns cem metros, Januário olhou novamente a rua, de ponta a ponta. Deserta. Muda. Cheia de mormaço. Felizmente ninguém o tinha visto naquela situação humilhante.

Mas para que tanta casa fechada?

Apressara os passos. Não. A cidade não estava de todo deserta. Ao seu encontro vinham Corina e Domingos.

– Miserentos! – gritava a pobre mulher, correndo, ainda com o avental com que estava trabalhando no fabrico de doces e guloseimas. – Judiar com gente qui não faz mal a ninguém! Pestilentos!

– Eles me pegaram de surpresa, minha velha! Cambada de cachorros! Mascarados desordeiros! Esses diabos foram mandados, agora é que estou pensando nisto. O que vale é que a rua estava deserta.

– Tinha um lote de gente vendo, tio Jinu!

– Tinha gente vendo? Não foi engano seu não, menino?

– Tinha um dispropósito de gente!

O jornalista sentiu novamente as pernas como molambos e foi necessário firmar-se na mulher. Aquela afirmação do sobrinho foi pior do que as sabradas dos soldados. Somente àquele momento compreendera por que a rua estava deserta daquela maneira. Todo mundo estava de parceria com os desordeiros.

– Cambada de gente à-toa!

Já em casa Corina lhe trouxe uma vasilha de salmoura.

– Beba isto, Jinu. É bom pra quem tá machucado.

– A minha maior machucadura é espiritual, minha velha. Não há salmoura que dê jeito. Estou desmoralizado. Poderia voltar e matar aqueles cachorros, mas não adianta. Não quero sujar minhas mãos à toa. Isto é que é engraçado! O governo se diz representante do povo porque foi o povo quem o fez trepar no poleiro. Depois, com medo do povo, a eterna besta de carga, educa gente na arte de matar e fazer estripulia para pisar no lombo da égua velha de carga. Esse negócio de garantia da ordem e da lei é conversa fiada. Se todos os governos fossem bons não precisavam ser vigiados por soldados. Mas a consciência desses diabos vive preta. Tenho fé em Deus que um dia o povo há de fazer valer seus direitos!

O jornalista bebeu a salmoura sem fazer cara feia. A raiva era tamanha que lhe estragara o paladar.

– E os filhos da mãe escolheram logo a rua 15 de Novembro! Liberdade de imprensa! Liberdade uns coletes! Não se pode dizer a verdade num país desmoralizado como este!

– Calma, Jinu. Deus não dorme.

– Não dorme? Se não está dormindo está de olhos fechados, deixando essa botina do jeito que está!

– Bata na boca, homem de Deus! Não vê qui tá blasfemando?

– Bata na boca? Para que apanhar mais? Não está vendo minha boca como está escangalhada? Não tive tempo nem de arrebentar a venta de um patife daqueles. Bata na boca... até você está contra mim?

– Mas Deus não tem culpa de nada. Tudo o qui acontece é por causa de nossos pecado...

– Isto é conversa mole. Por que gente rica não apanha, não passa fome, não toma chuva, não fica nua?

Domingos ficara a um canto com frio de sezão, alarmado, com medo de soldado.

– Vou lhe contar uma coisa, minha velha. É só melhorar, abro o pé no mundo. Aqui é que não fico. Agora é que estou vendo que aqui só tenho você e este menino velho do peito.

Domingos sentiu um bafejo de coragem raspando-lhe o medo do corpo, por ter sido incluído na lista dos amigos do tio Jinu. Mesmo espancado ele o considerava um herói.

– Tem corage de deixá a gente, Jinu? – indagou Corina, já fungando, com jeito de derreter-se em choro.

– Vou pro Rio. Tenho amigos lá. Mandarei buscar vocês depois. Aqui é que não fico!

Januário cumprira a promessa. Certa noite, em que era preciso abrir-se a escuridão com o peito, Domingos fora buscar o alazão, que ficava pastando próximo da cidade, e que sempre servia para os passeios domingueiros do jornalista pelas redondezas, em alguns sítios daqueles que diziam ser seus amigos.

Agora não queria saber mais daquelas caras descaradas, e o alazão iria ser utilizado para uma viagem louca, com características de perfeita fuga. Desde o dia da surra, Januário não saíra mais à rua. Parecia até que surra era doença contagiosa, pois ninguém o visitara. A redação de *O Libertador* ficara fechada. Ele era o diretor-redator-chefe, o gerente e também o tipógrafo daquele pedaço de democracia, daquele

jornaleco que iniciava uma séria campanha em prol da justiça social, num oco de mundo daquele calibre. Havia somente um empalamado, de nome Sebastião, que o ajudava nos trabalhos de impressão.

Corina e Domingos auxiliaram Januário a montar no alazão, já noite alta, falando aos cochichos. O resto era quietude. Somente ao longe, dando solavancos de vez em quando no silêncio terrível que policiava a região, os gritos de Paulina louca navalhavam o ar, como extemporâneos cantos de galo, anunciando fuga da moça.

– Me dá um pedaço de fuuuuuuuuuuuuuuumooo!

“Eta mulher dura de morrer!”, pensava Domingos, segurando o cabresto do alazão. “Num rancho bambo daquele jeito, esbagaçado, cega, aleijada, louca varrida, passando fome, com os langanhos do corpo embrulhados em molambos, tomando chuva dia e noite...”

– Quero fuuuuumoooo!...

“O que vale é que Paulina louca era cega e aleijada. Não podia andar nem ver a casa bonita do coronel, o convento perto, a casa pintadinha de quem ficou com o dinheiro dela...”

– Me dá fuuuuuuumo!...

O estrondo de um trovão abafou os gritos da louca. O raio havia descido em direção ao bodoqueiro, onde ficava o rancho. Houve um silêncio demorado. Domingos respirou melhor. Paulina louca havia descansado. Gente desse jeito devia morrer logo. Seria que o trovão havia escutado os gritos da louca? O céu estava mal-encarado, mas parecia que não ia chover. No horizonte distante São Pedro riscava o seu papa-fogo constantemente, provocando clarões subitâneos. De repente Paulina louca voltou à cena.

– Me dá um pedaço de fuuuuumo!...

“Eta mulher dura de morrer. Nem raio mata ela!”

Januário despediu-se dos dois últimos amigos, que lhe restavam na hora do infortúnio, com a voz meio abafada. Tomou o cabresto da mão do sobrinho e afundou-se naquela noite escura de inverno. Domingos viera para dentro da casa, agarrado à saia de Corina, com medo de soldado, que para ele era pior do que lobisomem, do que

mula-sem-cabeça, do que saci. “Garanto que soldado não pode com Paulina louca, ela não morre!”

Corina ajoelhou-se ante a imagem de Nossa Senhora Aparecida e ficou rezando. Domingos espichou-se numa cama, que ficava perto, e permaneceu por muito tempo escutando o bater dos beiços da tia, acompanhado de suspiros prolongados. No dia seguinte, apenas abriu os olhos, viu Corina de borco no chão, com a cara roxa, os olhos vidrados e abertos. Com os abalos anteriores o coração da velha, que estava como um fole escangalhado, parou de funcionar de uma vez. O menino deu o alarma na vizinhança. Correu gente. Vieram os parentes. A notícia se espalhou pela cidade. Ninguém sabia do paradeiro de Januário. Corina foi enterrada num caixão de caridade, carregada por quatro homens sujos. *O Libertador* havia também morrido, e não houve notícia na coluna *Sociais*.

Januário, meses depois, soubera da morte de Corina, já no Rio, e não quis voltar. Nem para fazer o inventário. Inventário de quê? Pium era um pedaço daquele chão bruto, mas era um lugar diferente. Cosmopolita e endinheirado, Januário voltara, mas estava diferente. Tinha aprendido a viver.

– Deixa o mundo como está, para ver como é que fica, menino!

XIII

No dia seguinte Zé do Carmo apareceu na loja, e pelo seu olhar angustiado, Domingos pôde esmiuçar-lhe o íntimo. Deixando por um momento o metro com que estava medindo uns panos, aproximou-se do sertanejo.

– Que houve, Zé? Tudo em ordem ou há alguma atrapalhação?

– Rita sumiu, seu Domingo.

– Você está brincando, Zé. Ela deve estar em casa de algum conhecido...

– Já corri tudo quanto é rancho daqui. Ninguém deu notiça dela. Tava faltando indagá do sinhor mais dona Helena.

– Então o negócio é sério? Infelizmente ela não apareceu por aqui, Zé. Se aparecer, eu mesmo vou levá-la. Houve alguma coisa por lá? Alguma repreensão, uma surrazinha, uns puxavões de orelha...

– Nada, seu Domingo. Nunca maltratemo nossa fia. Bem, seu Domingo, vou falá com o capitão.

Saiu. Instantes depois ouviram-se vários disparos de revólver. Houve um corre-corre subitâneo. Um moleque vinha descendo, numa carreira desenfreada, de venta aberta.

– Que loroça é esta, menino?

– Mataram o capitão! Deram cinco tiros nas costas dele!

– O capitão? Mas quem foi?

– Num sei. Tem gente lá feito formiga!

– Mataram o capitão!

Uma exclamação, ligada pelo susto do acontecimento, de tanta gravidade para o lugar, esparramou-se por todos os recantos da localidade. A notícia afundou-se pelas catas, embarafustou-se pelos ranchos esparsos pelo mato, fez trampolim do telégrafo, nadou os rios e vadeou os córregos, cada vez mais alarmante, destrinçada ao sabor dos boatos.

– Mataram o capitão!

– Foi o Piauí! Diz que ele pipocou fogo nas costas do capitão, com um trinta-e-oito sarado que ninguém pôde dividir os tiros! Aquele cabra... eu sempre disse! Aquilo não é coco de chupar!

– Piauí matou o capitão e rapou as alpercata no mundo! Tão mandando feiticeiro rezá no rasto dele, pra ele se atrapalhá e voltá pra cá outra vêiz. Aquele cabra sabe as treita de gato e mais tudo quanto é coisa feita. Duvido qui feitiço pegue nele, ele tem o corpo fechado!

– Garanto que foi negócio de família...

– Foi nada! Foi encrenca de home cum home! Eu cá é qui não me meto nessas fulerage. Brinquedo de home fede a sangue.

– Mais eles até se dava bem...

Zé do Carmo foi arrastado pelo corre-corre, como um pedaço de papel velho impulsionado pela trampolinagem do vento, até onde estava o capitão baleado.

O militar estava de borco com a farda empapada de sangue, ainda com a mão no cabo do revólver, num último e desesperado gesto de defesa. O sangue escorria até suas polainas e borzeguins polidos de novo. Estava já morto, havia alguns instantes. De Piauí ninguém sabia notícia.

Soldados do destacamento e amigos do capitão haviam se espalhado em diversas direções, para prender o assassino.

Zé do Carmo regressou ao rancho, com a alma encolhida e subjugada dentro de seu corpo atlético, que ainda se conservava firme. Estava desorientado, aturdido com sua mágoa sem remédio. A única pessoa que poderia auxiliá-lo, na descoberta do paradeiro de Ritinha, estava já morta. Que crime cometera, para agüentar no lombo tamanho castigo?

Sá Zefa estava cuidando dos trabalhos caseiros, de vez em quando enxugando uma lágrima birrenta, que insistia em permanecer nos seus olhos vermelhos.

Zé do Carmo olhou-a fixamente, sem nada dizer. Sentou-se num caixote de gasolina vazio. A mulher lhe trouxe um café requentado que ele bebeu.

De regresso ao rancho, percebera as marcas das rodas do fordeco na terra fofa, vira os tocos de cigarro, e desde aquele momento não se lhe notava nenhum sinal de aflição ou de desespero, mas um ar sinistro, frio, a maquinar alguma coisa.

Não adiantava contar para toda gente o desaparecimento da filha, pois a morte do capitão era um acontecimento mais importante, e ninguém iria preocupar-se com o caso de uma moça de menos e uma prostituta a mais, em qualquer mercado de depravações.

Não cairia na asneira de dar publicidade ao assunto e, se alguém notasse a falta da menina, diria que ela fora passear em casa de parentes.

Zé do Carmo ergueu-se bruscamente, dirigindo-se ao fogo para acender o cigarro. Ficou segurando o tição, com os olhos incendiados a devorar o canto do quarto, como se estivesse numa tocaia, segurando sua garrucha de cano comprido.

Naquele instante ele era todo ódio, todo vingança, enquanto sua companheira era apenas um embrulho frouxo de mágoas, de descrença, de preocupação materna.

Atirou o tição no meio da trempe, e ficou mordendo a palha do cigarro, ao invés de chupá-lo, da maneira despreocupada como fazia sempre.

Por que a mulher não se derretia logo num pranto prolongado, para desempestar o ambiente daquele silêncio infernizante? Homem urrava mas não chorava, mas mulher quando ficava entalada daquela maneira devia soltar logo a mágoa, e não ficar como sá Zefa, com jeito de quem não queria e querendo, deixando-o numa situação de quase inferioridade.

Zé do Carmo ergueu-se da beira do fogo, mais carrancudo ainda. Estava até com raiva da mulher, por segurar o choro com tanta perfeição. Que chorasse à vontade, enchesse as panelas de lágrimas, ensopasse a barra da saia, e ele também se aliviaria um pouco, consolando-a.

Arrependeu-se de ter raiva da mulher, tão boa e tão heróica. Agora estava com raiva era daquela falta de fôlego, como se fosse um espírito mau que o estivesse abraçando.

Nem reparou que já era noite, e que sá Zefa terminava o preparo da comida, que ficou inteirinha. O pobre casal foi para os seus miseráveis leitos, com o estômago vazio, mas até a fome estava murcha, submissa ao peso da grande mágoa e da aflição que esmagava aquela gente.

Já era alta noite, e Zé do Carmo saiu para fora da palhoça, pois até àquela hora não havia conseguido dormir. Um vento forte esbofeteou-lhe as faces escaveiradas por tantos abalos morais.

Contemplou o mato ralo ao longe, esmiuçou a redondeza com o olhar, fitou o céu estrelado, buscando o caminho de São Tiago.

Se Ritinha estivesse morta, andaria aquela hora a correr pela estrada do santo, rumo ao reino de Deus.

Morta? O sertanejo sentiu um solavanco ao pensar numa coisa daquela.

Estava encabulado com o heroísmo da mulher, ante uma tragédia tão subitânea, que viera transformar seu rancho humilde numa espécie de túmulo. Naquele momento era preferível uma companheira chorona, molenga, perita na arte dos chiliques e esperneamentos de toda sorte, que escancarasse a boca no mundo, urrasse e babasse no travesseiro, mas sá Zefa era heróica. Ele é que estava se mostrando um

maricas. Ficara por muito tempo com o ouvido arrolhado pela escuridão do quarto, pois ali não se ouvia nem o zunido de uma muriçoca, à espera de que a mulher se desfizesse em choro, para que ele a consolasse, e nada.

Por isso é que resolveu sair, porque sua aflição estava para estourar dentro daquele quartinho. Necessitava de espaço suficiente, de respirar ar puro, de fugir da presença corajosa da esposa.

O vento noturno soprava mais fortemente, e o seu ruído era semelhante a vozes e gemidos distantes, a zunzum de conversa abafada.

“Se um cabra desonra minha casa, acabo com quanta alprecata for priciso no rasto dele, mas interro a oreia do bicho na entrada de minha porta!”

Isto é o que seu compadre Quincas lhe havia dito, não fazia muito tempo. Aquelas palavras lhe esburacavam os ouvidos, desbarrancando-lhe a cabeça, em todos os sentidos. “Mas gastar as alpercatas atrás de quem?”

Zé do Carmo afastou-se da porta violentamente, e foi até onde estavam os tocos de cigarro. Estraçalhou-os com o pé, até confundi-los com a terra, com a fúria e a emoção de quem esmagava a cabeça de uma cobra.

Sentiu uma espécie de satisfação diabólica atafulhar-lhe a alma encolhida, erguendo-se um pouco do acabrunhamento em que se achava. Isto, porém, foi apenas um relâmpago. Envergonhou-se até de ter feito uma bobagem daquelas. Que diabo lhe entrara na cabeça para ficar com tanta raiva dos tocos de cigarro? “Tou é doido. Toco de cigarro... coisa à-toa...”

O certo é que se sentiu mais aliviado quando ficou ali apenas a terra revolvida. Olhou depois, meio desconfiado e raivoso, para as marcas dos pneus de automóvel.

Se fosse desmanchando aqueles sinais talvez morresse de fome no caminho, mas poderia descobrir o paradeiro da filha. Estaria ficando doido varrido?

Estava resolvido a desmanchar as marcas das rodas do carro, ao menos do terreiro de seu rancho, para descarregar mais um pouco da angústia que o torturava.

Assustou-se quando foi despertado daquele estado de quase alucinação pela voz da mulher, sempre corajosa, quase maternal:

– Vamos pra dentro, Zé. Tá tarde e esse ar da noite faz mal. Vamos pra dentro.

O sertanejo foi arrastado para o quarto, sem nenhum protesto.

Estava vencido.

XIV

Vários meses já haviam passado desde o desaparecimento de Ritinha. Ninguém mais falava nisso. Nos primeiros dias, a notícia correra de cata em cata, ao sabor das línguas de maior ou menor capacidade de aumento, mas depois tudo se apagou a respeito da sertaneja.

Apagou-se fora do rancho de Zé do Carmo. O caboclo perde tudo. Mulher, dinheiro, filhos, saúde, mas nunca perde o desejo de vingança.

Zé do Carmo curtia o seu sofrimento num silêncio enigmático. A velha companheira o abandonara também, numa fuga precipitada do burburinho da vida. Não suportara um golpe tão terrível, que concorreu para a explosão de um aneurisma, que já andava com o estopim curto.

Por uma tarde calorenta, em que diversos garimpeiros festejavam o encontro de grandes quantidades de cristal em suas catas, lavando a poeira da goela com cerveja e cachaça, Zé do Carmo surgiu na loja de Domingos, e falou com a voz engasgada:

– A véia discançou, seu Domingo.

– Sá Zefa...

– Tava fazendo café e dèrrepente gritou: “Acode aqui depressa, Zé!” Quando cheguei junto dela já tava caída. Só soltou um gemido puxado, que quase me ranca os óio pra fora, seu Domingo, purque home não chora pra fora, mais só pra dentro. Não pude nem pô uma vela na mão dela.

– Quem sabe foi um ataque apenas? Você reparou bem o pulso dela?

– Tou acostumado com gente morto, seu Domingo. Tou suzinho no mundo. Quero qui o sinhor me ajude a fazê um interro mais ou meno pra véia. Ela merece.

– Ponho à sua disposição tudo o que você precisar, até dinheiro.

O sepultamento da companheira de Zé do Carmo foi um dos mais concorridos dali. Domingos se encarregara de convidar todos os seus amigos. Grande número de garimpeiros compareceu para acompanhar o caixão.

Toda semana morria gente. De febre maligna, de maleita, de pneumonia e até de estrepada no pé onde o tétano mergulhava traiçoeiramente. Gente desconhecida, que sumia de uma hora para a outra.

E as perguntas surgiam constantes nas rodas de garimpeiros.

– Cadê aquele velho piauiense qui trabalhava pro Germano? Faz dia já que não vejo ele...

– Morreu na semana passada. Não viu aquela rede carregada por quatro cabra macho que ia fungando? O véio tava seco, mais tinha osso pra daná!

O enterro de sá Zefa, porém, fora diferente. Tão diferente que chamou a atenção dos linguarudos sobre o desaparecimento de Ritinha. A sua morte fizera viver o caso por alguns dias.

– Essa mulhé era inda forte...

– Quem güenta vê uma fia desincaminhada de sopetão, jogada no lixo sem mais nem quê? Nem onde a minina tá socada o povo dela sabe.

Zé do Carmo, apesar da sua enorme resistência física, começou a falhar no serviço. Ficava horas compridas pitando um cigarrão de palha, de cócoras à porta do rancho, com os olhos espichados para o lugar onde havia triturado os tocos de cigarro.

Preparava a comida, o café, arrumava o rancho, seguindo o mesmo sistema da esposa morta.

Não podia voltar atrás, pois já se sentia sem forças e desencorajado para enfrentar a lavoura novamente. Havia vendido sua casa ao dono das terras, e não agüentaria construir outra daquele jeito, sem o auxílio da companheira de tantos anos. Sá Zefa o havia auxiliado muito naquela construção arrojada. Trepava na cumeeira e nos caibros para amarrar as ripas e ajeitar as palhas de pindoba em cima, com mãos de artista. Aquela mulher, havia horas em que era semelhante a um homem e tanto!

“Essa tal morte até qui é engraçada. Como é qui é tão difice nascê, a vida é um trem danado de cumplicação, e vem a morte e ispreme a gente feito pulga, feito micuim, feita piolho de galinha, sem indagá se a gente tá no jeito de imbarcá ou não, se tem fio pra criá ou não, se tá deveno, se tá cheio de pecado ou se já discarregô tudo no padre...”

E o sertanejo balançava a cabeça e falava sozinho, riscando figuras a esmo na terra fofa, que alisava com a palma da mão cheia de calos.

O resto continuava no lufa-lufa de sempre. Garimpeiros reduzidos a trapos chegavam atraídos pelas notícias do Pium, e de um momento para o outro estavam metidos na farra, gastando com bebidas caras e mulheres baratas. Alguns que tropeçavam de repente num montão de cristal se esqueciam da doença dos filhos, das mulheres, deixavam de lado as dívidas em que estavam atolados até o pescoço e bebiam, bebiam.

Amanheciam escornados em qualquer canto, com o bolso vazio e as mãos trêmulas para empunhar de novo a picareta. Somente Zé do Carmo estava ausente das farras, ausente de tudo.

E mais uma vez, nas horas de folga, os comentários surgiam:

– O Zé do Carmo não tará meio disparafusado dipois da morte da mulhé e do sumiço da filha? Tem dia qui ele trabalha feito um doido, discobre cada ninhada de pedra qui parece qui é um espírito qui tá insinando ele onde tá socado o cristal. Dispois passa semana inteira assim, parece qui maquinando qualqué coisa... falando com o chão... Esse home tá é doido!

– A dor qui dá no peito só quem sinte é que conhece, minino. Minha famia se espatifou toda também naquela biboca do Amazona, tirando borracha pra guerra. Perdi mulhé, um irmão, dois fio piqueno e uma fia quage moça, tudo ingulido pela sezão braba de lá. Fiquei sem sabê se tava vivo ou se tava morto um estirão de tempo. Não fiquei também interrado naqueles tremedal porque não era dia. Eu sei o qui é dor de coração!

Zé do Carmo, cada dia que passava, mais ficava atarracado no seu acabrunhamento. Seu pensamento estava rachado ao meio. Um lado virado para a mulher morta, outro buscando descobrir insistentemente o paradeiro da filha.

Parecia que ela havia sido enterrada no lugar onde estavam os tocos de cigarro. Seus olhos já estavam cansados de tanto esmiuçar aquela terra fofa, pisada todo dia por milhares de pés.

O sertanejo pegara até a mania de jogar os tocos de seus cigarros ali, para ter o prazer de esmigalhá-los com o pé. Somente as marcas de pneus se cruzavam,

aumentavam de hora para hora, e era impossível apagar todos os sinais das proximidades do rancho.

Ritinha estava em Anápolis. Passara no bordel somente um dia. Estava sendo submetida àquela mudança de vida sem reação nenhuma, como um doente que se submetia a uma operação ao sabor do médico, sob o efeito de um anestésico. Ritinha estava anestesiada pelo susto que levara com a morte do Grajaú, cuja culpa estava despencando irremediavelmente sobre seus ombros frágeis.

Nem se lembrava mais do modo selvagem com que Rolinha se apoderara de sua virgindade, apadrinhado pelos acontecimentos anteriores. Tinha até a impressão de que havia morrido, e Anápolis era um cubículo qualquer do outro mundo. Uma coisa, porém, lhe esclarecia a cabeça atordoada. Era a certeza de que não estava no céu, brincando com os anjos.

Rolinha, depois de contar com mais esse caso, coisa insignificante já na sua vida de vagabundo, entregou Ritinha à Totica, dona de uma casa de tolerância.

– Dê um jeito nessa baiana pra nóis, Totica. Com alguns preparo ela dá no couro, direitinho...

– Onde é qui tu arranjou mais essa franga, bode sem-vergonha?

– Por aí... Eu falei prela qui você era minha tia e que ela podia ficar aqui.

Totica passou um olhar meio penalizado na sertaneja, que estava encolhida a um canto, tremendo.

– Ela tá com maleita?

– Tá nada... É susto à-toa. Tá com a embocadura ainda desafinada...

– Bode fedorento! – rosnou Totica.

– Tou te desconhecendo, nega! Tá zangada com a gente, ou o que é qui é?

– Tu sabe que eu entrei nesta vida por castigo, cadelo bicheirento! Quem não conhece o orgulho de meu povo? Mas essa coitadinha, que orgulho o povo dela pode apresentar? Só mesmo um bode como tu é que pode fazer uma coisa destas.

– Dá jeito nela pra nós, Totica... Deixa de afobação...

Totica ficou por alguns segundos de braços cruzados, olhando fixamente para Ritinha, depois falou, já com o olhar menos duro, examinando a sertaneja com mais atenção.

– Tem um quarto vazio, por enquanto. Tava ocupado pela Maria Gracinda, mas ela pegou tanta doença do mundo e ficou dum jeito qui não pode mais pagar o aluguel. Botei ela pra rua. Vou mandar sua coisa pra esse quarto, e vou dar um vestido pra ela. Se ela não cair na vida logo e começar com fuleragem besta, despacho ela. Já tive muita dó de gente como eu, mas não adianta. Nossa vida é desse jeito mesmo. Ou fica velha no canto, passando fome, em molambo, ou abre um bordel para viver da infelicidade das outras. Isto aqui não é asilo, é lugar para entrar gaita, pois meu filho já passou pro quinto ano de Direito em São Paulo.

– Bem, nega. Vou andando.

– Vai atrás de mais outra, cadelo desbriado? Por que não pega moça grã-fina? Garanto qui tu já tinha ido pro beleléu. Uma coisa te garanto. Se tu aparecer mais aqui com uma coitada destas, dou parte de ti na polícia.

– Deixa de agouro, nega. Deixa a gente cuidá da vida. Vai insinando ela suas malandrage qui ela dá no couro! Praqui não trago mais ninhuma, te garanto! Té logo!

Rolinha saiu, fazendo mais um risco, com o canivete, no cabo de chifre de sua faca cearense, para não perder a conta.

XV

– Está com a mão molambenta hoje, Domingos?

– Não ando bem de saúde de uns dias para cá, dona Inhalica. Acho que é o estômago, fígado... o certo é que o maquinismo não vai bem.

A pergunta de dona Inhalica, mulher de seu Zuca, veio perturbar mais ainda o sistema nervoso de Domingos naquele dia.

Ele já havia quebrado um vidro de perfume, a tesoura com que cortava as fazendas lhe havia caído no pé, de ponta, e certa hora quase veio abaixo com a prateleira. A pergunta de dona Inhalica foi mesmo que um cutucão numa ferida.

A velha vizinha saberia, por acaso, da carraspana em que ele se metera na noite passada? Aquilo era uma língua desabusada! Dona Inhalica era uma bicha destabocada de tudo. Se soubesse de qualquer coisa, todo mundo logo o saberia.

Domingos tomara o café pela manhã, num desapontamento de cachorro que apanhara. Helena desempenhava os trabalhos de dona de casa com o mesmo ar calmo de sempre, e Domingos sentira um estremecimento quando ouviu a voz de santa que ela possuía:

– O café está bom, Domingos? Parece que errei no doce.

– Está ótimo!

Foi somente o que pôde dizer. O seu desejo, porém, era lançar-se aos pés da esposa, e pedir-lhe perdão até chorar, se preciso fosse, para aliviar a consciência que estava podre, com o abutre do remorso trepado em cima.

Domingos ia abrir a boca para falar, mas sua mão se erguia como que automaticamente e, zás!, um gole de café pelando em cima da língua que se encolhia medrosa, de sopetão.

Ao menos se arranjasse a língua de dona Inhalica por cinco minutos! Esse espaço seria curto, é verdade, mas daria um desabafo completo. Mesmo a língua de Inhalica, que era como taramela de porteira de estrada, se humilharia diante do ar indiferente e superior de Helena.

Estava num beco sem saída. Por que não se casara com uma sirigaita qualquer, que lhe escanchasse a língua no lombo, fosse por qualquer motivo fútil para que ao menos tivesse coragem de se defender?

Aquela mulher, porém, era uma santa!

Até o café gostoso lhe estava causando engulhos no estômago. Um perfume barato estava grudado no seu nariz. Não possuía cabeça naquele momento. Tinha propriamente uma cabeça vazia que emitia zunidos diabólicos e constantes.

Badico desempenhara o papel de um perfeito amigo-da-onça! Na hora em que ele pusesse o pé no batente da porta, faria um destampatório! Botá-lo-ia no olho da rua!

Erguera-se ainda mais zonzo do que quando se levantara pela manhã, com gosto de tacho na boca, e foi ao quarto de dormir trocar aquela camisa embebida de suor, e com aquele perfume enojadiço.

Se continuasse a senti-lo, vomitaria.

Precisava vomitar, porém, as palavras de arrependimento que lhe formigavam no íntimo.

Tirou a camisa suada e jogou-a no caixote de roupa suja, como se jogasse um bolo de gaze e esparadrapos, embebidos de sangue e pus.

A história fora simples.

– Vamos ali em baixo, colega velho?

– Está quase na hora de jantar, Badico. Desde que me casei nunca peguei uma refeição fora. Ainda mais agora. Você sabe que a patroa está em estado interessante...

– Deixa de ser mulherengo, velho! Não tivemos nem tempo de desfiar uma conversa ainda... Eu vou-me embora hoje ou amanhã. Precisamos matar as saudades, velho!

– Já vem você com sua bicaria...

– É a expressão da verdade velho! Ninguém sabe quando a gente poderá se encontrar novamente. Tire uma horinha para o colega velho que alisou banco junto com você, seu molóide!

– Lena!

Helena apareceu, sempre de bom humor. Já havia sido apresentada a Badico, no dia anterior. Não gostara de seus modos, mas era amigo de Domingos, e não queria descontentar o esposo, que amava sinceramente.

– Deixa a costura um tiquinho enquanto vou ali com o Badico, Lena. Hoje não há quase freguesia e o negócio está meio parado. É só um momentinho.

– Quero mostrar umas coisas para o colega velho, dona Helena. Pode confiar em mim. Não sou desencaminhador de marido alheio. – Badico soltou uma gargalhada que encheu a loja. Encheu-a e derramou-se pela rua silenciosa naquele instante.

Os dois saíram, seguidos pelo olhar observador de Helena. Badico conduziu Domingos até uma casa de meretrizes que ficava um pouco distante.

– Você vai para ali? – indagou meio indeciso.

– O que que tem, velho? Não vou demorar aqui mesmo... Vou-me embora logo. Vim aqui a convite de um amigo, filho de um comprador de cristal. Você sabe que sou estudante, e ninguém repara o que um estudante faz.

– Mas o meu caso é diferente.

– Assumo toda responsabilidade, velho.

– Acho que você não é o mesmo companheiro de outrora, Badico. Goiânia está estragando você demais.

– Guardei um uísque pra nós, velho. Tem uma menina lá que é um pedaço de morena. Ouvi dizer que ela até é educada, de família rica em São Paulo. Jogou-se na vida muito moça. Venha conhecer ela. Puxa um fogo escomungado! Faz até dó! Ontem ela estava num pileque danado!

– Você tem cada idéia...

– Assumo toda responsabilidade, velho. Não se incomode com a patroa. Com minha bicaria, arranjarei uma desculpa logo e ela não desconfiará de nada.

As doses de uísque foram se sucedendo. Domingos quando rapaz, fora um grande farrista, mas estava agora destreinado. Badico era forte no copo. Jamais se embebedava por completo.

Domingos já havia escutado toda a sua história de boêmio em Goiânia, onde estava estudando Direito. Aparecia na Faculdade somente na época de matrícula e de exames. O resto era na cola e na tapeação. Domingos já estava com o rosto afogueado, olhos vermelhos, numa loquacidade anormal.

– Cadê a Paulista, Das Dores? – indagou Badico, acendendo um cigarro.

– Tá socada no quarto hoje, toda afuazada. Acho que tá no fogo. Essa mulher pra mim é desparafusada de tudo. Não tem a bola certa de jeito nenhum. Chegou aqui e me pediu um quarto pra três dias. Diz que veio conhecer o garimpo. Ela conhece tudo quanto é cidade grande do Brasil. Conhece até o estrangeiro. Diz que queria o quarto e bóia. Me pagou tudo adiantado e pediu pra comprar um litro de Constantino pra ela. Vive num fogo largado. Andou pelo garimpo todo e se meteu no quarto. Se já recebeu algum, não sei. Ninguém inda viu. Levo comida pra ela. Tá com a caldeira numa pressão danada agora, só escrevendo, escrevendo. Esta fulana pra mim é louca varrida, te garanto!

– Vamos lá, Domingos?

Domingos, já meio alcoolizado, se interessou pela mulher. Bateram à porta. Domingos estacou meio desconcertado. Uma linda mulher veio abrir a porta, vestida num luxuoso roupão. Havia bebido bastante, pelo brilho dos olhos, mas não estava embriagada.

Pela conversa de Das Dores ele julgara que fosse uma rameira qualquer, apenas excêntrica, mas aquele tipo de mulher tinha um quê de misterioso atrativo que não se via no ambiente dos prostíbulos.

– Façam o favor de entrar.

– Meu amigo deseja conhecê-la – disse Badico.

– O prazer será todo meu.

A paulista era de uma educação esmerada, mas de uma franqueza singular. Badico, logo que chegara, começou a apoquentá-la com uma conversa desengonçada, imoral e sem nenhum sentido. A certa altura ela lhe atarracou na cara uma resposta dura, com ar quase selvagem:

– O senhor me aborrece. Quer ter a bondade de retirar-se para que eu descanse um pouco?

Badico saiu sem nenhuma reação, completamente humilhado, apesar de já estar acostumado a fazer toda espécie de desordem, e a meter o braço em meretrizes, só pelo prazer sádico de maltratá-las. O tipo diferente da paulista o deixara desorientado. Por isso é que não quis entrar com Domingos.

– Estou aqui fora conversando com Das Dores, viu, velho?

– Mas você é que me convidou...

– Dê um fiapo de conversa com ela, velho.

Com um movimento rápido a mulher deixou cair o cabelo para a testa, quase lhe encobrindo o rosto, e ficou de olhos fitos no chão, sem denotar nenhuma contrariedade ou interesse, à espera da decisão de Domingos.

Badico o empurrou, e quando ele se assustou já estava no meio do quarto. A paulista mostrou-lhe uma cadeira sem nada dizer. Domingos refestelou-se nela, com um receio de quem entrava num consultório médico, aguardando o diagnóstico de uma doença incurável.

Ficou por algum tempo a engolir em seco, a fitar a mulher que enchia um cálice de vinho.

– Aceita um pouco?

– Pra lhe fazer companhia. Estou meio zonzo, culpa do Badico, pois desde que me casei nunca havia feito farra.

– E hoje saiu fora do sério. A mulher está ausente?

– Nada. Está aqui mesmo. Ficou tomando conta da loja. A culpa é do Badico.

– Deixo de emitir opinião sobre seu amigo. Não devia ter vindo a um lugar destes. Um prostíbulo de garimpo é que o senhor está vendo. Sujeira e mais sujeira. Quando entrei neste quarto, fazia medo. Pedi a Das Dores para arranjá-lo de qualquer maneira.

A atenção de Domingos foi despertada por um vidro grande que estava sobre a mesa. Dentro havia, mergulhado em formol, um feto encolhido, parecendo uma lagartixa sem rabo.

– Que é aquilo?

– Meu filho. Filho do único homem que amei. Mais um gole de vinho?

– Um pouquinho. Teve um aborto?

– Propositado.

– Mas isto é crime.

A mulher esboçou um sorriso amargo. Novamente os cabelos lhe deslizaram pela testa, ensombrando-lhe o rosto.

– É tão difícil a gente conhecer o sentido exato do que seja crime. Deixemos esses debates tolos para os criminologistas. Meu nome é Belinha, se lhe interessa sabê-lo.

– Belinha de quê, se me perdoa a indiscreção?

– Apenas isso. Este é meu nome de guerra. O nome de família não interessa. Não espere que lhe conte minha história. A história de meretrizes é sempre a mesma.

Domingos bebeu o vinho de um só gole. Começava a encabular com aquela mulher. Colocara-se já, inteiramente, em sua defesa. Desejaria saber o nome do monstro que a fizera infeliz.

Era linda de verdade, mas os olhos dele estavam fincados no feto dentro do vidro. Por que Belinha conservaria aquilo com tanta naturalidade? Seria de miolo mole, como afirmara Das Dores? Os olhos baços do feto pareciam estar também estirados para ele. Desviou os olhos bruscamente do vidro e foi pousá-los na cama. Bem arrumada, tudo limpo, com certo luxo, pois Belinha conduzia roupas de cama também.

Perto do travesseiro estavam um volume de *Angústia*, de Graciliano Ramos, e outro de *Os miseráveis*, de Hugo. O olhar de Domingos foi novamente arrastado para o vidro.

– Vejo que se interessa pelo Mauro, não é verdade, sr. ...

– Domingos Fernandes.

– Jamais alguém se interessou tanto pelo Mauro.

– Mauro?

– Já se esqueceu de meu filho? Chama-se Mauro. O sr. não acha muito mais fácil conduzir-se um filho no vidro, em formol, do que vê-lo jogado no monturo da vida? Ele viverá enquanto eu viver. Seremos enterrados juntos.

Os olhos de peixe cozido do feto estavam apontados para Domingos. Agora, com a declaração da mulher, ele estava era com medo. Um medo apalermado, como se aqueles olhos sem vida fossem dois canos de arma de fogo dirigidos para ele.

– O Mauro é um menino inteligente – continuou a paulista. Conversamos longas horas. Ele me leva para as deliciosas regiões do inconsciente onde jamais irá a estupidez humana. Quando regressamos desse mergulho fora da vida microbiana, sinto-me outra. Digo da vida microbiana, porque nós, macacos aperfeiçoados, não passamos de depósitos ambulantes de micróbios. O Mauro é um menino bonzinho e inteligente. Está felizmente fora do monturo da vida.

Domingos já estava com a cabeça rebolando, não somente devido à ação do álcool, como pelos modos e pela conversa maluca de Belinha. Sentia até um medo tremendo daquela mulher e do filho, um medo que se transformava depois em verdadeira atração.

Se fosse solteiro acompanhá-la-ia nas suas peregrinações, só pelo desejo irresistível de saber que demônio de mulher ou de santa era ela. Só mesmo um garimpo era capaz de receber gente de toda espécie assim.

Domingos não estava propriamente com medo. Estava era enfeitiçado por aquela mulher. A figura de Helena, porém, boiando entre as neblinas do álcool, se interpunha firme, impedindo que ele procurasse conhecer sexualmente uma rameira tão fora do comum.

– Não pense que descuido do meu ofício. Recebo homens de qualquer tipo, exceto mendigos e doentes, com a condição de que me paguem bem. Sou mulher como qualquer uma. Você, porém, fracassaria comigo agora, por medo. Medo de mim e de sua esposa. Não acha melhor sair de um lugar destes e ir para a companhia de sua esposa?

Ir para casa! Agora é que Domingos reparava que já era noite avançada. Como o tempo passara depressa! Queria espichar mais a conversa com Belinha, a fim de penetrar-lhe mais na vida misteriosa, mas Helena devia estar já bastante preocupada com a sua demora, e ela não merecia uma desconsideração tamanha, pois era a primeira vez que ele saía do sério depois de casado.

Relutou por alguns instantes, e finalmente decidiu-se.

– Belinha, não me queira mal. Tive muito prazer.

Ela apenas estendeu-lhe a mão, num gesto frouxo, em sinal de despedida, mas seu olhar estava firme no feto. Mesmo por entre a tênue sombra produzida pela cabeleira negra despencada sobre o rosto, notava-se nos olhos dela um brilho anormal.

Badico estava já dominado pelo uísque e Das Dores completamente bêbeda.

Correu ao encontro de Domingos, abraçou-o espalhafatosamente.

– Vem cá minino bonito! Tem muito que tou de olho em você!

Domingos empurrou-a de modo brutal e saiu estabanadamente, meio cambaleante, sem ao menos se despedir de Badico.

Ao voltar a casa encontrou a porta cerrada. Entrou sorrateiramente, mas quase perdeu o equilíbrio e firmou-se na porta, que bateu, produzindo grande ruído.

Nem bebeu o café que estava preparado, já frio, à beira do fogão. Helena já havia se deitado. Domingos estirou-se ao lado dela. Em poucos instantes estava

mergulhado num sono aflito, assustado, devido ao efeito do álcool, tombando na cama. Sonho ou delírio?

O feto dentro do vidro foi crescendo, tomando a forma monstruosa de um gorila. Arrebentou furioso as paredes frágeis que o prendiam e começou a fazer estripulias pela localidade. Estrangulava, mordia, semeava o pavor em todas as casas.

Belinha, cabelos desguedelhados e olhar demente, acompanhava o monstro, gritando.

– Mauro! Mauro! Volta, meu filho!

O gorila, já de tamanho descomunal, veio em direção à loja. Domingos encolheu-se a um canto apavorado, sem meios de se defender.

O gorila veio se aproximando, grunhindo, com um esgar tremendo, e os braços possantes num gesto de abraço mortal.

Domingos acordou com a própria voz, tradeando a escuridão do quarto.

– Mauro! Mauro! Tenha piedade, não tenho culpa! Helena estava acordada, silenciosa, piscando na treva, e teve um pequeno desafogo quando o marido, naquele sonho alcoolizado, chamara por um nome de homem.

– Mauro? Mas quem seria Mauro?!...

XVI

– Bença, pai. Perdoa! – Ritinha se ajoelhara à frente de Zé do Carmo, que estava à porta do rancho, como de costume, riscando o chão e entregue à tristeza. Nem percebera quando um automóvel parara perto.

O sertanejo levantou-se rápido apesar de lhe tremerem as pernas, pelo efeito da emoção. Ergueu a filha e abraçou-a com força.

– Deus abençoe. Perdoa o quê, Rita? Tu não tem culpa de tê nascido...

Depois, meio desajeitado, com o fôlego curto, apontou para dentro do rancho.

– Tem café quente na beira do fogo. Bebe um gole, Rita.

Zé do Carmo, pela primeira vez, estava chorando. Ritinha estava soluçando também, parada no meio do quarto. Estava bem vestida, com um penteado moderno, sapatos ana-bela, unhas pintadas, sobrancelhas bem arrumadas.

Zé do Carmo entrou e foi acender um cigarro. O tição lhe caiu das mãos duas vezes. Estava com os nervos como que desligados. Ritinha sentou-se a seu lado, num banco tosco, e bebeu o café.

– Igualzinho o café de mãe...

Desatou a chorar convulsivamente. Zé do Carmo tremia inteirinho, mas já estava de olhar enxuto, e procurava consolar a filha.

– Deixa de choro, minina. Sua mãe tá no céu. Nóis é qui tamo nessa imundice de munturo.

Com a fala entrecortada pelos soluços, Ritinha encostou a cabeça no ombro do pai.

– Sempre indaguei pelo sinhor e mãe. Sôbe de tudo. Toda vez que rezava pedia perdão pelo que fiz pra mãe e pro sinhor. Pai, não fiquei na vida de mulhé perdida não, pai. Aquele bandido me botou no mundo mas achei o Nelito que me levou pra casa dele, pra morar junto com a mãe dele. Ela é louca por mim, e eu mais o Nelito vamo casá agora, neste mês. Ele só tá esperando eu voltá, pois falei que precisava pedi perdão pro sinhor primeiro. Nelito tem carro de praça em Anápolis. É bonitão qui só o sinhor vendo. Mandou o irmão dele me trazê, porque tava desimbrulhando uns negócios lá, pra quando a gente se casar não ter embaraço. O Nego, irmão do Nelito, foi levá uns passageiro mais adiante. Volta logo, o sinhor vai gostá dele.

Ritinha soluçava de modo mais espaçado, e as lágrimas já não lhe desciam mais pelo rosto. Ficou calada uns instantes, depois, mudando de tom, prosseguiu:

– Aquele bandido pensou que me botava no mundo à-toa, mais o Nelito gostou de mim e me levou pra casa dele. Aquele sujeito bandido pensou que me botava no mundo...

Zé do Carmo parou de tremer. Seu rosto tomou uma expressão fria, e o olhar se tornou duro, com um modo quase feroz. Com voz surda, que mais parecia um rosnado, com as palavras saindo espremidas por entre os dentes cerrados indagou:

– Quem é esse peste, Rita?

– Um tal de Rolinha. Ele tá cansado de fazê isso com filha de gente pobre. Acho qui ele tá aqui outra vez.

– Vi ele hoje.

– Aquilo é um capeta puro, pai.

– Isqueça esse malvado, Rita.

– É só pro sinhor sabê, pai.

– Fiquei mais aliviado, Rita. Deus te abençoe.

O sertanejo foi novamente acender o cigarro apagado. Agora segurava o tição com punho firme, apertando o toro com forca.

– Pai, – continuou Ritinha – eu queria levá o sinhor pra Anápolis. Fica morando com a gente. Lá tem serviço mais leve pro sinhor.

– Quero ficá aqui mesmo, Rita. Qualqué hora tou também de viage pra junto de sua mãe. Pra que levá carga à-toa pra pesá em suas costas e de seu marido? Tinha vontade de conhecê meu genro. Já tou gostando dele. Basta ele sê bom pra você.

Algumas horas depois Nego chegou. Era um rapaz alegre, otimista. Contagiava todo mundo com o ar folgazão.

– Rita, seu cunhado dorme na cama grande. A tua ficou sempre arrumadinha, tudo limpo. Eu me arranjo bem. Quase não tou durmindo mesmo...

– Não se afobe, seu Zé. Lugar de chofer é dentro do carro, já estou acostumado com isso. Tenho cobertor e cochonilho. Ando previnido. Também aqui a gente não precisa de coberta, nem nada, pois o calor é de rachar. Não se afobe, seu Zé.

– Pai – disse Ritinha de repente. – Me esqueci de trazê minhas chinela. Quero discansá o pé um tiquinho. Vou na loja de seu Domingos comprar um par. Ao menos a gente diz adeus pra dona Helena. Será qui ela recebe a gente de mal?

– Aquele povo é gente boa, Rita.

Ritinha saiu. O modo de andar não mudara quase nada. Apenas estava mais apressado. Crescera mais.

Seu corpo tomara formas mais graciosas, menos infantis. Era agora mulher completa. O contato com Rolinha fora um martírio, uma cousa que a deixara

completamente apavorada. Mas Nelito era carinhoso, e não possuía o sadismo selvagem do bandido.

Depois de conversar um pouco com Helena e Domingos, desembaraçadamente, despediu-se e saiu, já munida do par de chinelas.

Ao pisar fora da loja, porém, teve um sobressalto, e virou-se rápida, meio nervosa, com uma voz conhecida.

– Então, já trocou o vestido feio de algodão? Eu não te disse qui você com uma sedinha virava outra coisa?

Continuou a andar, com passos mais apressados. Rolinha seguiu-a, e, percebendo que ela não lhe dava mesmo qualquer atenção, rugiu ameaçador:

– Para aí, cachorrinha besta, se não te encho as costa de bala!

Ritinha parou, virou-se decidida para Rolinha e falou-lhe quase nas bochechas, sem pestanejar:

– Sai de junto da gente, bode discarado! Não sou mais a tola qui tu enganou! Tenho agora um home decente que mora comigo, viu?

– Espera aí que te encho o nariz de tapa agora mesmo, cabritinha metida a biscoito de sebo!

Rolinha arregaçou a manga do paletó e avançou para ela, mas nesse instante uma voz forte o fez ficar de braço erguido no ar.

– Nesta tu não bate, peste!

Zé do Carmo, enquanto Nego ajeitava os pneus do automóvel, havia seguido a filha, ocultamente, porque sentia naquele momento forte ciúme, cuidados desconhecidos por vê-la andar sozinha naquele lugar perigoso.

Rolinha encarou o sertanejo, que ainda não conhecia, e soltou uma gargalhada.

– Veja só quem é o tal protetor dessa franga! Eu bem disse pra Totica, qui tu dava no couro direitinho... Tá arrastando a saia pra um garimpeiro velho!

– Nessa tu não bate! – repetiu Zé do Carmo já bem próximo.

Rolinha levou a mão à cintura e sacou de uma Walther, julgando com esse gesto intimidar o sertanejo. Zé do Carmo avançava com passo firme, o olhar apontado para os olhos de Rolinha.

O capangueiro fez pontaria e puxou o gatilho. Perdeu o primeiro tiro, o segundo, o terceiro, pois Zé do Carmo, já de faca em punho, dava saltos de gato, sempre avançando. No quarto disparo o garimpeiro levou a mão ao estômago, mas continuou a avançar.

Rolinha puxou o gatilho mais uma vez, mas a arma engasgou, e, no momento em que ele desviou os olhos para desenguiçar o pente, o garimpeiro enterrou-lhe a faca no umbigo, produzindo-lhe um rasgo enorme no ventre.

Com os olhos esbugalhados ele ajoelhou-se, como se fosse pedir perdão, a arma caiu-lhe da mão, o chapéu de abas largas tombou para um lado, e Rolinha enroscou-se na terra, pondo sangue pela boca. Teve morte quase instantânea.

Domingos, ouvindo os tiros, correu logo para o local e ainda teve tempo de segurar Zé do Carmo que estava pálido, arquejando, mas com um sorriso aclarando-lhe o rosto.

Nego deixara o carro, cujos pneus estava enchendo, e veio correndo também. Os dois ampararam Zé do Carmo e levaram-no para o rancho. Deitaram-no de costas. Zé do Carmo, depois de alguns segundos, falou, com voz arrastada.

– O peste não desencaminha mais fia de gente pobre. Tou de peito lavado!

Nego fez um sinal significativo para Ritinha, que se ajoelhou junto do pai, derretendo-se num pranto angustiado, sentido.

A notícia já se havia esparramado pela localidade, por todas as catas.

– Aquele garimpeiro velho, o Zé do Carmo, comeu o Rolinha na faca agora mesmo.

– O Zé do Carmo coseu o Rolinha na ponta do aço!

– Tou cansado de falá que esse negócio de arma de fogo é besteira. Eu cá tenho fé é nessa cearense velha aqui na cintura. Não disaparto da peixeira nem para dormir.

– A honra se lava com sangue!

– Tu tem honra nada, traste!

– Isprementa, minino...

– O tenente já tomou providência?

– Pra quê? Contaram tudo pra ele, direitinho. Falaram qui o Rolinha tinha passado fogo no Zé do Carmo primeiro. Ele mandou foi jogá o cadave numa rede e leva pro campo santo. Também aquele Rolinha era do oco do mundo. Foi limpeza qui o velho fez aqui. Tou com pena é dele, morre também. Vamos fazê um interro bom pra ele.

– Mas ele inda não morreu...

– Tive lá e ele tá só arquejando. Vai mesmo dessa tirada.

Zé do Carmo estava nos últimos momentos. Era mais um lavrador engolido pela voragem do garimpo. Engolido antes de transformar-se num completo molambo humano, desajustado, a exemplo de vários outros que haviam abandonado as roças, para se meterem no fuça-fuça de terra em que se transformara aquela região pacata.

Sua fisionomia tinha naquele instante uma expressão de incontida alegria, talvez sabendo que ia morrer sem deixar a filha como mulher da vida. Com grande esforço ele ainda pôde falar.

– Diga adeus pra meu genro, Rita. É mió você levá flor pra mim no cemitério do que levá comida pra um pai criminoso na cadeia. Gente pobre qui mata é cadeia, na certa.

XVII

Domingos assustou-se e saiu daquela abstração profunda, com uma gargalhada espalhafatosa de Silvestre.

– O sr. é pra lá de bom pra contar anedota, doutô Alcide!

O dr. Alcides havia soltado uma piada imoral, que passou de raspão por Domingos, sem conseguir tocar-lhe a sensibilidade, pois estava completamente anestesiado para sentir qualquer graça nessas brincadeiras.

Estava isolado num mundo interior, àquele momento em completo burburinho. Os dias de Pium se revolviam em sua cabeça. Queria esquecer Pium, com toda a desusada agitação, para somente lembrar-se de Helena.

Silvestre repetiu a gargalhada, com menos intensidade, balançando a cabeça. O médico gozava o efeito de suas palavras na mentalidade infantil do chofer, mas com receio de olhar para Domingos.

– Outro camarada bom pra contar anedota também é o dr. Souza. O sr. conhece ele? Viajei com ele umas duas vez. Freguês que sabe de tudo quanta é tramóia é aquele. Diz que ele foi preso em Uberlândia, porque ia levando dinheiro dos garimpeiros de Cristalina, Fundão e do Pium.

– Aquilo é um trapaceiro – afirmou o dr. Alcides. – Nunca viu um livro de Direito e dizia ser advogado. Sei de toda a história. A polícia de Goiânia é que pediu a prisão dele. Veio folha corrida do Rio e de São Paulo, onde ele já teve diversas entradas na polícia por falsificações, estelionato, roubo e outras estripulias.

A figura de Zé do Carmo perpassou pela mente de Domingos que, mesmo sem fazer esforço para isso, ouvia a conversa naquele instante. Das outras vezes ele pescava pouca coisa da conversa entre o médico e o chofer, entretido com os próprios pensamentos, cada vez mais mergulhado no labirinto de recordações.

“Tenho medo de gente sabida dimais. Não vou com a cara desse fregueis, não sei purque...” O sertanejo tivera razão, quando não quis ir às reuniões do dr. Souza, na ocasião da sua passagem pelo Pium. Zé do Carmo estava agora nítido em sua mente, mas depois foi se tornando vaporoso, diluindo-se instantaneamente e dando lugar à imagem altiva e acentuadamente formosa de Helena.

Domingos isolou-se novamente, e as palavras de Silvestre e do dr. Alcides apagavam-se nos seus ouvidos, por completo, de onde eram expulsas pelos fantasmas de vozes que surgiam do túmulo de Helena, constituído de uma cruz tosca, encimando uma sepultura no cemitério de Pium, perdido na chapada.

– Você está se sentindo mal hoje, Lena? Não esconda nada, por favor. Pode ser a chegada do momento que tanto esperamos.

– Não se aflija, Domingos. Não há de ser nada. Apenas mal-estar, um pouco de tontura... Vou repousar um pouco.

Desde cedo, pela manhã, ela sentira novidades, mas se conservara calada para não perturbar o marido nos negócios. Domingos, porém, lhe notara o ar de sofrimento recalcado.

Helena foi para o quarto e Domingos correu imediatamente para chamar dona Inhalica, que servia como parteira em casos de emergência.

A velha veio e foi logo tratando dos preparativos para o caso, numa tagarelice descomunal. Domingos foi até o quarto e, à entrada, encontrou o olhar angustiado da esposa, como a interrogar-lhe se era necessário sofrer tanto para chegar à ventura de ser mãe.

Segurou-lhe as mãos, limpou o suor frio que lhe escorria pela testa.

– Não se aflija, querido. Tenho esperanças de ser feliz. Vá ajudar dona Inhalica em alguma coisa, do contrário ela ficará atarantada, sem saber onde estão os objetos de que necessita.

– Quero ficar junto de você, Lena.

Enquanto a velha lavava cuidadosamente uma bacia, Domingos atiçava o fogo para que a água fervesse depressa.

– Se a festa demorar muito, eu sei de muita simpatia que ajuda a resolver o negócio logo. Quem me ensinou essas coisa foi a defunta minha vó, que Deus tenha na sua glória. Deixa aí de mão seu chapéu, um botão de ceroula e a chave da porta. Se precisar, é só pôr o chapéu na cabeça dela, ela segura a chave, e a gente joga o botão debaixo da cama. É tiro e queda!

Domingos passeava agitado de um lado para outro, inteiramente alheio à conversa de dona Inhalica. De súbito um gemido longo veio de dentro do quarto. A velha correu para lá, mas Domingos ficou pregado ao chão, indeciso e emocionado.

Foi para a loja, sem coragem de entrar no quarto, pois estava perseguido por um pressentimento tremendo. Não conseguiu atender com precisão a dois fregueses que ali apareceram. Encorajou-se e resolveu fechar a loja e ir para junto da esposa, àquele momento mais necessitada do conforto de sua presença.

Quando se dirigia para o quarto, esbarrou-se com dona Inhalica que vinha de olhos esbugalhados.

– Diz que tem hoje aqui um doutor formado, vai chamar depressa!

Domingos abriu a boca para perguntar qualquer coisa, mas as palavras lhe engancharam na garganta. Antes que pudesse falar, dona Inhalica gritou mais uma vez.

– Vai depressa! Dona Helena tá dando uns ataque esquisito! Vai dipressa, que eu cuido dela!

Domingos saiu correndo, numa agitação descomunal, para procurar o médico. Era o dr. Alcides que estava por lá naquela ocasião. Encontrou-o fechando o negócio de uma partida de cristal. Nem levantou os olhos para ver a fisionomia torturada de quem lhe falava com aquela voz aflita.

– Doutor, peço-lhe a bondade de ir lá em casa ver minha esposa que está quase à morte com um parto trabalhoso. Este menino aqui leva o senhor lá, pois preciso voltar a toda pressa.

– A que horas começou isto?

– Não faz muito tempo, mas ela está muito mal.

– Não seria melhor esperar mais um pouco? Parto é assim mesmo, especialmente o primeiro.

– Preciso do senhor lá, doutor!

– Vou dentro de poucos instantes. Quero conferir estas pedras, pois preciso regressar amanhã para casa.

Domingos voltou mais preocupado ainda. Nem respondia às perguntas dos amigos que o encontravam no caminho, curiosos pelo estado de saúde de Helena.

– Ela está melhor? – Indagou ele arquejante, logo ao entrar.

– Acho que o caso é sério, porque nunca vi esses ataques em mulher nenhuma, mas Deus sabe o que faz. Estou rezando pra ela ser feliz. É preciso do doutor, pois eu não entendo dessas coisas esquisitas assim.

Helena se debatia nas convulsões da eclampsia e suas forças se esgotavam de momento a momento. Uma lesão cardíaca, sorrateiramente, lhe vinha corroendo a existência, de modo sutil e perigoso, sem que ao menos ela o notasse.

Subitamente as convulsões se tornaram mais violentas, ela agarrou as mãos de Domingos entre os dedos crispados, arregalou os olhos belos, àquele instante apavorados com a ronda sinistra da morte, o coração baqueou pelo violento choque, desmoronando-lhe a vida de repente.

Domingos ficou debruçado sobre ela por muito tempo, molhando-lhe os cabelos com as gotas de sua alma, que se dissolvia num choro de desespero.

O dr. Alcides somente uma hora depois chegou calmamente, conversando sobre cristal com um proprietário de catas do garimpo de Chapada. Domingos continuava afogado em soluços, agarrado ao corpo de Helena.

Dona Inhalica foi receber o médico à porta, com uma cara enferrujada de causar espanto, os olhos vermelhos, enxugando as lágrimas num grande lenço de chita.

– Não precisa mais do senhor, doutor. Já está com Deus.

– Não diga! Mas era tão grave assim?

– O senhor não viu a aflição do marido dela?

Dona Inhalica dizia aquilo com jeito de quem queria fechar a porta, e seu ar era tão significativo que o médico compreendeu a situação e retirou-se.

Imediatamente a casa ficou repleta de gente, amigos do casal e curiosos, por isso que o acontecimento fora rápido demais e a morte de Helena, uma senhora tão querida e respeitada num lugar daqueles, viera afastar a vulgaridade das mortes que se verificavam ali.

Nem o assassínio do capitão despertara tanta curiosidade, como o desaparecimento subitâneo da esposa de Domingos.

Ali apareciam constantemente certos casais, sobre quem recaía logo a desconfiança de todos, e os comentários pouco lisonjeiros salpicavam de maldade o ambiente.

– Aquele cara não é casado nada com aquela dona.

– Repare no jeito dela... Veja se aquilo é de mulhé casada...

– Eu já vi ela bem seleguestré em Uberlândia.

Domingos e Helena eram, porém, um casal respeitado naquele meio selvagem, com uma sociedade mesclada, homogênea apenas na ambição de fortuna fácil. Todos os estimavam.

Domingos se certificou disso pelo acompanhamento do caixão de Helena ao cemitério.

O chevrolé deu um formidável solavanco, devido a um buraco no meio da estrada. O choque chamou Domingos à realidade.

Cerrou o sobrecenho, com o olhar espetando um ponto limpo no céu.

Por que a imagem de Helena ia se ausentando de sua mente agora? Tentava agarrá-la novamente, para que somente ela enchesse o casarão sombrio em que se transformara seu coração, mas chegou mesmo a concentrar-se muito para não esquecer dos mínimos detalhes fisionômicos daquela a quem amara verdadeiramente.

Esta certeza de que a queria loucamente mais se acentuara depois de havê-la perdido para sempre.

Helena, porém, fugia-lhe do pensamento, e a figura misteriosa de Belinha se interpunha entre ambos, numa insistência supliciante e quase diabólica.

Helena estava morta, e levara o filho para o segredo e o mistério que fazem a morte temida e muitas vezes desejada.

Novamente Belinha passeava no corredor sombrio de sua cabeça, afugentando o fantasma querido da esposa, o fogo-fátuo do filho que não chegou a ver. “Não acha melhor conduzir um filho dentro do vidro do que vê-lo jogado no monturo da vida?”

A paulista se debruçava agora, com seu ar indecifrável, sobre a janela larga por onde Domingos espiava o passado. Procurava expulsá-la dali, pois aquele lugar era de Helena, mas Belinha parecia zombar de seu esforço mental e lhe dizia com um ar frio de mulher fatal. “O senhor fez mal em procurar-me. Por que não vai para a companhia de sua esposa?”

Domingos chegou a delirar. A insistência com que ela o fitava daquela janela, com os cabelos descidos sobre a testa e rolando-lhe nos ombros, obrigou-o a dizer, em dado momento, de chofre.

– Afaste-se daí, pelo amor de Deus!

Foi despertado daquela alucinação pelo som das próprias palavras. Silvestre olhou-o com uma expressão da mais infantil curiosidade, e o dr. Alcides afastou-se um pouco, com ar meio desconfiado.

Desse momento em diante o médico ficou preocupado, e constantemente passava os olhos em Domingos, com um indisfarçável medo boiando-lhe no rosto.

Silvestre saía sempre dessas situações embaraçosas, puxando uma conversa qualquer. As palavras de Domingos o deixaram também num desapontamento terrível. Seria louco aquele passageiro? Nem ao menos uma pessoa podia encostar-se nele, ainda mais um doutor, e logo saía aquele destampatório repentino!

– O sr. sabe que o Gregório Arante matou o Nequinho de seu Sampaio, doutor?

– Acho que ouvi falar disso. Por que foi?

– Parece que o Nequinho andou fuxicando com uma filha do velho e depois não queria nem vê ela mais. Foi o velho sapecou fogo nele.

– E a menina?

– Sumiu. Ouvi dizer qui um viajante carregou ela pra São Paulo. Era filha única e o velho Gregório era viúvo. Agora ele vai curtir na cadeia dura, na certa, pois num tem dinheiro pra pagá adevogado.

Silvestre espiou Domingos, que estava olhando os troncos das árvores enfileiradas, sem descuidar-se do volante, depois continuou:

– Serviço feio eu vi poucos dias em Anápolis. Um gajo chegou de viage de repente e topou com um cara dentro do quarto dele. Foi na cozinha, panhou um ispeto e ispetou os dois na cama. Qui coisa feia, meu Deus!

O caminhão já estava próximo de Anápolis. Silvestre parou de conversar pois um automóvel estava buzinando atrás, numa insistência irritante, a pedir estrada.

O Chevrolet afastou-se humildemente, como um cão repreendido, e um Ford De Luxe passou de raspão, entupindo-lhe o focinho com a cauda volumosa de poeira vermelha.

– Vai tocá poeira no rabo da vó! – praguejou Silvestre. O médico levou o lenço ao nariz, fechando os olhos, e Domingos cobriu o rosto com as mãos.

– A disgrama nem agradeceu! Nem banou o rabo! Colega dos inferno! Esse carro é do Fiíco. Já choferou caminhão como eu mesmo, esse peste! Agora entrou na safadeza de nogócio de gasolina e vive de forde!

A estrada afundava-se agora mais pela mata. O calor da estação, aumentado pelo aquecimento do motor, devido ao terreno acidentado e pedregoso, produzia nos passageiros um amolecimento gradativo, e em poucos momentos estavam a cochilar,

movendo-se para um lado e para outro, como se estivessem sendo embalados numa rede.

Sem ter com quem conversar, Silvestre fazia um contínuo esforço para não ser vencido pelo sono, e estava movendo o volante mais pela força do hábito e pelo conhecimento que tinha da autovia.

O veículo parecia mais um monstruoso escaravelho, com a carroceria abarrotada e coberta por uma lona, movendo-se na sombra das grandes árvores debruçadas sobre a estrada.

XVIII

Domingos estava agora com os olhos voltados para o relógio do caminhão, cujo funcionamento parecia mais um cricri contínuo de grilo.

Em poucos instantes estava percorrendo os caminhos, naquele momento quase assombrados, do seu passado.

Sentado com Helena na sala de visitas de dona Mariquinhas, madrinha da moça, quando ela ali permanecia por alguns dias no período das férias, aguardando que seus pais a viessem buscar, ele costumava ficar entretido a olhar o vaivém preguiçoso do pêndulo de um grande relógio a um canto.

Somente gozava desses momentos até as dez da noite, pois o coronel Mendes e dona Mariquinhas costumavam ir para a cama a essa hora.

Certa noite Helena e Domingos combinaram em atrasar o relógio, antes que seu Mendes e dona Mariquinhas chegassem à sala.

O velho cronômetro já tinha idade de estar caducando, mas a memória era infalível e jamais se esquecia de dar a hora certa. Somente no inverno ficava com um pigarro forte, e sua voz rouca enchia a sala de sons desafinados.

Os ponteiros eram olhados pelos vizinhos para acertarem os relógios, relaxados como funcionários públicos em vésperas de aposentadoria. Na casa do coronel Abílio, próxima dali, havia um relógio que, de vez em quando, enjoado daquele serviço rotineiro, dava as horas de uma só vez, até acabar a corda. No dia seguinte lá vinha o mecânico para fuçar-lhe as engrenagens arruinadas.

A medida posta em prática por Domingos e Helena surtiu efeito e tia Mônica, uma velha preta da casa, logo cedinho, voltava os ponteiros cuidadosamente.

Seu Mendes tomava rapé e se queixava constantemente do reumatismo e da asma. Eram dois asmáticos na casa. Ele e o relógio. Dona Mariquinhas ficava horas longas falando de doenças e do seu tempo de moça, mas sempre afirmava que não acreditava em micróbios.

– Isso é invenção, Mendes! Doença é doença, mas essa história de bichinho que a gente não vê é tapeação!

– Mas os médicos têm aparelhos apropriados para ver, Mariquinha!

Enquanto os dois velhos se preocupavam com a vida microbiana, Domingos e Helena olhavam revistas e, às escondidas, suas mãos se encontravam constantemente.

Outros momentos havia roçar propositado de joelhos, mas ficava tudo somente nisso.

Às nove e meia Mônica trazia o café. Mais meia hora naquele namoro vigiado e Domingos tinha que sair. Dona Mariquinhas, infalivelmente, os acompanhava até a porta.

– Velha rabugenta do tempo do onça! – remoía Domingos. – Nem ao menos deixa a gente sozinho um momento siquer!

Quando saía dali, Domingos ia direitinho à casa de Taninha, filha da velha Ricarda, uma lavadeira que morava numa pequena rua à margem do Tocantins.

Da porta da casinhola se contemplava o grande rio lá em baixo. Taninha sabia do namoro de Domingos com Helena, mas nunca protestou, jamais apresentou indícios de ciúme, nem mesmo reclamou pela hora avançada da visita, pois somente depois que ele saía da casa de seu Mendes é que se lembrava dela.

Ele chegava e a encontrava sozinha à porta, sentada num tamborete, com outro bem juntinho. As mãos ao queixo, olhando o céu estrelado, ou com o rosto virado para o Tocantins, que era também como um pedaço de céu cheio de estrelas, despejado sobre a terra.

Muitas vezes a lua se tornava gêmea, e a do alto ficava vigiando a irmã a nadar preguiçosamente sobre as águas bonançosas do imenso caudal.

A velha Ricarda, àquela hora, já estava espichada sobre a cama, num sono pesado, soprando a espaços certos, como se quisesse inutilmente apagar uma vela invisível.

– Demorei muito?

Esta era a frase com que Domingos se apresentava à namorada paciente.

Taninha lhe estendia a mão e sorria. Seu sorriso se tornava mais encantador sob os efeitos do luar. Não respondia coisa alguma. Apenas sorria. Domingos não lhe soltava a mão e sentava-se no tamborete ao lado.

Quase não conversavam. Os amantes são geralmente como os cegos. Desenvolvem mais o tato do que qualquer outro sentido, e se entendem mais por essa linguagem muda do que propriamente pelo palavrear vazio e ensaiado, não raras vezes.

Taninha se entregava sem protesto, sem nem um gesto de contrariedade ou fastio, e Domingos lhe acariciava o corpo à vontade.

Certa noite de luar, à sombra projetada pelo beiral da casa, Domingos chegou a tê-la completamente nua em seus braços, completamente inconsciente ante o perigo da beleza de seu corpo.

Os instintos sexuais, porém, se detinham não somente ante a virgindade de Taninha, mas por respeito à sua condição humilde, à pobreza da velha mãe.

Não queria jogá-la à toa no mundo, pois não alimentava, positivamente, qualquer desejo matrimonial a seu respeito.

Os dois ficavam ali naquela angústia de desejos reprimidos, cegos, completamente cegos, entendendo-se apenas pelo tato, naquela linguagem lúbrica das mãos.

Aquela afeição era mais antiga, mais rançosa, do que o namoro que havia entre ele e Helena.

Taninha ficava muito contente quando a rival se internava no colégio, pois nessa ocasião Domingos se preocupava exclusivamente com ela.

Certa noite, em que Domingos se achava numa excitação anormal e Taninha estava pior ainda, ela virou-se bruscamente para ele, e falou com a maior naturalidade possível, com um brilho safado nos olhos.

– Por que não deita com a gente, bobo?

– Você está doida?

– O que que tem?

Domingos sentiu um choque em todo o corpo, que lhe tirou a excitação como um poderoso calmante, e Taninha continuava a fitá-lo, mais bonita ainda com aquele ar sensual que lhe afugentava do rosto o encanto infantil, para lhe dar um aspecto maduro de mulher experiente.

– Que bobagem é esta que você está falando, sua tontinha?

– O que que tem? O primo Silvinho fazia isso muito, quando a gente morava no sítio do pai dele...

Domingos ergueu-se e empurrou-a. Ficou com o punho erguido como se fosse esmurrar a noite, na suposição de encontrar em qualquer canto o rosto do canalha.

Ela ajeitou o vestido e ficou sentada, quieta, e seu rosto agora se achava marcado por uma profunda decepção.

Domingos sentia-se envergonhado por ter sido um idiota tanto tempo, somente adorando o corpo da namorada, como um objeto querido que contemplava diariamente, com verdadeiro fetichismo e guardava depois.

Agora, porém, considerava Taninha apenas uma mulher comum. Aquela confissão repentina o deixara num estado de indisfarçável ódio, que era apenas a explosão do amor ferido.

Compreendia, já muito tarde, que amava aquela menina, já mulher completa, devido à safadeza de um primo don-juanesco. Não possuía primas, e sentia naquele instante ódio de todos os primos, causadores de tantas desgraças.

Era impossível valer-se da situação, com a confissão espontânea da namorada.

Sentia um misto de raiva e dó de Taninha e as palavras lhe turbilhonavam na mente, sem acharem saída pela boca seca.

Depois de alguns instantes de angustioso silêncio, falou com voz abafada.

– Me dá um copo d’água.

Taninha ergueu-se e ele pôde contemplar, sob os efeitos do luar, aquele corpo tão belo, tão conhecido seu, de onde a virgindade havia fugido.

Havia quanto tempo?

De que lhe valeria esmiuçar aquilo? Somente lhe poderia trazer mais angústia, mais ódio, mais descrença.

Bebeu uns goles d’água e atirou o resto no terreiro, com um modo brutal.

– Obrigado. Boa noite.

Nunca mais quis voltar lá. Procurou esquecer, embora completamente martirizado, aquele namoro antigo, extinto por um golpe tão repentino.

Alguns meses mais tarde Taninha fugiu com um soldado de polícia de um destacamento que passara na cidade, e nunca mais soubera notícias dela.

Sentira-se mais tarde aliviado, porque seu maior receio era de vê-la atirada no meretrício, ali mesmo.

– O que que houve, companheiro?

– Uma disgraceira, Silvestre.

Domingos foi chamado de novo à realidade, pela voz de Silvestre, e pôde contemplar ali um quadro profundamente entristecedor.

Um caminhão estava tombado. Havia carga espalhada por todos os lados. O chofer estava com o braço esquerdo quebrado, embrulhado em panos.

À margem da estrada havia três cadáveres, cobertos da cintura para cima com um pano ensangüentado. Duas crianças e uma mulher.

Os outros passageiros estavam sentados sobre um monte desordenado de sacos de arroz, alguns furados pela violência do tombo. Os seus olhos estavam voltados para o lado dos cadáveres.

– Nunca tinha me acontecido isso – falou Arlindo, o chofer do caminhão sinistrado. – Não vinha correndo muito, pois sempre ando com cuidado, inda mais com caminhão cheio, mas um pneu estourou e o diabo do caminhão perdeu o equilíbrio no barranco.

– Quem morreu, Arlindo?

– Uma professora que ia para o norte. Mulher inda nova e inteligente, só tu vendo.

Domingos olhava os pés brancos das crianças e o lugar ensangüentado onde devia estar o rosto espatifado da mulher.

– Quando o pneu pipocou – continuou Arlindo – e eu titubiei na direção, por causa do solavanco do caminhão desequilibrado, ela abraçou com os dois filho que vinham com ela na boléia, junto comigo. Não sei como abriu a porta e saltou, mas caiu, agarrada com os menino.

Silvestre não tirava os olhos do braço são de Arlindo, agitando-se no ar para reforçar a descrição da horrível cena.

– O Ford despencou em riba deles como um trem doido. Achatou a cabeça dela que ficou como uma pasta, e espremeu as criança. Morreram quatro, porque ela

tava em estado interessante. O marido dela é aquele que tá perto dos defunto, abraçado chorando com os dois filho que resta.

– Coitadinha...

Quase todos os passageiros tinham ferimentos, apesar de não haver nenhum grave. Arlindo tivera o braço partido pela alavanca de mudança, quando o caminhão tombou.

– Eu levo você pra Anápolis e o pessoal, Arlindo.

– Obrigado, Silvestre. O Chiquito deve chegar agora mesmo com o caminhão dele pra levar a gente. Você tá com o Chevrolet carregado e dava muito trabalho. Preciso encanar esse braço velho logo sinão o negócio esfria, pois é capaz de aleijar a gente pro resto da vida.

Domingos ficou olhando para os cadáveres, e chegou mesmo a ver o rosto deformado e a cabeça esmagada da mulher. Viu claramente isto com seus olhos penetrantes, afiados pela imaginação efervescente naquele instante.

Mais uma vez a figura de Belinha lhe passou pela mente, de relance. “É melhor conduzir-se um filho dentro do vidro, conservado em formol, do que vê-lo jogado no monturo da vida!”

Aquela pobre mãe, percebendo a aproximação inevitável da morte, naquele momento angustiado em que o caminhão tombava, resolvera levar para as regiões do imponderável os filhos, a fim de não abandoná-los assim nesse depósito de lixo que era a vida.

Helena também levara o filho, que não chegara a ver a luz do sol a emitir raios sobre os vermes que enxameavam no monturo.

– Pra donde você ia, Arlindo? – indagou Silvestre, antes de pôr o motor em funcionamento de novo.

– Pra Santana. Lá eu largava essa gente. De lá eles se espatifava. Uns iam pro Pium, outros pra Bahia, de volta do Garça, outros ia pro Peixe, cheirar o que não sei.

– No Pium parece que não cabe mais gente, porque o povo que vai pra lá é um dispotismo!

O motor do Chevrolet roncou violentamente e o veículo se moveu com dificuldade, como um velho que se levantasse de uma cadeira e lutasse para desemperrar as pernas trôpegas a fim de andar.

À beira da estrada ficava mais um grupo dessa gente, que os desajustamentos sociais tornavam completamente nômade.

Pium – o polvo; Pium – o inferno, continuava a atrair gente de todos os recantos.

Domingos olhava de esguelha, enquanto o caminhão ia se arrastando preguiçosamente até pegar marcha regular, aquela gente que era perfeita salsugem, atirada para todos os lados pelo vendaval do destino.

XIX

– Vou descer aqui, Silvestre.

– Não vai até Anápolis, doutor?

– Fico na chácara do Alípio até de tarde. Você não vai me cobrar nada. Vai?

– Vou o quê. Pode ficá discansado, dotô.

O médico estendeu a mão a Domingos, que a agarrou frouxamente, como se fosse deixar cair aqueles dedos compridos e delicados, que havia tempos não pegavam da pena para engendrar uma receita sequer, mas apenas assinavam notas promissórias, cujo volume havia aumentado assustadoramente, sob a força da inflação e sob o império do zebu. – Muito prazer, meu amigo.

Domingos respondeu qualquer coisa, que mais pareceu com um grunhido.

– Silvestre, muito obrigado. Se precisar de mim, você sabe. É só buzinar.

O doutor Alcides desceu e dirigiu-se para a chácara que ficava a uns duzentos metros da estrada.

Domingos suspirou profundamente, como se estivesse esvaziando o íntimo da contrariedade que lhe causava a presença do médico, e sua fisionomia se desanuviou completamente, apesar de conservar-se com o mesmo ar fechado, que era um verdadeiro dique para qualquer brincadeira.

Esperou que o lugar onde estava sentado o doutor Alcides esfriasse um pouco e ajeitou-se melhor, pois sobrava espaço na boléia.

À margem da estrada já apareciam freqüentemente casas e casebres, ora isoladamente, ora agrupados, de modo a realçar mais ainda a sua aparência humilde, que permitia adivinhar-se a miséria que encobriam.

Ali estava encalhado o cisco humano, atirado pelas constantes marés que se verificavam em Anápolis, ponto terminal da estrada de ferro, onde a vida era um constante pesadelo, com uma agitação contínua trazida pelos apitos das locomotivas.

Aquela gente miserável, repelida mesmo dos subúrbios da cidade, que fincava o pé onde não havia muito tempo era apenas campo, sem meios de se acomodar nas zonas rurais, de onde as cercas de arame a expulsavam, agarrava-se à beira da rodovia, vegetando nessa espécie de zona de ninguém.

Num grupo dessas pobres moradias havia uma espécie de chalé, um grotesco arremedo dessa modalidade de habitação, com uma tabuleta pendente da porta, onde se lia: A FLUTARIA CERTANEIJA.

As letras desengonçadas e fora de prumo, feitas com piche, tinham mais o aspecto de bonecos desenhados por crianças.

Numa pequena sala o dono da frutaria picava fumo despreocupadamente, nu da cintura para cima, e somente ergueu a cabeça quando ouviu a voz conhecida de Silvestre, que parou o caminhão à porta.

– Cadê os abacaxi, Marinho?

O homem ergueu-se, todo preguiça e comodismo, lambendo a palha para enrolar o cigarro.

Pelas paredes havia cachos de bananas pendurados. Bananas raquíticas como crianças enjeitadas, e que muitas vezes apodreciam antes de amadurecer, tiradas antes do tempo pela necessidade que o dono tinha de vendê-las.

Em cima de uma tábua, suspensa por estacas, havia abacaxis espalhados, e uma gamela cheia de laranjas empoeiradas.

– Pensei que tu não se lembrasse mais deles. Tão aí.

– Traz os bicho qui vou levá eles agorinha mesmo, pois sou doido por essa fruita.

Seis abacaxis bonitos foram acomodados num canto da carroceria do Chevrolet.

– Inda fico te devendo seis cruzas, né? – falou Marinho.

– Pode guardá mais qui eu busco logo. Tu sabe qui eu moro é nesta estrada véia.

O caminhão movimentou-se novamente, e os gases da explosão, espremidos pelo silencioso, atiravam-se bufando pelo cano de escapamento, soprando a poeira fina do terreiro, poeira avermelhada que saltava em nuvens para dentro da venda humilde de Marinho.

Com a língua coçando de vontade de espichar uma conversa qualquer, Silvestre, logo depois da saída, começou a matraquear.

– Esse baiano véio é um home bão como quê. Tem um lote de cabecinha chata, pançudo e lumbriguento pra criá, pois a mulhé foi pro beleléu com uma picada de cascavel no ano passado. Agora ele tá arcando com a fiarama suzinho.

Uma picada de cascavel! Domingos se lembrou de que certa ocasião quase fora enviado à sepultura por uma gigantesca cascavel, quando regressava a Porto Nacional de uma viagem que fizera a Corumbá de Goiás, como encarregado de pequena tropa de um parente seu.

O preço do café naquela ocasião, no norte, era excessivamente elevado.

Um dos peões, o Adelino, era um cabra enfezado, arruaceiro como o diabo, mas péssimo no serviço e de uma moleza e falta de responsabilidade revoltantes. Logo Domingos e Adelino não “amarraram o cavalo junto”, conforme dizia o peão, e começaram uma rusga constante, que cada vez mais ameaçava tomar proporções, e terminar numa briga séria.

Era imprudência despachá-lo naqueles gerais que atravessavam, pois era humanamente impossível arranjar outro arrieiro naqueles ermos.

Certo dia, na descida de uma serra, um burro, que já se arrastava penosamente sob o peso das bruacas entulhadas de café, e cujo lombo era uma colcha de retalhos de cicatrizes e feridas novas, quase ia despencando no abismo, devido à cangalha que lhe queria passar pelo pescoço.

– Acuda o burro! – gritou.

Adelino olhava noutra direção, completamente indiferente.

– Acuda o burro, Adelino!

O peão parou o alazão magro em que estava escanchado, e ficou olhando a agonia do pobre animal, com um ar de perversidade tão acentuada que Domingos perdeu as estribeiras subitamente.

Largou o outro animal, de que estava consertando a carga torta, e correu para junto do velho burro, que fungava e esturrava angustiosamente.

– Ajude-me aqui, depressa, homem!

O arrieiro fitava-o com um ar de ironia capaz de enfezar uma lesma. Domingos sacou repentinamente de um Colt calibre 32, que adquirira quando servia no 6° BC, sediado em Ipameri, e apontou-o para Adelino, que arregalou os olhos por aquele gesto inesperado, pois sempre considerava Domingos um maricas, que trazia a arma à cintura apenas como enfeite.

A mão de Domingos estava firme, e os olhos fuzilavam, mais ameaçadores do que a boca da arma, cujo intestino devia estar entulhando e prestes a vomitar fogo mortífero.

– Desça daí imediatamente, seu bandido, do contrário lhe encho o bucho de chumbo agora mesmo!

Adelino saltou rápido do animal, e foi aos pulos socorrer o burro. Olhava desconfiado para o patrão, que já havia guardado o Colt.

Desse dia em diante o ambiente ficou ainda mais carregado entre o patrão e o camarada. A coisa piorou repentinamente quando uma velha, acompanhada de uma cabrocha e de um menino sardento, e que coçava constantemente a cabeça, onde os piolhos disputavam o sangue aguado pela maleita e pelo efeito das lombrigas, pediu a Domingos:

– O sinhor podia deixa a gente acompanhá a tropa até daqui dez légua, pra casa de meu genro? A gente tem comida e jeito de fazê cama. O sinhor deixa a gente segui incostado na tropa, moço?

– Não há mal nenhum nisso – respondeu Domingos.

– Deus mesmo é qui há de ajudá o sinhor, seu moço.

Domingos deve ter dito um “amém”, que não chegou a ser ouvido com clareza.

– Esse aqui é o Chiquinho, meu neto. Anda impalamado qui só o sinhor vendo. Essa aqui é a Tonica, minha sobrinha. Largou o marido faz pouco tempo e tava de déu in déu, mais por inquanto tá direitinha, benza Deus. Vai passá uns dia com a gente. O marido é um porquera de cachaceiro e fazedô de frege. Qualqué dia desse furmiga tá passiando nos zóio dele, não demora. Tonica pode ficá livre e ranjá outro incosto.

Tonica era jeitosa, bonita mesmo, e sorriu, mostrando os dentes alvos, areados com fumo e cinza, todas as manhãs.

Adelino começou a devorá-la com os olhos brilhantes de sensualismo, mas os olhos safados da cabrocha estavam voltados para Domingos, num revirado que era mais um convite indisfarçável, uma promessa furtiva.

Teriam que passar duas noites juntos, pois a marcha com animais carregados numa jornada longa daquelas, atingia no máximo cinco ou seis léguas diárias.

A principio Domingos não ligara muita importância a Tonica, mas alguns momentos depois não tirava os olhos do seu corpo, que se movia em passos miúdos e rápidos, num ritmo de dança selvagem, andando um pouco fora do caminho, para evitar a poeira, que se levantava revolvida pelas patas dos animais.

Quando chegaram ao pouso, a velha e Tonica se ofereceram para cuidar da comida, enquanto Adelino e Julião, outro camarada que viajava com Domingos, foram procurar melhor pastagem para os animais.

Julião era calado, não era lá muito bom no serviço, mas desempenhava as obrigações com capricho, e ficava na retaguarda com um lote de burros, o menor, enquanto o restante era conduzido pelo patrão e Adelino.

Julião tinha uma forte lerdeza, e Adelino, quando queria, era um arrieiro e tanto, de uma loquacidade espantosa, perito em anedotas imorais, mas empurrava a maior parte do serviço para as costas do companheiro.

Depois do atrito que tivera com o patrão, mais agravado ainda com a presença de Tonica, que não lhe dispensara a mínima atenção, Adelino tornara-se macambúzio,

e somente abria a boca para dar passagem aos demônios que lhe turbilhonavam no íntimo.

– Diabo! Disgrama! Capeta dos inferno! Lazeira! Diabo, diabo, diabo!

O xingatório de Adelino, especialmente à noite, ecoava pela mata, arrepiando a folhagem trêmula das árvores, de onde os próprios espíritos maus pareciam fugir espantados.

Se ia colocar a peia num burro, emendar uma correia, suspender uma bruaca pesada, ou mesmo armar a rede no pouso, desembestava logo num xingatório doido. Transformara-se numa espécie de arma de repetição.

– Diabo! Disgrama! Diabo, diabo, diabo!

Se levava uma topada em qualquer toco, a saraivada de nomes feios era o remédio para curar o dedo machucado.

A velha Raimunda, tia de Tonica, persignava-se todas as vezes que Adelino enchia o ar com seu palavrório de renegado, e resmungava ou cochichava aos ouvidos do neto: – Tape o ouvido, Chiquinho! Te desconjuro, home doido! Não aprenda essas coisa não, minino, sinão te encosto o couro no lombo! Te arrenego, trem dismiolado!

Já era tarde, quando o único sinal de vida no acampamento eram algumas brasas meio amortecidas sob a trempe, que sustentava a panela onde o feijão se cansara de pinotear e estava dormindo no fundo do caldo. Domingos estava acordado, esmiuçando o céu estrelado, e com o pensamento povoado com a lembrança de Helena.

A imagem da noiva, a quem não via desde o começo daquela viagem de sofrimentos, estava ali junto dele, de mistura com a brisa noturna que agitava as franjas da rede.

Subitamente ouviu uns estalidos de galhos secos e aguçou o ouvido. Quase soltou um grito quando alguém deitou-se na rede.

O seu primeiro impulso foi agarrar a garganta daquela visita fora de hora, e chegou a julgar mesmo que fosse o arrieiro que desejava vingar-se.

Estendeu os braços, com os dedos crispados num gesto de defesa, mas sentiu entre as mãos os cabelos macios de Tonica.

Seus braços recuaram frouxos, por certa timidez e desapontamento, e o cheiro de brilhantina do cabelo da cabrocha, o calor de seu corpo esfregando-se no seu, tudo isto lhe ateou fogo nos instintos.

Nem sequer empurrou a sertaneja, e até chegou a ajeitar um pouco as bordas da rede para que ela se acomodasse melhor.

Quase de madrugada já, Tonica voltou à cama, feita propositadamente um pouco distante de onde estava estirada a tia. Domingos ficara roncando, com os membros em bagaço, num sono largado, exausto.

Àquela hora as brasas se achavam completamente apagadas, e apenas os olhos de Adelino, abertos até de manhã, pois não conseguira dormir, estavam incendiados, na meia escuridão que envolvia ainda a redondeza.

O arrieiro presenciara toda a cena e, logo cedinho, se levantara, juntamente com Julião, a velha Raimunda e Chiquinho. Domingos continuava a ressonar, e Tonica somente se levantou, um pouco atarantada, com um forte beliscão da tia, pois estava deitada de mau jeito.

Adelino estava com uma carranca medonha e foi buscar os animais, enquanto Julião consertava as cangalhas e emendava pedaços de relhos.

Em poucos instantes ouviu-se o xingatório de Adelino, já de volta com os burros. Chegou e foi até junto a um monte de cangalhas, apanhar um cabresto. Ficou por muito tempo com os olhos fixos em certo ponto, por baixo das cangalhas, e um sorriso forçado, como um relâmpago sinistro, lhe tirou o azedume da cara.

Começou a cantarolar, a assoviar, e de repente virou-se para Domingos, numa alegria esquisita que não passou despercebida do patrão.

– Vancê sabe, seu Domingos? Hoje tá um dia bão pra gente viajá cedo. Julião não dá no couro, vancê conhece ele. Quem sabe se o sinhor não qué ajudar a gente um tiquinho, pra coisa rompê logo? Enquanto eu vou arrumando os bicho vancê podia trazê aquelas cangaia pra gente.

Desconhecendo a verdadeira intenção daquela proposta de paz repentina, Domingos dirigiu-se para as cangalhas a fim de ajudar o arrieiro.

Já havia retirado umas quatro cangalhas, quando a velha Raimunda desmanchou o silêncio reinante naquele momento, com um grito esparramado, semelhante a uma gata enorme com o rabo pisado.

Domingos e Tonica correram para ver o motivo daquele espanto. Julião apenas ergueu a cabeça e ajeitou o cigarro na boca. Adelino ficou enfarruscado novamente, com ar de expectativa.

Em baixo das cangalhas, com a língua bipartida esgaravatando o vazio, uma enorme cascavel estava com o bote preparado, à espera de que Domingos tocasse mais uma vez no local onde se enrodilhara durante a noite.

Domingos levou a mão ao Colt e dois tiros reboaram, enquanto a velha Raimunda tapava os ouvidos com as mãos magras e cheias de manchas.

Com o revólver ainda em ponto de acionar o gatilho, encarou Adelino, cujos lábios tremiam, como se quisessem despregar-se de sua cara, que naquele instante tinha a cor de cera mastigada.

Domingos guardou o revólver e foi arriar o burro. A velha Raimunda, refeita do susto, afastou-se resmungando.

– Te esconjuro, bicho peçonhento, qui dele me livre São Bento!

A armadilha do peão falhara, e o seu desejo de vingança ficara completamente a descoberto.

XX

A entrada de Anápolis, em frente a uma casa em ruínas, havia grande multidão apinhada, com ar de intensa curiosidade.

De dentro daquela morada humilde vinham gritos desesperados de uma mulher.

– Mataram meu filho! Assassinos! Mataram meu filho!

Silvestre parou o caminhão e indagou de um conhecido.

– Qui fuzuê é esse aí pra dentro, Maneco?

– A Catarina, aquela qui faz mais de ano ficou viúva, tu se lembra dela?

– Sei quem é.

– O marido dela morreu de gripe braba com febre lá no garimpo do Fundão.

– Mais o que aconteceu?

– A coitada vivia dando um murro danado, direita feito uma santa, lavando roupa, cozinhando pra um e pra outro pra sustentá a fiarada. Aquela velha, daquele rancho ali perto, é qui contou o caso direito pro delegado. Eles nem quiseram prendê a coitada. Adonde é qui vai botar gente louco?

Maneco interrompeu a história um instante, pois Catarina ficou furiosa e foi preciso ser segurada com força por dois homens fortes, companheiros de garimpo do marido da louca.

– Como ia dizendo, Catarina chegou da lavagem de roupa e tava estendendo os pano num sol quente de amargá. Lá dentro o fogão tava apagado. A meninada tava chorando com fome. Vai numa hora o caçula, um guezinho de dois ano, ficou agarrado na saia dela, pedindo comida.

Domingos, ao contrário das outras vezes, estava prestando grande atenção à narrativa.

– Certa hora – continuou Maneco – ela virou a mão e deu um sopapo no pançudinho. Ele caiu de costa e bateu com a nuca numa pedra. Foi a conta. Quando ela viu o minino não levantar e viu sangue na pedra, agarrou o bichinho nos braços, mas ele já tava morto. Ficou logo doida varrida.

Maneco parou um pouco, passando o pé no pára-lamas do caminhão, e rematou a história sinceramente penalizado, o que se notava no timbre de sua voz.

– O coitadinho foi enterrado ontem. Ela tá do jeito qui você tá vendo.

– Assassinos! Mataram meu filhinho!

Catarina, passado o acesso de fúria, desatou num choro triste e, como se estivesse à frente dos algozes que lhe haviam trucidado o filho, os quais ela parecia ver como monstros povoando o mundo de sua loucura, tornou-se suplicante, humilde.

– Por que fizeram isso? Ele era tão bonzinho... Ele estava com fome... Eu ia arranjar comida pra ele... Por que fizeram isso?

De repente ficou furiosa outra vez.

– Miseráveis! Matar uma criança! Assassinos!

Domingos estava com um olhar significativo para dentro do casebre, todo atenção, e os olhos de Silvestre estavam ligeiramente molhados.

– Que coisa esquisita, meu Deus! – falou o chofer balançando a cabeça. Pra mim chega de ver tanta miséria!

Acelerou o motor do Chevrolet e foi andando devagarinho, com os olhos voltados para o casebre, que era teatro de tão comovente cena.

Domingos ficara completamente abalado com o que vira. Talvez porque havia noites seguidas que não dormia bem, os seus nervos estavam frouxos.

A figura de Belinha tornou a espiar o corredor sombrio, que era o seu pensamento naquele instante. Estaria louco também? Por que a imagem de sua esposa querida se escondia tão teimosamente por trás de sombras estranhas, enquanto a presença de uma desconhecida o torturava daquela maneira?

Considerava aquilo um verdadeiro castigo, pois fora um covarde, ao aceitar o convite de Badico para ir a um lugar tão incompatível com sua situação de casado.

Daí esse recalque, essa angústia, essa espécie de loucura em potencial a que chegara, contaminado diabolicamente pelos modos daquela mulher desmiolada. Um sentimento de tremenda culpa lhe punha n’alma um intenso medo de fitar Helena por entre as cortinas da morte.

Apenas palestrara, por culpa daquele pau-d´água, que era Badico, descarado e imoral, com aquela mulher cujo sensualismo desproporcionado, como se poderia verificar pelo seu olhar penetrante, ensombrado pelos cabelos caídos na testa, fora monstruosamente desvirtuado por um forte desengano amoroso. Daí a horripilante mania de ficar conversando com um feto engarrafado, que lhe criara no subconsciente um mundo sinistro, onde ela se refugiava completamente nas horas de solidão.

Domingos sentiu-se revoltado, misto de revolta e de vergonha, pela falta de resignação ante o desaparecimento da esposa, e mais ainda por sentir-se incapaz de desembaraçar-se da presença de Belinha. Tudo concorria para que ele buscasse, automaticamente, a paulista infanticida, igual a Catarina. Apenas tinha uma diferença da pobre mulher que matara, involuntariamente, o filhinho faminto. É que a loucura de Belinha era mansa, contagiosa, e passaria despercebida a qualquer homem menos observador, que com ela tivesse contato.

Domingos chegou, em certo momento, a odiar o filho que não conhecera. Ele fora um matricida, pois Helena morrera por sua causa.

Sentia-se incapaz de mudar de vida, esquecer por completo o passado, como fizera o tio Januário

Cada vez mais via, apavorado, o pandemônio de Pium agarrado à sua vida, se é que se podia chamar de vida aquela estagnação a que chegara, completamente deslocado da sociedade, martirizado por aquela idéia de que somente tarde, quando a perdera para sempre, é que descobrira que amava loucamente Helena.

Teve um suspiro de alívio quando começaram, subitamente, a perpassar pelo seu pensamento, enquanto o caminhão já estava em pleno centro da cidade, os fantasmas de Zé do Carmo e de sá Zefa. Sentiu-se alegre pela certeza de que, depois dos amigos mortos, Helena ali estaria também, mas a esposa, que agora buscava sem cessar, se mostrava cada vez mais esquiva, como a aconselhar-se a fuga para o esquecimento, para o início de uma nova vida.

Silvestre se afundava pelas ruas estreitas e movimentadas, acenando constantemente para os inúmeros conhecidos e amigos, e Domingos, durante aqueles curtos instantes, dava um mergulho comprido nos dias agitados de Pium, protegido pelo escafandro daquela idéia fixa, que era encontrar de qualquer maneira a esposa morta.

A principio Domingos recebera o ar bonachão de Silvestre, os seus modos ingênuos, com certa reserva. Chegou mesmo a odiar a sua conversa desengonçada, o seu jeito meio espalhafatoso em certos momentos, mas durante a viagem começou a gostar do chofer, da sua maneira original de angariar amigos, de sua sede constante de conversa. Silvestre era um desses heróis desconhecidos daquele mundo dantesco em que os caminhões se movimentavam dia e noite, correndo todos os riscos, enfrentando dificuldades de esmorecer.

Havia momentos em que Domingos odiava a roupa preta, porque ela o isolava completamente do mundo, dando-lhe a impressão de que estava constantemente a velar o caixão da esposa. Especialmente porque verificava, naquela semi-alucinação, que o caixão estava completamente vazio, pois Helena fugia dele irremediavelmente.

Apenas se agarrara a seu pensamento aquele nome mal-assombrado – Pium – que ele agora considerava como um charco, em que surgira de modo singular uma flor do mal, sinistramente bela e diabolicamente perigosa, indecifrável, que era Belinha, e onde desaparecera esse lírio puro que era Helena.

E ali estava ele agora como um perfeito molambo humano, incapaz de fugir ao passado, sem forças para esboçar uma reação a fim de penetrar numa nova vida. Afundava-se na angustiosa busca da imagem de Helena, afugentada pela presença demoníaca da mãe de Mauro – o gorila que tentara estrangulá-lo em sonho.

Quando criança, ouvira falar de gente que chocava ovo debaixo do braço, depois de haver rezado o São Marco Brabo numa encruzilhada, à meia noite de sexta-feira. Após três dias de febre intensa, daquele ovo nascia um diabinho que era posto numa garrafa. Aquilo que Belinha trazia na garrafa não era feto, não se chamava Mauro, mas era o próprio diabo. Por isso é que ela conseguira enfeitiçá-lo daquela maneira, dominando-lhe o pensamento e colocando-o nessa tortura contínua.

Se ao menos pudesse rezar, como fizera a tia Corina, naquela noite tempestuosa em que o tio Januário fugira, poderia livrar-se desse constante pesadelo, mas não possuía mais crença, sua alma havia se diluído no tremendo golpe que recebera com a perda da esposa, ficara somente a carcaça à-toa, onde Belinha e o seu diabinho passeavam sem cessar, dominadores e terríveis.

“Como é que você foi unir o seu destino a um coió como o Domingos?”

Coió! Sim, era isso mesmo. Coió, idiota, ambicioso, insensato !

Certo de que poderia fabricar fortuna facilmente, como acontecia a muitos comerciantes inescrupulosos, jogara Helena naquele formigueiro humano, onde somente havia uma lei – o dinheiro; onde somente predominava um instinto – a ambição, e onde somente havia um soberano – o cristal.

Covarde – era o nome que merecia.

Silvestre, apesar de ignorante, era um perfeito herói, porque soubera construir o seu mundo, onde vivia satisfeito, proporcionando benefícios a muita gente, e fazia uma análise rápida de qualquer problema da vida, com as mesmas palavras que usava para descrever o funcionamento do motor de seu caminhão.

Naqueles poucos minutos que precederam o quadro impressionante da mãe assassina, Domingos havia feito uma grande viagem de volta, percorrendo os sinuosos caminhos do passado, de onde voltara ainda mais torturado pela ausência de Helena, em todos os pontos onde pudera estacionar.

A voz de Silvestre, que havia se conservado mudo, enquanto fazia rodar o caminhão pelas ruas, veio tirá-lo daquele estado de delírio.

– Em qual hotel o senhor quer ficar?

– Em qualquer um. Uma noite nada vale.

– Tem este aqui, serve?

À frente de um casarão de paredes já descascadas se lia o seguinte: HOTEL DOS VIAJANTES.

– O povo fala que as vasia de dormi e de comê nessa toca não é muito boa, mas a bóia serve.

– Vou ficar aqui.

Ao despedir-se de Silvestre, Domingos apertou-lhe a mão demoradamente, e pôde dizer apenas isto:

– Silvestre, não me queira mal. Desculpe a má companhia. Você é um grande homem, pode estar certo disso.

XXI

Quarto imundo. Uma cama que chiava, como se debaixo dos lençóis houvesse um ninho de ratos. Domingos olhou-se ao espelho quebrado, pendente da parede encardida.

Teve um susto. Decididamente estava escangalhado. Aqueles poucos meses de solidão, de acabrunhamentos, de semi-loucura, haviam feito grandes estragos em seu físico, esburacaram-lhe a fisionomia.

Consolava-o a certeza de que, no dia seguinte, estaria livre de Pium, pois entraria para a caserna, onde um sargento carrancudo o obrigaria imediatamente a fazer a barba. Isto mesmo. Fazer a barba já era uma grande coisa. Somente obrigado

pelo férreo regulamento militar ficaria livre daqueles cabelos onde estavam emaranhados, tinha certeza disso, Belinha e seu gorila engarrafado.

Não podia compreender uma coisa daquelas. Se fosse um viúvo sapeca, que logo após a morte da esposa estivesse de olho em cima das moças carnudas, ou dos brotinhos, que eram as meninotas sirigaitas e com ares de artistas, ainda vá lá.

Cumprira o dever social. Derramara lágrimas sinceras sobre o caixão de Helena, vestia-se de luto, deixara a barba crescer, pagara todas as visitas de condolências uma por uma.

Enfurnara-se no acabrunhamento, numa espécie de resguardo de janelas fechadas.

Por que não conseguia ter contato espiritual com Helena? Por que aquela angústia, aquela busca teimosa e improfícua? Seria a repulsa do espírito de Helena, por ver que também ele não passava de um verme rastejante, nesta bola de cisco condenada a girar eternamente no vazio?

Afonso, um dos seus amigos de infância, também ficara viúvo. Com menos de seis meses já estava de namoro com uma franguinha de seios fartos, sua vizinha, e que sempre o chamava de “ti Fonso”, quando passava pela porta. Muitas vezes até lhe pedia a bênção.

Repetidas tardes ele viu Afonso com a menina ao colo, brincando como um pai amoroso, e agora devia estar com ela daquela forma mas para qualquer descaramento. Para realizar-se aquele casamento foi necessário ser aumentada a idade da falsa sobrinha de Afonso.

Depois de casado, porém, Afonso sempre falava na primeira esposa, elogiando-lhe as qualidades, provando assim que ela permanecia junto dele, mesmo depois de conseguir libertar-se do império microbiano.

Afonso e Biloca transformaram-se num legítimo par de gatos. Amavam-se aos gritos, arranhando-se mutuamente, num sadismo anormal.

E ele nem coragem tinha para falar no nome de Helena. Era a maldição de Pium, onde a exploração do homem pelo homem corria de rédeas soltas, que pesava sobre seus ombros.

Era o castigo daquela idéia fixa, a sombra daqueles dois monstros, Belinha e o gorila, seguindo-o por toda a parte.

No refeitório o rádio do hotel estava ligado. O noticiário da guerra prendia todas as atenções. As Forças Expedicionárias Brasileiras já haviam estabelecido contato com os nazistas.

Domingos sentiu medo de ser julgado incapaz para fazer parte da FEB. Seu desejo era ir lutar também, logo após ser submetido ao preparo suficiente, ao lado dos bravos pracinhas, onde havia muitos cabeças-chatas como ele.

O suicídio era uma deserção imperdoável, e todo desertor devia ser punido rigorosamente.

Nos campos de luta da Itália teria oportunidade de fazer qualquer coisa de digno, e sua alma poderia deixar a carcaça imunda no meio do campo, sem ter nojo, como deveria ter asco, se o deixasse emborcado sobre uma mesa qualquer, com um revólver na mão ou um copo de formicida, e uma carta besta de um lado atraindo apenas, como um bando de urubus famintos, os curiosos das esquinas.

Passaram pela rua três moças, como três gralhas tontas. Pela primeira vez Domingos chegou até uma janela, atraído por gargalhadas femininas.

Não eram nada feias. Nem de corpo, nem de fachada. Três reservatórios de sensualismo, três diabos em forma de gente. Acompanhou-as com o olhar até dobrarem uma esquina, rebolando indiferentes.

Depois de passar uma escova no terno preto surrado, dirigiu-se para o refeitório. Foi até uma mesa vazia, com passos desconfiados, meio vacilantes. Todos os olhares despencaram irremediavelmente em cima dele. Baixou a cabeça, como se sentisse vergonha de tudo e de todos, como um criminoso que entrava numa sala de júri.

Não passava agora de um simples saco cheio dos mais terríveis complexos.

Ao lado, em outra mesa, onde se viam duas cadeiras emborcadas, assinalando lugares reservados, um gorducho batia com o garfo no prato, ora no centro, ora na borda.

Plingue, lengo, plingue, tengo, plingue, tengo!

Horrível! Aquelas pancadinhas perfurantes, cacetes, não eram dadas no prato, mas em cima do miolo de Domingos.

Plingue... tengo... plingue... tengo...

O músico imprudente havia horas que diminuía o compasso, como se estivesse executando um solo molengo, depois um maestro oculto, que devia ser o gorila de Belinha, o obrigava a acelerar a execução novamente.

Plingue, tengo, plingue, tengo...

Domingos estava suando frio. Teve um ímpeto de levantar-se e arrebatar o garfo das mãos daquele sujeito, enfiá-lo na sua careca até o cabo. Sim, bem em cima daquela careca cor-de-rosa e brilhante.

– O que qui há de novo, velhinho?

Ergueu a cabeça, julgando que aquela brincadeira sem graça lhe era dirigida, mas sentiu-se aliviado por ver um sujeito magricela e de ar cínico sentar-se ao lado do gorducho.

A música endiabrada parou, e o garfo pôde descansar sobre a toalha, furada aqui e acolá.

– Sempre na boa vida, né? Por isso é que digo. Tem gente que não precisa dar murro pra se encher do bronze. Nasceu com o ganhador aberto. Quem trabalha muito não tem tempo de ganhar dinheiro.

O gorducho apenas sorria, começando a encher o prato de feijão. O garçom estava servindo a sua mesa.

– Sujeito de sorte! – continuou o outro. – Ficou cheio da gaita sem fazer força. Filho da mãe! Nunca foi no Pium, nunca viu como é que se tira cristal, e ficou rico, subiu feito um foguete, fazendo tramóia daqui mesmo com as pedras.

O novo-rico sorria gordurosamente, sem nada dizer, com o intelecto incapaz de funcionar, dominado completamente pelo sebo.

– Sim, senhor! Nunca foi no Pium e soube se aproveitar de toda a miséria dos garimpeiros dali. Sim, senhor! Sujeito largo!

Subitamente surgiu outro fulano de um quarto próximo, ajeitando a gravata nervoso. Alisou o bigode estreito várias vezes, com ar de afobação, e sentou-se na outra cadeira reservada.

O gorducho continuava a sorrir, pondo grandes pedaços de bife na boca pequena. Parecia um pimentão maduro, que alguém estivesse enchendo de carne para algum guisado.

– Estava falando aqui para o Nicácio sobre a largura dele no negócio do cristal. Sujeito filho da mãe! Vai ser largo mais adiante!

– Isto é um fenômeno da época – disse o afobado. – Estamos num regime inflacionário e em conseqüência há uma fábrica, em série, de riquezas. Outros se afundam no caos.

– Não quero saber de fenômeno, nem de coisa nenhuma! Só sei é que nós damos um murro danado viajando seca e verde neste sertão bruto, sujeitos à velhacaria dos fregueses, a chateação dos patrões, e o dinheiro vem pingando, desmilingüido.

– Estou muito satisfeito com a minha profissão. O viajante tem uma função social digna de nota, meu caro. Você não está à altura de avaliar o que representamos no progresso do país.

– Que função social, que progresso do país, que coisa nenhuma! Conversa mole. Já vem você com suas teorias bestas de foca domesticada. Olha aqui o Nicácio. Que função tem ele em coisa nenhuma? Ninguém sabe onde ele está socando tanto dinheiro...

Dentro do refeitório havia um zunzum de cortiço assanhado. Todos conversavam, e o rádio continuava a dar, quase a intervalos certos, as últimas notícias da frente italiana.

– Mas cada indivíduo tem uma parcela de responsabilidade...

– Vamos parar! Vamos parar! Não gosto de discutir essas bobagens. Falo é no duro, mostrando a coisa tal como é. O Nicácio ficou rico é porque é esperto e não foi besta de enfrentar a miséria de Pium.

A bola de sebo sorria constantemente.

Pium! Domingos começara a comer, já completamente aliviado da tortura que lhe trazia a lembrança daquele formigueiro humano, um perfeito pandemônio, e vinha agora um papagaio dos diabos cutucar-lhe a memória com a língua pontuda.

Levantou-se da mesa, largando a refeição ao meio, e novamente todos os olhares ficaram apontadas para ele, como se fosse um criminoso cercado por policiais de armas em punho.

Passou o cerco rapidamente e embiocou-se no quarto. Já era noite. Preparou-se para dormir, mas sentiu arrepios ao pensar nos ratos invisíveis que chiavam sob o colchão. Nicácio – o bola-de-sebo, com o estômago cheio de comida daquele jeito – talvez nem reparasse que havia ratos chiando em sua cama.

Que bom deveria ser um bola-de-sebo, sem alma, sem problemas, sem preocupações com seus semelhantes, sem ter um mundo interior que o perturbasse. Apenas bola-de-sebo. Deveria ser interessante, os ratos invisíveis roendo o bola-de-sebo, e ele completamente insensível. Deveriam roer-lhe primeiro a careca cor-de-rosa, semelhante a um queijo flamengo. Depois a bola da orelha, depois os pés chulezentos. Morreriam de indigestão, os bichinhos, de tanto sebo.

Do refeitório vinham gargalhadas contínuas. Não era Nicácio – o bola-de-sebo. Ele não gargalhava. Talvez fosse o viajante preocupado com questões sociais.

Não, esse também não. Era um constante torturado. Devia ser o papagaio destaramelado que confessara ter inveja do bola-de-sebo. Mas os ratos dariam cabo do gorducho.

Um dos hóspedes alteou o rádio e, mesmo assim, pregou o ouvido no alto-falante. A guerra já estava sem graça, insossa, pois os super-homens já estavam em completa debandada.

Domingos, antes de trocar o terno preto surrado, lembrou-se de fechar o quarto. O gorducho ia passando bem em frente, sorriu, inclinando-se para cumprimentá-lo. Foi rebolando pelo corredor, com as mãos ocupadas em afrouxar o cinturão, para dar um pouco de folga à pança quase pra estourar.

Domingos espichou-se na cama e ficou de olhos fixos no estuque, onde mosquitos lerdos passeavam. Ficou entretido a vê-los descer pelo fio da luz, mas esse divertimento começou a transformar-se numa tortura, quando os bichinhos começaram a passear pelo seu rosto, fazendo-lhe cócegas nos pés, na ponta do nariz. Especialmente na ponta do nariz. Que vontade louca de dar um espirro que abalasse toda a cidade, fizesse tremer o bola-de-sebo, espantasse todos os ratos do hotel!

Retirou os olhos do estuque e forçou-os a escorregar devagarinho pela parede suja, esbarrando nos buraquinhos, nas manchas, até um cabide velho. Acima do cabide uma figura de mulher numa propaganda de sabonete.

Maldição!

Aquela inocente estampa era a cara de Belinha fielmente reproduzida! Aquele olhar selvagem e de uma beleza diabólica ali estava com toda a sua força.

Domingos correu os olhos aflitos pela mesa, à procura do feto engarrafado, e sentiu até vergonha pelo pavor de que se achava possuído, chegando a ponto de ter vontade de convidar o gorducho para ocupar a outra cama ao lado.

O gorila deveria estar ali por perto. Levantou o braço e alcançou o interruptor. O quarto ficou em trevas. Foi pior. Os olhos de Belinha cresciam nas sombras. Não eram mais dois olhos. Era um olho só, roído de tracoma, pingando pus, fincado sobre ele.

Acendeu a luz de novo, e com o movimento que fez, os ratos invisíveis protestaram, por ter sido perturbado o seu sossego. Chiaram às suas costas.

Ergueu-se num gesto estabanado e quase de louco furioso, arrancou a estampa de propaganda de sabonete, rasgou-a em pedacinhos e atirou-os pela janela que dava para a rua.

Abriu a mala nervosamente, jogando camisas, cuecas, lenços, gravatas e alguns objetos, desordenadamente pela cama, e retirou dali um retrato de Helena, no tempo em que ela havia concluído o curso normal.

Leu e releu a dedicatória: “A Domingos, com toda a sinceridade de sua noiva Helena.”

Esmiuçou os traços firmes daquela letra bem feita, e pela primeira vez, depois de tanto tempo, começou a sentir uma paz de espírito tão grande que teve a impressão de estar mais leve.

Sentiu-se aliviado da tortura constante. Finalmente a havia encontrado. Helena deveria estar perto dele, bem pertinho, pois somente ela seria capaz de dar tanta paz ao ambiente, antes empestado com a sombra impressionante de Belinha.

Colocou o retrato de Helena no lugar onde estava a estampa de sabonete e deitou-se de novo, sem tirar os olhos do rosto ligeiramente austero da companheira tanto tempo perdida, e que encontrara no caminho cruzado da casualidade,

Teve a impressão de que ela lhe alisava os cabelos levemente, como fazia em vida, antes de adormecer ou em horas de folga, e em que ele ficava de olhos fechados como um papagaio manhoso, em cujo cocuruto se catava piolho.

Um pensamento infantil veio auxiliar Domingos a dormir mais depressa. Antes de pegar o trem das cinco horas para se apresentar ao seu batalhão, iria ver os estragos feitos pelos ratos em Nicácio – o bola-de-sebo.

O sono seria uma ponte levadiça sobre o abismo que o separava de Helena, e a morte certa no campo de batalha uma redenção à sua constante tortura espiritual.